

CENTRO DE TECNOLOGIA DA INDÚSTRIA QUÍMICA E TÊXTIL

FACULDADE SENAI CETIQT

CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

MIGUEL COSTA HERBURGO PUSSENTI

***HOC EST ENIM CORPUS MEUM: AS VESTES LITÚRGICAS NA IGREJA
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA***

Rio de janeiro

2025

MIGUEL COSTA HERBURGO PUSSENTI

***HOC EST ENIM CORPUS MEUM: AS VESTES LITÚRGICAS NA IGREJA
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA***

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Design.

Orientador: Natalia Chaves Bruno

Rio de janeiro

2025

**Dados de catalogação-na-publicação (CIP), conforme Código de
Catalogação Anglo-Americano (AACR)**

Pussenti, Miguel Costa Herburgo.

P987h HOC EST ENIM CORPUS MEUM: As Vestes Litúrgicas na Igreja Católica Apostólica Romana / Miguel Costa Herburgo Pussenti. – Rio de Janeiro – RJ, 2024.

XIV, 200 f.: il; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Design Faculdade SENAI CETIQT, Rio de Janeiro – RJ, 2024.

Orientadora: Prof. Natalia Chaves Bruno.

Inclui referências.

1. Design de Moda. 2. Vestes Litúrgicas. 3. Catolicismo. I. HOC EST ENIM CORPUS MEUM: As Vestes Litúrgicas na Igreja Católica Apostólica Romana. II. Natalia Chaves Bruno. III. Faculdade SENAI CETIQT.

CDU: 391:27-443.5

Ficha catalográfica preenchida pelo aluno, e revisado pela Biblioteca SENAI CETIQT. Bibliotecário: Robson Soares Cruz / CRB 7ª nº 6475

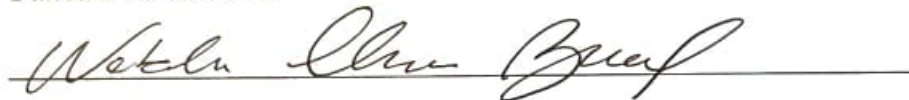
MIGUEL COSTA HERBURGO PUSSENTI

HOC EST ENIM CORPUS MEUM: AS VESTES LITURGICAS NA IGREJA
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Design de Moda, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design de Moda.

Data de Aprovação: 02/07/2025.

Banca Examinadora:



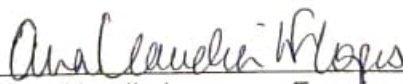
Natalia Chaves Bruno
Mestre em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ,
Docente, SENAI CETIQT



Larissa Moreira Fidalgo
Doutora em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense – UFF,
Docente, SENAI CETIQT



Rosanna Naccarato
Especialista em Educação Estética, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO,
Docente, SENAI CETIQT



Ana Claudia Lourenço Ferreira Lopes
Coordenadora de Graduação e Ensino Técnico

Dedico todas as obras que Deus me dignou a conceber ao meu Senhor, Jesus Cristo, e a sua mãe, a Virgem Maria. E àqueles todos pelos quais também quero ser o Amor.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, agradeço aos muitos amigos que estiveram presentes comigo nesta formação, e aos caríssimos ministros que assentiram as entrevistas. Também aos mestres que me auxiliaram neste processo, meu sincero obrigado aos professores Ana Paula Chaves Mello, Ana Paula Lima de Carvalho, Barbara Valle Poci, Bruna Luz de Mattos Lopes, Claudia Mendes de Souza, Cristiane de Souza dos Santos de Carvalho, Diva Lúcia Vieira Costa, Gabriel Gimmler Netto, Iria Wessler Fois, Luisa Helena Silva Meirelles, Manon de Salles Ferreira, Marcelo Souza da Silva, Marilene Machado de Andrade Rocha, Natália de Vasconcelos Guimarães, Paulo de Tarso Fulco, Paulo Debom, Reginaldo Antonio da Silva, Rosa Lúcia Basin, Solange Riva Mezabarba e Thais Alves de Araujo Mattos.

Destaco o ânimo integral das professoras Larissa Fidalgo Moreira e Rosanna Naccarato, que acompanharam este empreendimento de perto; e dos amigos Elton Rosa Ferreira e Solange Santos, em seu auxílio na construção das fichas técnicas e na confecção dos produtos.

Mais ainda a minha orientadora, Natália Chaves Bruno, por todo seu apoio, suporte e intrepidez no projeto.

Finalmente, a todos aqueles anjos e santos que tanto rogaram por mim, para que eu frísse de forças para pesquisa e criação. E em suma, à Virgem Maria e ao meu Senhor, pelo sustento incondicional de seu consolo.

O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher umas vestes de pele, e os vestiu (Gênesis 3, 21).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso aborda a temática das vestes litúrgicas, que através de sua beleza e simbolismo, contribuem para a riqueza do rito na Igreja Católica Apostólica Romana. O projeto tem sua estrutura baseada em explanar a etimologia, a forma, a história e a simbologia desta indumentária religiosa, a fim de relacioná-las com as ações litúrgicas e, especialmente, à Santa Missa. Neste viés, tem-se com o objetivo criar uma paramentação, um traje completo de vestes litúrgicas para a celebração dos ritos. Assim, contribuindo para a área acadêmica, pela atenção dada à teoria, e ao mercado dos paramentos, pois o fim deste trabalho é desenvolver as vestes litúrgicas propriamente ditas. Para alcançar este objetivo, foram utilizadas fontes bibliográficas tanto ligadas a religião católica em si, especialmente os manuais de liturgia, quanto os relatos da indumentária durante a história, principalmente nas fontes disponíveis sobre a Antiguidade Clássica, onde as vestes tiveram sua origem, e sobre o medievo, no qual se desenvolveram. A escolha dessa metodologia se justifica pela necessidade de um embasamento teórico consistente, a fim de entender sua origem, função, importância e simbolismo na Igreja, expressando-as na criação dos paramentos.

Palavras-chave: design de moda; paramentos litúrgicos; catolicismo; liturgia; indumentaria.

ABSTRAC

This undergraduate thesis explores the theme of liturgical vestments, which—through their beauty and symbolism—contribute to the richness of the Roman Catholic rite. The project is structured to examine the etymology, form, history, and symbolism of this religious attire, aiming to relate these elements to liturgical actions, particularly the Holy Mass. Within this framework, the objective is to design a complete set of liturgical vestments for ritual celebrations. This work contributes both to academic research, through theoretical inquiry, and to the liturgical vestment market, by focusing on the actual development of the garments. To achieve this goal, bibliographic sources were consulted, ranging from Catholic liturgical manuals to historical accounts of dress, especially those related to Classical Antiquity—where such garments originated—and the medieval period, during which they evolved. This methodological approach was chosen to provide a solid theoretical foundation for understanding the origin, function, importance, and symbolism of these vestments within the Church, thereby informing their design.

Keywords: fashion design; liturgical vestments; Catholicism; liturgy; attire.

RÉSUMÉ¹

Ce mémoire de fin d'études porte sur le thème des vêtements liturgiques, qui, par leur beauté et leur symbolisme, contribuent à la richesse du rite au sein de l'Église catholique apostolique romaine. Le projet s'articule autour de l'analyse de l'étymologie, de la forme, de l'histoire et de la symbolique de ces vêtements religieux, dans le but d'établir des liens avec les actions liturgiques, en particulier avec la célébration de la Sainte Messe. Dans cette perspective, l'objectif est de concevoir un ensemble complet de vêtements liturgiques destinés à la célébration des rites. Le travail apporte ainsi une contribution à la recherche académique, par l'attention portée à la théorie, tout en répondant aux besoins du marché des ornements liturgiques, l'intention étant la création concrète de ces vêtements. Pour atteindre cet objectif, des sources bibliographiques ont été mobilisées, issues à la fois de la tradition catholique — notamment les manuels de liturgie — et de l'histoire du vêtement, en mettant l'accent sur les périodes de l'Antiquité classique, où ces vêtements trouvent leur origine, et du Moyen Âge, où ils se sont développés. Cette méthodologie se justifie par la nécessité d'un socle théorique solide permettant de comprendre leur origine, leur fonction, leur importance et leur symbolique dans l'Église, en vue de les traduire dans la création des ornements.

Mots-clés: design de mode; ornements liturgiques; catholicisme; liturgie; vêtement.

¹ A França pode ser considerada primogênita das nações filhas da Igreja, pois foi o primeiro reino bárbaro a fazer parte do Corpo de Cristo, com a conversão do rei Clóvis I, em 496.

SUMMARIUM²

Hoc opus ad finem studiorum spectans tractat de vestibus liturgicis, quae, per pulchritudinem ac symbolorum abundantiam, ad ritus divitias in Ecclesia Catholica Apostolica Romana conferunt. Structura huius propositi nititur in expositione etymologiae, formae, historiae ac symbolismi huius indumenti sacri, ut haec omnia cum actionibus liturgicis, praesertim cum celebratione Sanctae Missae, connectantur. Huiusmodi in consilio, propositum est creationem paramentorum liturgicorum — videlicet vestium sacrarum ad ritus celebrandos aptarum — perficere. Sic hoc studium ad ambitum academicum confert, per theoriam diligenter consideratam, et ad forum paramentorum, cum finis operis sit ipsas vestes liturgicas evolvere. Ad hunc finem assequendum, adhibitae sunt fontes bibliographicae tam ad religionem catholicam pertinentes, imprimis manuales liturgici, quam ad historiam indumenti, praesertim de Antiquitate Classica, unde vestes originem traxerunt, et de Medio Aevo, ubi ulterius elaboratae sunt. Haec methodologia eligitur propter necessitatem fundamenti theoretici solidi, quo origo, functio, momentum ac symbolismus in Ecclesia intellegantur, et in paramentorum creatione exprimantur.

Verba Clavium: design vestimentorum; paramenta liturgica; catholicismus; liturgia; indumentum.

² O resumo deste Trabalho de Conclusão de Curso também foi traduzido para o latim eclesiástico através do *ChatGPT*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	LITURGIA, FÉ & DOGMA	17
2.1	RITO	17
2.2	LITURGIA	20
2.3	VESTIMENTA.....	24
2.4	SACERDOTE	26
3	MATÉRIA & FORMA	30
3.1	SUBVESTES	35
3.1.1	Amito	35
3.1.2	Alva	38
3.2	ACESSÓRIOS.....	46
3.2.1	Cíngulo	46
3.2.2	Estola	49
3.2.3	Manípulo	51
3.2.4	Véu umeral	53
3.3	SOBREVESTES.....	56
3.3.1	Casula	56
3.3.2	Dalmática	59
3.3.3	Pluvial	62
3.4	INSÍGNIAS	70
3.4.1	Anel	70
3.4.2	Cruz peitoral	75
3.4.3	Tocado	78

3.4.4	Báculo	96
3.4.5	Pálio	104
3.4.6	Sandálias	110
3.4.7	Quirotecas	116
3.4.8	Racional	119
3.5	EXEMPLOS	123
4	MERCADO & PUBLICO	128
4.1	MERCADO	128
4.1.1	Tradição	129
4.1.2	Aggiornamento	131
4.2	PÚBLICO	134
4.2.1	Justificativas	135
4.2.2	Entrevistas	135
5	TRADIÇÃO & PROJETO	138
5.1	TRADIÇÃO	138
5.1.1	Cores	139
5.1.2	Formas	147
5.2	PROJETO	148
5.2.1	Inspiração	149
5.2.2	Execução	153
6	CONCLUSÃO	196
	REFERÊNCIAS	198
	APÊNDICE	204

DISCURSO COMPLEMENTAR	204
ROTEIRO USADO NAS ENTREVISTAS	206

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal o desenvolvimento de uma coleção de vestes litúrgicas para a Igreja Católica Apostólica Romana. Para alcançar esse propósito, serão explorados temas centrais, como a origem, a história e a evolução desses trajes e acessórios, desde suas raízes greco-romanas até a atualidade. Serão investigadas também a importância dos paramentos litúrgicos na Celebração Eucarística e os significados simbólicos expressos por meio dessas indumentárias. Além disso, o estudo incluirá uma análise sobre o nicho mercadológico, examinando marcas atuantes nesse segmento, o perfil de seus clientes e as demandas do público-alvo na aquisição de paramentos. Por fim, será abordado o processo de produção dessas vestimentas, abrangendo desde o planejamento em design até a confecção manufaturada das peças.

As roupas e o ato de cobrir-se sempre tiveram uma relevância significativa para a religião. Como afirma a CNBB, “Em todas as religiões, o vestir-se faz parte do mundo ritual” (p. 17, 2023). Nas Sagradas Escrituras, especialmente no Antigo Testamento, encontram-se passagens que relatam e descrevem as vestes usadas pelos sacerdotes da época. O povo hebreu atribuía à rica paramentação desses homens consagrados diversos significados, destacando sua elevada dignidade e os serviços divinos que desempenhavam. A escolha de materiais nobres para a confecção dessas vestes contribuía ainda mais para esta dimensão, visto que “A escolha de material nobre para a sua confecção revestia o paramento de significado também simbólico” (CNBB, p. 20, 2023).

Contudo, com o advento do Novo Testamento, essa tradição foi temporariamente deixada de lado. Os primeiros cristãos buscavam se diferenciar da velha religião e, assim, inicialmente abandonaram tais adornos. Não obstante, o contato crescente desse grupo com as sociedades greco-romanas da época acabou por influenciar o retorno desse rico elemento simbólico, que serviu de alicerce para o desenvolvimento dos paramentos litúrgicos atuais.

Na liturgia católica, as vestimentas desempenham um papel crucial, funcionando como uma ferramenta que simboliza a transubstanciação do celebrante na figura de Cristo. Como observa a CNBB (p. 22, 2023), a veste tem o poder de transformar a pessoa em outra. Esse elemento, pouco estudado pelos teólogos, se

apresenta como um dado de fundamental importância, porque permite, antes de tudo, a ‘transmutação’ da personalidade do ministro.

Um exemplo claro dessa simbologia encontra-se no Rito de Iniciação Cristã, o Batismo, em que o candidato recebe uma veste branca, representando sua nova vida em Cristo e a “pele” limpa e imaculada que deve preservar para entrar no Reino dos Céus: Agora sois nova criatura e estais revestidos de Cristo. Recebei a veste branca, e apresentai-a, sem mancha, no tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para viverdes eternamente com Ele” (n. 225, 2016).

Assim, é evidente o valor das vestimentas nas celebrações da Igreja, destacando-se como uma “segunda pele” que reveste o corpo dos ministros, permitindo que eles se cubram de Deus e celebrem de maneira mais plena os mistérios da fé.

2 LITURGIA, FÉ & DOGMA

Farás para teu irmão Aarão vestes sagradas em sinal de dignidade e de distinção. Fala aos homens inteligentes a quem enchi do espírito de sabedoria, para que confeccionem as vestes de Aarão, de sorte que ele seja consagrado ao meu sacerdócio. Eis as vestes que deverão fazer: um peitoral, um efod, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto. Tais são as vestes que farão para teu irmão Aarão e para os seus filhos, a fim de que sejam sacerdotes a meu serviço; empregarão ouro, púrpura violeta e escarlata, carmesim e linho fino (Êxodo 28, 2 – 5).

Os soldados conduziram-no ao interior do pátio, isto é, ao pretório, onde convocaram toda a coorte. Vestiram Jesus de púrpura, teceram uma coroa de espinhos e a colocaram na sua cabeça. E começaram a saudá-lo: "Salve, rei dos judeus!". Davam-lhe na cabeça com uma vara, cuspiam nele e punham-se de joelhos como para homenageá-lo. Depois de terem escarnecido dele, tiraram-lhe a púrpura, deram-lhe de novo as vestes e conduziram-no fora para o crucificar (Marcos 15, 16 – 20).

A fim de entender a importância dos paramentos litúrgicos para a Igreja Católica, mais precisamente para a Santa Missa, é necessário entender do que se trata esta Celebração em sua intimidade, exemplificando o que é um rito e a sua importância para o gênero humano homem. Nas palavras de Martine Segalen:

O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo (p. 31, 2002).

Analogamente, o principal rito católico se manifesta na liturgia, onde os fiéis tomam parte na Obra de Deus. A Celebração Eucarística representa uma real reprodução do Sacrifício efetuado por Cristo no Calvário, conduzindo os fiéis a uma experiência de comunhão com o próprio Deus, como afirma o Catecismo da Igreja Católica:

Esta obra da redenção humana e da glorificação perfeita de Deus, cujo prelúdio foram as magníficas obras divinas operadas no povo do Antigo Testamento, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que, "morrendo, destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida". Efectivamente, foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu "o sacramento admirável de toda a Igreja". É por isso que, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal, pelo qual Cristo realizou a obra da nossa salvação. É este mistério de Cristo que a Igreja proclama e celebra na sua liturgia, para que os fiéis dele vivam e dele dêem testemunho no mundo. A liturgia, com efeito, pela qual, sobretudo no sacrifício eucarístico, "se atua a obra da nossa redenção", contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja (p. 301, 2017).

2.1 RITO

A palavra liturgia possui como significado “obra pública, serviço por parte dele em favor do povo” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1069, 2017). É nesse contexto que Cristo continua a sua Obra como Redentor, manifestando através do sacerdote os seus sacramentos em favor da Igreja. Em outras palavras, é na liturgia que Cristo, como cabeça da Igreja, assume uma participação ativa, exercendo sua função de Sumo Sacerdote que atua através de seus ministros, os membros do corpo eclesial.

Com razão se considera a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo. Nela, mediante sinais sensíveis e no modo próprio de cada qual, significa-se e realiza-se a santificação dos homens e é exercido o culto público integral pelo corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, pela cabeça e pelos membros. Portanto, qualquer celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo Sacerdote e do seu corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência e nenhuma outra ação da Igreja a iguala em eficácia com o mesmo título e no mesmo grau (n. 1070, 2017).

Em meados do século XX, a Igreja Católica observou não apenas o surgimento de uma nova era, como também de uma grave crise na sociedade, propondo, assim, uma série de reformas que, mantendo suas raízes e decoro, posicionariam a liturgia na atualidade. São João XXIII, um dos mais célebres papas de seu tempo, constatou que:

a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos (João XXIII, 1961).

Promulgada em 1961, a Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, convocou o Concílio Vaticano II, para provocar “uma verdadeira providência celestial para incremento da graça na alma dos fiéis e para o progresso cristão”. Através do desejo de vivificar a fé no coração dos fiéis, promovendo a santificação dos seus membros, este documento ornou a Igreja com um novo esplendor, demonstrando o alicerce imutável da qual foi fundada e sua vital importância como propagadora da verdade revelada:

Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se orna de um novo esplendor, irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo (João XXIII, 1961).

Nesse viés, o Concílio Vaticano II expõe muito efetivamente o caráter pastoral da Igreja que, em sua autoridade e virtude, dialogou com o homem e facilitou a compreensão de seus dogmas e verdades de fé, a fim de ser entendida.

O magistério da Igreja, embora não tenha querido pronunciar-se com sentenças dogmáticas extraordinárias sobre nenhum capítulo doutrinal, propôs, todavia, o seu ensinamento autorizado acerca de muitas questões que hoje comprometem a consciência e a atividade do homem. Por assim dizer, a Igreja baixou a dialogar com o homem; e conservando sempre a sua autoridade e a sua virtude, adotou a maneira de falar acessível e amigável que é própria da caridade pastoral. Quis ser ouvida e entendida pelos homens. Por isso, não se preocupou só com falar à inteligência do homem, mas exprimiu-se no modo hoje usado na conversação corrente, em que o recurso à experiência da vida e o emprego dos sentimentos cordiais dão mais força para atrair e para convencer. Isto é, a Igreja falou aos homens de hoje, tais quais eles são (Paulo VI, 1965).

Sob essa perspectiva, é imprescindível destacar a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, de 1963, que trata da sagrada liturgia conforme delineado no Concílio Vaticano II. Esse documento propôs uma série de reformas e inovações litúrgicas com o objetivo de torná-la mais eficaz e atualizada, promovendo maior união entre os fiéis e o Redentor e convocando todos os homens a se reunirem na Igreja.

Conhecido como o “papa da modernidade,” São Paulo VI deu continuidade ao trabalho iniciado por seu antecessor, São João XXIII, conferindo forma e solidez às diretrizes do Concílio. Conforme São Paulo VI, é na liturgia, especialmente no sacrifício eucarístico, que o Salvador realiza sua obra: como alimento espiritual, Jesus torna seu sacrifício um estandarte na vida de seus fiéis, permitindo-lhes manifestar, em si e aos outros, o mistério de sua morte e ressurreição.

A liturgia também revela a autêntica natureza da verdadeira Igreja – simultaneamente humana e divina, visível e invisível, ativa e contemplativa, presente e peregrina. Por meio dela, a Igreja submete a vontade humana à divina, harmoniza seus elementos visíveis com os invisíveis, suas ações com a contemplação, e mantém viva a consciência da pátria futura, o Reino dos Céus:

A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor (Paulo VI, 1963).

Dado o exposto, é possível constatar a particular importância da liturgia para a Igreja Católica, uma vez que ela se constitui o meio pelo qual Cristo se manifesta

diretamente junto à comunidade. Em relação à temática deste projeto, as vestes litúrgicas, é importante mencionar que desde o Cristianismo Antigo – período que se estende após a morte e ressurreição de Cristo e anterior ao Primeiro Concílio de Niceia – já existiam recomendações específicas sobre esses paramentos. Essas orientações refletem a importância atribuída às vestimentas no contexto das celebrações religiosas, conferindo-lhes significado simbólico e funcional dentro da liturgia. Como nos mostra Paci (p. 92, 2021), as formas simbólicas das vestes litúrgicas não podem ser negligenciadas, visto que desde o século II, diversos autores abordaram as vestes e seus significados. Tem-se como exemplo, a obra *Patrologia Latina*, que apresenta um índice inteiramente dedicado a respeito das vestes sacerdotais, monásticas e laicas.

2.2 LITURGIA

Do século II ao XIII, outros autores abordaram a descrição e simbolismos das vestes sacerdotais, fazendo menções ao Velho e ao Novo Testamento, bem como comparações com as roupas civis. Dentre esses autores, destaca-se São Gregório Magno³, quem sua obra *Regula Pastoralis* um paralelo entre as palavras apostólicas e alguns elementos das antigas vestes sacerdotais hebraicas através de uma leitura que expõe explicações das antigas profecias veterotestamentárias, isto é, do Antigo Testamento, e o advento do Messias. O propósito deste Santo Padre não foi simplesmente descrever a forma das vestimentas, mas sim interpretar a essência dos antigos paramentos. Por meio de sinais sensíveis – aqueles que podem ser percebidos pelos sentidos naturais do homem – esses paramentos cumprem a função de revelar e realizar os Mistérios de Cristo na liturgia.

Na vestimenta, há símbolos que os sacerdotes são exortados a cultivar – por exemplo, as cores e materiais nas vestes de Aarão, que na instrução de Êxodo 28, 5, deverão ser confeccionadas de ouro, púrpura violeta e escarlate, carmesim e linho

³ São Gregório Magno (540 – 604) foi Papa e Doutor da Igreja. Nascido de uma importante família romana, através de seus estudos na área de Direito, iniciou uma carreira política e exerceu o cargo de Prefeito de Roma. Após se sentir atraído à vida monacal, dedicou-se a oração, ao recolhimento, ao estudo da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja – foi elevado ao papado em 590. Para mais informações, consultar a obra *O Cônsul de Deus - São Gregório Magno: Sua Vida, sua Obra, sua Época* por Gustavo Antonio Solimeo & Plínio Maria Solimeo.

fino. Segundo Gregório Magno, as vestes podem ser tecidas de ouro pois “Assim como no hábito do sacerdote, antes de mais nada, fulge o ouro (também) nele (sacerdote) salta à vista em primeiro lugar sua sabedoria”⁴ (Paci *apud* Gregorio Magno, p. 113, 2021). O ouro também remete aos antigos signos de eternidade, incorruptibilidade e da divindade, um simbolismo pré-cristão que neste contexto remete a expressão do Verbo que ilumina a vida do sacerdote, fazendo dele luz para os outros. Outrossim, Gregório menciona São Pedro:

Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus, a fim de que publiqueis as virtudes daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa (I Pedro 2,9).

Comparando a púrpura, um matiz nobre de alto valor na Antiguidade, às virtudes de espírito necessárias para aqueles que conduzem as almas dos fiéis. (Paci, p. 111-114, 2021)

As vestimentas sacerdotais também receberam atenção no Concílio Vaticano II, sendo abordadas na *Sacrosanctum Concilium*, especificamente no capítulo VII, que trata da arte sacra e das alfaias litúrgicas. Neste capítulo, é destacada a importância da arte sacra como um meio de elevar o espírito humano a Deus. A Constituição reconhece o papel essencial dos artistas na Igreja, que, por meio de sua criatividade, produzem objetos próprios e dignos para o culto, considerados “verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural”⁵.

As alfaias sagradas⁶, incluindo as vestes litúrgicas, são valorizadas por contribuírem para a beleza e dignidade das celebrações, sendo elementos que enriquecem o culto divino. A Igreja, ao longo de sua história, acolheu estilos artísticos de diferentes épocas que, ao se adequarem aos seus ritos, constituíram um verdadeiro tesouro cultural e espiritual. São Paulo VI, nesse contexto, incentivou o uso da “arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões”⁷ na Igreja, desde que esta preserve a dignidade e a honraria dos edifícios e ritos sagrados, integrando-se harmoniosamente à tradição e ao propósito litúrgico.

⁴ *In sacerdotis quippe habitu ante omnia aurum fulger, ut in eo intellectus Sapientiae principaliter emicet.*

⁵ *Sacrosanctum Concilium*, Cap. VII, n. 122.

⁶ Isto é, um conjunto de peças têxteis necessárias para a celebração eucarística.

⁷ *Ibid.* n. 123.

O Papa também ressalta a importância de uma beleza nobre, ou seja, simples e de valor, aplicando esses princípios aos ornamentos e às vestes sagradas, estimulando os bispos a promoverem uma verdadeira arte sacra, consoantes com a piedade cristã e o sentido religioso, e desprezando àquelas pela “insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística⁸” não prezam pelos costumes da fé. Como também afirma Paci:

Tornar as vestes dignas de culto significa também garantir ao oficiante a mesma prerrogativa, elemento que explica como, mesmo na era cristã, dedicou-se grande atenção à ‘condição’ dos objetos litúrgicos e à sua ‘dignidade’ de uso (p. 103, 2021).

Dessa maneira, vemos que a liturgia é um tópico de suma importância na Igreja Católica, tornando-se prolífico objeto de estudo por parte dos padres e doutores da Igreja. Ademais, as vestes litúrgicas são ornamentos presentes e habituais na liturgia, assíduas nos mais diferentes rituais da Igreja. Portanto, vê-se a dignidade do vestuário, que junto às artes sacras e à arquitetura, compõem elementos visíveis e indispensáveis para o rito.

A CNBB publicou um breve tratado que toma como objeto de estudo as Vestes Litúrgicas, abordando sua história, forma, funções e importância para o principal rito da Igreja de Roma, a Santa Missa. O rito, segundo Aldo Natale Terrin (p. 18-19 *apud* CNBB p. 26, 2023), pode ser compreendido como um vocábulo indo-europeu. Equivalente ao termo latino *ars* – *artus*, que designa ordem e adaptação harmônica das partes de um todo, Terrin (2004), destaca o vocábulo *ri*, presente nas palavras ritmo, rima e rio, para evidenciar que o rito remete a um fluxo harmônico e ordenado, presentes no discurso e na música, caracterizando ao rito uma prescrição, um percurso harmônico, modulado e rimado, distinguindo-se de um comportamento comum por ocorrer em harmonia com as partes.

Além disso, Silvano Maggiani (p. 174-179 *apud* CNBB, p. 26, 2023) diferencia o rito do ritual em *Liturgia Opus Trinitatis: Epistemologia Liturgica*, sendo que por rito se entende “a sucessão de palavras e gestos que compõe uma celebração”, e por ritual “o conjunto de ritos, gestos, palavras e ações simbólicas”. Dado o exposto, pode-

⁸ *Ibid.* n. 124.

se considerar que há na liturgia elementos que conferem solenidade e constância características do rito, especialmente se tratando do catolicismo:

A sobriedade e o decoro, além das características de repetitividade e de normatividade, são prerrogativas essenciais do rito. Tudo está para além da funcionalidade, visando à ação como ato simbólico. A beleza se manifesta na nobreza da simplicidade do trabalho manual. Nos nossos dias, é mister despertar o gosto pela nobre simplicidade, o despojamento das formas, a harmonia, com uma consciência perene de que o menos é mais (CNBB, p. 26, 2023).

É necessário mencionar que a simplicidade mencionada não se refere, de forma alguma, à carência de símbolos, isto é, de representações visuais do sagrado. Em comparação com os complexos ritos das igrejas católicas orientais, o rito romano é simples, mas é na sua “nobre simplicidade” que se dá o fundamento do culto divino. (*La nobile semplicità delle vesti liturgiche*, Padre Uwe Michael Lang)

Uma vez que os símbolos religiosos carregam significados elaborados historicamente que induzem uma prática ritualística de encontro com o transcendental, podemos dizer que a Igreja Católica é amplamente conhecida por suas suntuosas igrejas, e conta com uma larga tradição litúrgica, rica em diversos elementos que contribuem para a nobreza e grandiosidade de suas celebrações. Por outro lado, não é possível deixar de lado a elegância de sua simplicidade, que confere austera solenidade ao rito. Como afirma São João Paulo II, em sua Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*:

Quando alguém lê o relato da instituição da Eucaristia nos Evangelhos Sinópticos, fica admirado ao ver a simplicidade e simultaneamente a dignidade com que Jesus, na noite da Última Ceia, instituiu este grande sacramento [...] Igreja não temeu desperdiçar, investindo o melhor dos seus recursos para exprimir o seu enlevo e adoração diante do dom incomensurável da Eucaristia. À semelhança dos primeiros discípulos encarregados de preparar a grande sala [...] ao longo dos séculos e no alternar-se das culturas, a celebrar a Eucaristia num ambiente digno de tão grande mistério. Foi sob o impulso das palavras e gestos de Jesus, desenvolvendo a herança ritual do judaísmo, que nasceu a liturgia cristã (Papa João Paulo II, 2003).

Nesse sentido, podemos dizer que diversos elementos convergem para decodificar o complexo conjunto de símbolos presentes nas celebrações litúrgicas, desvelando-se tanto em formas verbais quanto não-verbais. Assim, gestos e palavras, como formas efetivas de comunicação, têm sido amplamente debatidos por teólogos e liturgistas, ressaltando o cristianismo como herdeiro de riquíssimas tradições de

pensamento que conferem singularidade às suas celebrações e moldam uma tradição milenar.

Além disso, outras formas de linguagem não-verbal, que são amplamente estudadas por acadêmicos, incluem desde pinturas e afrescos até a arquitetura sacra. A Igreja de Cristo utiliza essas expressões artísticas como meios de tocar os corações dos fiéis, com a suntuosidade de suas obras de arte capazes de converter os espectadores. Cada elemento presente na celebração, carregado de simbolismo e beleza, busca aproximar o fiel de Cristo, cuja Majestade se manifesta de forma explícita durante o rito.

2.3 VESTIMENTA

Pode-se afirmar, portanto, que em grande parte das religiões e, neste recorte, a Igreja Católica, o vestuário sempre foi usado como um importante elemento que contribui para o rito sagrado. Como afirma Sara Piccolo Paci (p. 27, 2021), “em toda religião o vestuário cerimonial assume uma importância crucial e particular, estabelecida em cada caso e sujeita a um lento processo de transformação”.

A vestimenta, o ato de se cobrir, despir, ou ainda, revestir-se, é bastante abordado nas Sagradas Escrituras. Mais ainda, o revestimento é, muitas vezes, um gesto simbólico, e através desse, pode-se entender o estado de espírito de alguma figura, ou sua interação com o meio onde está inserida – sendo possível encontrar referências desde o Antigo Testamento até o advento do Cristianismo – cita-se o estudo de número 115 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2023), que apresenta extensa referência aos trajes na Bíblia Sagrada, a dizer:

No contexto bíblico, a referência às vestes, tanto no cotidiano quanto no culto, em conotação importante. No cotidiano, antes de tudo, o vestir está ligado à vergonha pela nudez (cf. Gn 3,7-21); em alguns casos, tem valor legal e as vestes são usadas para indicar predileção (cf. Gn 37,3), status e riqueza pessoais (cf. Gn 45,22). A vestimenta pode ter sentido metafórico, simbólico, indicando um estado emotivo (cf. Gn 37,34; 2Sm 1,11), de transitoriedade da vida e de todas as coisas (cf. Sl 101,27; Is 50,9; 51,6); mudança radical de status, de vida (cf. Gn 35,2; Lv 8,1-9; 1Sm 15,27-28). Renunciar a vestes que não lhe são próprias é sinal de reconhecimento da sua própria identidade (cf. 1Sm 17,38-89); receber uma veste também significava entrar no seguimento, no discipulado, de um mestre (cf. 1Rs 19,19-21); rasga-las era sinal de luto (2Sm 3,31), de grande tristeza e desgraça (2Sm 13,19; Jó 1,20; 2,12), de indignação e cólera (Jr 36,24; Mt 26,65; At 14,14; 22,23) (CNBB, 2023).

Podem-se mencionar, o capítulo 1 do livro de Samuel, onde Davi rasga as suas vestes em sinal de luto; ou o capítulo 50 de Isaías, quando no versículo 9, o manto é usado figurativamente para se referir ao destino dos iníquos, “Cairão em frangalhos como um manto velho a traça os roerá”; também o capítulo 36 de Jeremias, que demonstrou a indiferença do rei e seus ministros quando estes não rasgaram suas vestes. Extensas são as referências ao vestuário nas Escrituras, evidenciando o valor simbólico atribuído e importância naquele contexto.

No que tange ao tema, é retratada de forma evidente a relação do homem com o corpo, junto a indumentaria e o meio social. “Em relação a uma sociologia e uma história do vestuário, como ciência crítica que não tem uma simples função descritiva [...] os estudos de Roland Barthes (1915-1980) e Fernand Braudel (1902-1985) podem ser considerados os fundadores [...] nos anos 1950 e 1960” (Calanca, 2011).

A moda, como matéria séria de estudo, apenas começou a ganhar forma e relevância nas últimas décadas, e ainda é considerada por muitos acadêmicos uma forma de ‘arte-menor’, “a moda é um objeto em geral pouco valorizado no meio acadêmico. A ideia de pensar sobre o assunto é uma perda de tempo está ligada ao que Roland Barthes, em 1957, chamou de o mito comercial da moda” (Debom, 2020); os estudos que tratam a história da moda com a sua devida importância, infelizmente, ainda são incomuns e repudiados – conseqüentemente, reverberando de forma negativa no que diz respeito às diversas formas da Arte Sacra, onde a indumentária certamente tem seu lugar – através da relação entre a moda, ou a maneira de cobrir-se, e da relação deste corpo revestido com o mundo, é possível caminhar por inúmeras questões, “além propiciar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, [a indumentária] também tem valência de linguagem, na acepção de sistema de comunicação, isto é, um sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele”, afirma Daniela Calanca (2011).

Dá-se atenção especial ao corpo, e como este corpo é coberto, por conta do viés cristão-católico do presente trabalho, pois a Igreja declara muito claramente a importante sacralidade do corpo, como afirma São Paulo em I Coríntios 6:19, “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis?”. Dado o exposto,

faz-se necessária uma reflexão crítica a respeito da indumentária em relação a liturgia na Igreja Católica Apostólica Romana.

2.4 SACERDOTE

Na Santa Missa, há um conjunto complexo de símbolos, gestos e palavras que são capazes de unir em Comunhão os fiéis com o Divino. Pode-se afirmar que a liturgia católica é uma reprodução literal e proporcional do Sacrifício e Imolação realizado na Páscoa do Deus Filho, Jesus Cristo, tendo em vista que foi nesta ocasião que a Nova e Eterna Aliança com Deus Pai foi firmada, como afirma São Leonardo de Porto-Maurício, em “As Excelências da Santa Missa” (1737), “A principal excelência do santo Sacrifício da Missa consiste em que se deve considerá-lo como essencialmente o mesmo oferecido no Calvário sobre a Cruz” ou ainda “os gestos e as palavras de Jesus na Última Ceia lançavam os alicerces da nova comunidade messiânica, povo da nova aliança [...] a Missa torna presente o sacrifício da cruz” (São João Paulo II, 2003). Em síntese, através de sua mística profunda, essa celebração é capaz de reproduzir o Reino dos Céus na Terra – semelhante a pequenas crianças que elaboram as mais fantásticas cenas em suas cirandas:

A liturgia lembra que todos nós, diante da verdadeira vida, que desejamos alcançar, somos no fundo como crianças, ou que deveríamos sê-lo; a liturgia então seria uma forma completamente diferente de antecipação, de exercício preliminar: prelúdio da vida futura, da vida eterna [...] ela seria uma forma bem definida de esperança, que antecipa a verdadeira vida, que nos introduz na vida autêntica – a da liberdade, da proximidade com Deus e da total abertura recíproca (Ratzinger, p. 12, 2015).

Evidentemente, a tradição católica possibilita relatar o alento eterno e interminável que é o Reino dos Céus, e é capaz de reproduzir com maestria o que virá a ser esta realidade. Além de certos gestos, notam-se as formas não-verbais usadas pela Igreja para reproduzir essa resplandecência, e em especial, a arte sacra. Notoriamente, a Igreja Católica é dona de monumentos largamente conhecido, os quais originalmente eram obras que tinham como finalidade a lembrança da Glória de Deus: A solenidade é um aspecto muito importante para o rito católico; a suntuosidade é um valor inegociável, que toca o coração mesmo daqueles que não são católicos.

A Igreja celebra no último domingo do ano litúrgico a solenidade de Cristo Rei, instituída pelo Papa Pio XI em 1925 através da Carta Encíclica *Quas Primas*, onde ele afirma a realeza de Cristo:

É manifesto que o nome e o poder de “Rei”, no sentido próprio da palavra, competem a Cristo em sua Humanidade, porque só de Cristo enquanto Homem é que se pode dizer do Pai recebeu “*poder, honra e realza*” (Papa Pio XI, 1925).

Além disso, a Igreja é entendida como a Esposa de Cristo, e como a esposa de um Rei, há de ser adornada como uma Rainha. Podemos evidenciar esse fato através de diversas passagens presentes no Livro do Apocalipse:

Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do Cordeiro. Sua Esposa está preparada. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do Cordeiro. Sua Esposa está preparada (Apocalipse 19, 7).

Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo (Apocalipse 21, 2).

Então, veio um dos sete Anjos que tinham as sete taças cheias dos sete últimos flagelos e disse-me: ‘Vem, e eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro’ (Apocalipse 21, 9).

Revestida da glória de Deus. Assemelhava-se seu esplendor a uma pedra muito preciosa, tal como o jaspe cristalino (Apocalipse 21, 11).

Também, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, promulgada pelo papa São Paulo VI em 1964 durante o Concílio Vaticano II, é abordada a natureza da Igreja como Corpo Místico e Esposa de Cristo, como é possível constatar no sexto item:

A Igreja, chamada «Jerusalém do alto» e «nossa mãe» (Gál. 4,26; cfr. Apoc. 12,17), é também descrita como esposa imaculada do Cordeiro imaculado (Apoc. 19,7; 21,2. 9; 22,17), a qual Cristo gamou e por quem Se entregou, para a santificar» (Ef. 5, 25-26), uniu a Si por um indissolúvel vínculo, e sem cessar «alimenta e conserva» (Ef. 5,29), a qual, purificada, quis unida a Si e submissa no amor e fidelidade (cfr. Ef. 5,24), cumulando-a, por fim, eternamente, de bens celestes; para que entendamos o amor de Deus e de Cristo por nós, o qual ultrapassa toda a compreensão (cfr. Ef. 3,19). Enquanto, na terra, a Igreja peregrina longe do Senhor (cfr. 2 Cor. 5,6), tem-se por exilada, buscando e saboreando as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu esposo na glória (Cfr. Col. 3, 1-4) (Concílio Vaticano II, 1964).

Em virtude do que foi mencionado, é importante direcionar a atenção a figura do sacerdote. O Padre Paulo Ricardo, amplamente conhecido pelos católicos brasileiros por seus serviços de evangelização e catequização, exclama em alguns de seus sermões que “o padre não é um homem, é o sacrifício de um homem”, um Sacerdote católico abdica de sua própria realidade para viver como o Cristo Ressuscitado, e esposo da Igreja. Por conta da autoridade investida ao Padre, é um dogma de fé que ao administrar os sacramentos, ele age em “Persona Christi”, pois é

Cristo mesmo que está presente naquele momento através das mãos consagradas do Sacerdote. Na Carta Encíclica *Mediator Dei* (1947), o papa Pio XII aborda a Sagrada Liturgia, expondo que:

O augusto sacrifício do altar não é, pois, uma pura e simples comemoração da paixão e morte de Jesus Cristo, mas é um verdadeiro e próprio sacrifício, no qual, imolando-se incruentamente, o sumo Sacerdote faz aquilo que fez uma vez sobre a cruz, oferecendo-se todo ao Pai, vítima agradabilíssima. "Uma e idêntica é a vítima: aquele mesmo, que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes, se ofereceu então sobre a cruz; é diferente apenas, o modo de fazer a oferta". Idêntico, pois, é o sacerdote, Jesus Cristo, cuja sagrada pessoa é representada pelo seu ministro. Este, pela consagração sacerdotal recebida, assemelha-se ao sumo Sacerdote e tem o poder de agir em virtude e na pessoa do próprio Cristo; por isso, com sua ação sacerdotal, de certo modo, "empresta a Cristo a sua língua, e lhe oferece a sua mão (Papa Pio XII, 1947).

Evidencia-se ainda mais o caráter do "homem-sacrifício" no Sacerdote, na carta "Dominicae Cenaе" (1980) de São João Paulo II, que reforça na atualidade a profunda realidade deste dogma que faz do Padre a figura do próprio Jesus na Celebração Eucarística:

O Sacerdote oferece o Santo Sacrifício "*in persona Christi*", o que quer dizer "em nome", ou então "nas vezes" de Cristo. "*In persona*": isto é, na específica e sacramental identificação com o "Sumo e Eterno Sacerdote", que é o Autor e o principal Sujeito deste seu próprio Sacrifício, no que não pode, na verdade, ser substituído por ninguém. Só Ele somente Cristo — podia e sempre pode ser verdadeira e efectivamente "propiciador pelos nossos pecados; e não só pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro". Somente o Seu sacrifício — e o de mais ninguém — podia e pode ter "valor propiciatório" diante de Deus, da Trindade e da sua transcendental santidade. A tomada de consciência desta realidade lança uma certa luz sobre o carácter e sobre o significado do Sacerdote-celebrante; este, ao perfazer o Santo Sacrifício e ao agir "*in persona Christi*", é — de um modo sacramental e ao mesmo tempo inefável — introduzido e inserido nesse estritíssimo *Sacrum*, ao qual o mesmo Sacerdote, por sua vez, associa espiritualmente todos os participantes na assembleia eucarística (Papa João Paulo II, 1980).

Por tudo isso, explanada a dignidade investida na figura do Sacerdote, que se faz Jesus esposo da Igreja, tornando-se instrumento para a disposição dos Sacramentos instituídos por Cristo, que é Rei, afirma-se na frase atribuída a São João Maria Vianney,⁹ "vejam o padre: vestido como um rei, mas humilde como um camponês", a nobreza do Sacerdote católico.

⁹ São João Batista Maria Vianney (1786 – 1859), também conhecido como Cura d’Ars, é considerado padroeiro dos sacerdotes. De origens humildes, São Cura d’Ars enfrentou diversas dificuldades em sua vocação, pois era considerado por seus formadores "um rude camponês". Pela graça divina, ele foi capaz de converter toda a cidade de Ars, na França, e sua fama de santidade se

espalhou por toda Europa. Para mais informações, consultar a obra *O Santo e seu Demônio: Vida do Pobre Cura d'Ars*, do Padre Wilhelm Hünermann.

3 MATÉRIA & FORMA

Como uma oliveira cujos rebentos crescem, e como um cipreste que se ergue para o alto. Assim aparecia ele quando se cobria com o manto de aparato, e revestia os ornatos de sua dignidade. Subindo ao altar santo, honrava os santos ornamentos. (Eclesiástico 50, 11 – 12).

Depois de os soldados crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram delas quatro partes, uma para cada soldado. A túnica, porém, toda tecida de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: “Não a rasguemos, mas deitemos sorte sobre ela, para ver de quem será”. Assim se cumpria a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sorte sobre a minha túnica (Salmos 21,19). Isso fizeram os soldados (João 19, 23 – 24).

No medievo, os pensadores associavam as vestes litúrgicas aos antigos trajes sagrados usados pelas figuras veterotestamentárias. Entretanto, na atualidade, os pesquisadores são unânimes quanto a sua origem nas vestimentas do antigo mundo greco-romano. As transformações sofridas pelas roupas habituais são mais rápidas em comparação ao vestuário litúrgico, sendo que essa indumentária é uma expressão de valores e tradições, ligada a diversos aspectos de uma sociedade.

Segundo a CNBB (p. 27, 2023), “o vestuário usado no império era dividido em duas categorias, a saber: a veste de base e a sobreveste.” A primeira era compreendida como uma túnica larga e de cor branca, e inicialmente curta; a partir do século IV, poderia se constatar uma veste mais longa, composta com mangas e presa por um tipo de cinto. A sobreveste era menos padronizada, mudavam de acordo com os tempos e prestígio social daquele que às vestia.

Nos primeiros séculos da Igreja, as vestes usadas pelos ministros eram, em grande medida, semelhantes às roupas comuns da época. Como explica a CNBB: “Crê-se que o uso indistinto das vestes, tanto na vida social quanto na vida litúrgica, no ambiente greco-romano, era determinado por causa das perseguições” (p. 28, 2023). Mesmo após o período de martírios que marcou os primeiros séculos do cristianismo, essa prática persistiu por algum tempo.

Pode-se inferir que a simplicidade e a ausência de trajes específicos para o culto estavam ligadas à dignidade do serviço prestado. As roupas de trabalho eram evitadas, assim como as de uso militar, uma vez que os ministros eram vistos como servidores da paz. Contudo, as vestes utilizadas nas celebrações litúrgicas começaram a ser tratadas com maior distinção. Conservadas exclusivamente para o culto, eram preferencialmente brancas, limpas e confeccionadas com materiais de

melhor qualidade, simbolizando a pureza e a reverência exigidas pelo serviço sagrado.

Teodoreto de Ciro (*apud* Paci, p. 324, 2021) parece confirmar, através de um testemunho datado do século IV, que havia preferências por roupas valiosas, por conta de sua maior solenidade em relação às comuns, pois no mesmo século já se fazia uso de tecidos refinados e enobrecidos:

Em virtude de sua dignidade superior em relação às comuns, tanto que já no século IV se fez uso de tecidos preciosos e adornados, talvez também ao fato de que em certos casos a legitimação do poder da Igreja, ao longo do tempo, produziu a aceitação e a adoção das roupas, das insígnias e do prestígio das vestes dos funcionários estatais, fato que terá não poucas consequências no decurso do tempo (Paci, p. 324, 2021).

Por outro lado, houve pensadores contemporâneos a Teodoreto, que eram abertamente contra as ideias que propunham vestes exclusivas aos eclesiásticos. Entre eles, podemos citar Santo Agostinho¹⁰, que afirma que o luxuoso ornamento não é próprio de sua função, em seu sermão 356, *De moribus clericorum secum habitantium*, ele afirma:

Confesso, pois, a vós que me envergonho de veste preciosa: porque não convém a esta profissão, não convém a estes cabelos brancos [...] se alguém me dá uma veste melhor, eu a vendo; o que estou acostumado a fazer; para que quando a veste não pode ser (de uso) comum, o preço dela seja (colocado em) comum. Portanto vendo e distribuo aos pobres (Santo Agostinho *apud* Paci, p. 325, 2021).¹¹

Foram encontrados no século V, na Igreja da Gália¹², as primeiras evidências de distinção entre vestes cívicas e eclesiásticas. Embasados no texto evangélico de Lucas 12,35: “estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas” – os

¹⁰ Santo Agostinho (354 – 430) foi Bispo de Hipona e Doutor da Igreja, educado desde a infância na fé católica por sua mãe, Santa Mônica, Agostinho teve uma juventude marcada pelo prazer e paixões desenfreadas. Após sua conversão no ano de 387, dedicou-se todo e inteiramente as obras piedosas. Seu vasto trabalho na área da filosofia é extremamente relevante, e seu pensamento é debatido nas acadêmicas até os dias de hoje. Para mais informações consultar a obra *Vida de Santo Agostinho* por Possídio.

¹¹ *Fateor enim vobis, de pretiosa veste erubescō: quia non decet hanc professionem, non decet hanc admonitionem, non decet haec membra, non decet hos canos [...] Si quis meliorem dederit, vendo: quia et facere soleo, ut quando non potest vestis esse communis, pretium vestis possit esse commune; vendo, et erogo pauperibus.*

¹² Antiga região descrita pelos latinos no livro *De Bello Gallico*, era habitada por tribos celtas e aquitanas, seu território compreendia regiões da atual Alemanha, Bélgica, França, Itália, Países Baixos e Suíça. Foi anexada ao Império Romano por Júlio César.

bispos de Vienne e Narbonne introduziram um tipo de cinta e túnica diferenciados, gerando o descontentamento do papa São Celestino I que se declarava contra as mudanças na vestimenta, pois ele temia que seus bispos dessem mais valor às aparências do que ao verdadeiro espírito das Escrituras: “O homem de Igreja deve distinguir-se dos outros por sua doutrina, não por suas vestes; por sua conversão, não pelos seus trajes, pela pureza de sua mente, não pelo culto” (*DECRETA Coelestini Papae XIV, 1865 apud CNBB, p. 30, 2023*).

Com o advento da Idade Média, a partir das invasões bárbaras no final do século VI, o vestuário é enrijecido a fim de conservar a sua forma e tradição, dando ênfase à função litúrgica. Diante dos novos códigos vestimentares, a Igreja estimulou seus ministros a manterem inalterada a forma de seus trajes, por conta de sua forma simples; contudo, esse hábito foi mantido apenas no âmbito da liturgia.

Nesse sentido, podemos mencionar o II Concílio de Niceia¹³, que em seu décimo sexto cânone, condenou os ministros que se adornavam de forma luxuosa, recomendando-os a punição.

Toda indulgência e adorno concedidos ao corpo são estranhos à ordem sacerdotal. Portanto, todos os bispos e clérigos que se enfeitam com roupas brilhantes e ostentosas devem ser chamados à ordem, e, se persistirem, que sejam punidos. O mesmo vale para aqueles que usam perfumes. No entanto, uma vez que a raiz da amargura brotou, apareceu na igreja católica a praga de uma heresia que se deleita na difamação dos cristãos. Aqueles que adotam essa heresia não apenas lançam insultos à arte representacional, mas também rejeitam todas as formas de reverência e zombam daqueles que vivem vidas piedosas e santas, cumprindo assim, em relação a si mesmos, a expressão das escrituras: Para o pecador, a piedade é uma abominação. Portanto, se forem encontrados indivíduos que zombam daqueles que vestem roupas simples e respeitadas, devem ser corrigidos com punição. De fato, desde os primeiros tempos, todos aqueles ordenados ao sacerdócio têm se acostumado a se apresentar em público vestidos com roupas modestas e respeitadas, e qualquer um que acrescenta ao seu vestuário por causa da decoração e não por necessidade merece, como notou o grande Basílio, ser acusado de “vã glória”. Também ninguém se vestia com roupas coloridas de seda, nem acrescentava vários ornamentos coloridos às franjas de suas vestes. Eles ouviram a língua que pronunciava as palavras de Deus declarar: Aqueles que se vestem com roupas suaves estão nas casas dos reis (II Concílio de Niceia, 787).

¹³ O II Concílio de Niceia foi o sétimo Concílio Ecumênico da Igreja, e foi o último antes da cisma do oriente, que ocasionou na criação da Igreja Ortodoxa. Nessa ocasião, foram discutidos diversos temas relacionados à matéria da Fé. Dentre os mais importantes, questões relacionadas à iconografia. Para mais informações, consultar a obra *História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II* por Christopher M. Bellito.

Por conta das relações de poder resultantes do conflito entre a Igreja e o Império Romano, foi no decorrer da Idade Média, que as vestes litúrgicas passaram por uma série de desenvolvimentos, afetando principalmente a indumentaria pontifical e as hierarquias eclesiásticas. Também, a partir do contato de Roma com Constantinopla, uma série de insígnias passaram a ser utilizadas, que tinham como objetivo ressaltar o papel pastoral de seus ministros. O último momento em que as vestes sofreram uma modificação notoriamente significativa foi no século XII, quando as cores litúrgicas são estabelecidas.

Do século XV ao XVII, a período estético conhecido como Barroco também afetou a ornamentação dos paramentos, caracterizando-os com “espírito triunfalista, festivo e contra reformista” (CNBB, p. 33, 2023) empregando elementos devocionais e florais, através do desenvolvimento das técnicas de tapeçaria e bordado. Nos séculos seguintes, é possível notar as primeiras tentativas de retorno às formas originais e tradicionais dos paramentos do primeiro milênio – marcados pela tensão entre a modernidade e a tradição, o uso de formas paramentais mais antigas foi observado em muitos países da Europa.

Atualmente, a Igreja vive a reforma litúrgica proposta no Concílio Vaticano II – a palavra italiana *aggiornamento*, que segundo a Enciclopédia Católica Popular significa “estar em dia” foi o termo proposto por São João XXIII para definir as atualizações resultantes destas mudanças, como é possível constatar na Constituição *Sacrosanctum Concilium*:

O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja (São Paulo VI, 1963).

O mesmo documento apresenta sua posição em relação à indumentária no capítulo VII, dedicado à arte sacra e alfaias litúrgicas – aplicando às vestes litúrgicas e aos ornamentos uma beleza simples e nobre.

Também, a Instrução Geral do Missal Romano dedica o capítulo VI aos Requisitos para a celebração da Missa, detalhando no item IV as Vestes Sagradas – Além de servirem como um emblema da função de cada ministro, as vestes também contribuem para a beleza do rito: o Missal ressalta que a multiplicidade de vestimentas se dá pela pluralidade de membros no Corpo de Cristo, isto é, a Igreja. Ademais, no

mesmo texto é possível encontrar recomendações similares àquelas da Constituição Apostólica supracitada, sendo que:

Convém que a beleza e a nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornamentos, mas do material usado e da forma. Os ornamentos apresentem figuras ou imagens ou então símbolos que indiquem o seu uso sagrado, excluindo-se os que não se prestam bem a esse uso (Instrução Geral do Missal Romano, p. 127, 2022).

Dado o exposto, é possível notar a riqueza contida nas vestimentas que cingem os ministros da Igreja Católica Apostólica Romana. Através de uma tradição que remonta aos antigos trajes greco-romanos, a Igreja alicerçou-se nas formas clássicas, adotando insígnias que evidenciam a honra e dignidade de seu ofício. Em suma, desde a Antiguidade, as vestes litúrgicas pouco se modificaram, assemelhando-se à Santa Igreja em sua imutável missão expressa no Evangelho:

Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mateus 28,18-20).

A seguir, abordar-se-á as numerosas vestimentas utilizadas na celebração eucarística, dividindo-as em subvestes, acessórios, sobrevestes e insígnias, com o objetivo de introduzir a sua história, forma e função.

3.1 SUBVESTES

3.1.1 Amito

O amito, que vem da palavra latina *amictus*, que quer dizer “sobreveste”, do verbo *amicire*, “colocar por cima”, é basicamente um retângulo de tecido branco dotado de uma fita nas laterais superiores, que são usadas para vesti-lo. Segundo a Introdução Geral do Missal Romano, “Antes de vestir a alva¹⁴, põe-se o amito, caso ela não encubra completamente as vestes comuns que circundam o pescoço” – este é o primeiro paramento a ser vestido: acomodando-o na nuca, as fitas são usadas para formar um ‘X’ no peito, que ao perpassar a lateral do corpo, é cruzado no dorso e laçado na parte frontal da cintura.

Figura 1 – Amito



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

¹⁴ Refere-se a subveste comum a todos os ministros ordenados no sacramento de ordem, um tipo de túnica estreitamente branca que cobre todo o corpo. Para mais informações, verificar 3.1.2.

Segundo Carlos Borromeu (*apud* Paci, p. 371, 2021),¹⁵ seu tamanho deveria ter cerca de dois côvados para o comprimento e um côvado e meio para a largura¹⁶. Há também em alguns amitos uma cruz bordada no centro do retângulo, que segundo Paci (p. 373, 2021), o sacerdote beijava antes de se revestir, mas esse detalhe, dado as reformas de 1965 no Missal Romano, foi suprimido, e este bordado perdeu sua função prática. Apesar disso, alguns amitos ainda preservam esse ornamento.

Figura 2 – Amito



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Segundo a CNBB (p. 79, 2023), este paramento possivelmente se originou de uma peça do vestuário romano, o *amictus*, que era um adereço usado na cabeça, como um lenço, pelos sacerdotes romanos durante sacrifícios. Também é possível associá-lo ao *sudarium* ou *focale*, um lenço usado no pescoço que retinha o suor durante o trabalho. Desde o século X, discorre Paci (p. 373-374, 2021), que era uma tradição chegar ao altar com o amito sobre a cabeça, descobrindo-a naquele momento; um costume atribuído à Carta de Paulo aos Efésios: “Tomai, enfim, o

¹⁵ São Carlos Borromeu (1538 – 1584) foi Arcebispo de Milão e Cardeal. Nascido de uma família nobre, formou-se *Doutor in utroque jure*, ou seja, em direito civil e canônico, aos 21 anos, foi ordenado Presbítero aos 25 e Arcebispo aos 27. A partir da Fé e Caridade, o jovem Carlos promoveu uma profunda reforma na Igreja que, em seu corpo eclesiástico, passava por um momento delicado. Para mais informações, consultar a obra *Vida de São Carlos Borromeu* por Pe. Cesare Orsenigo

¹⁶ Aproximadamente 90 centímetros para o comprimento e um 67,5 para a largura.

capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus” (Efésios 6, 17). Além disso, segundo Norris, a partir do século XII os amitos também podiam ser preparados com uma faixa bordada, chamada *parura*, que se encontrava na parte superior do paramento, que ao contornar o pescoço formava um tipo de colarinho. Sob o pontificado de São Pio V,¹⁷ o costume de cobrir a cabeça com o amito foi abolido, e sua ornamentação aos poucos se perdeu.

Figura 3 – Reconstrução de um amito medieval¹⁸



¹⁷ São Pio V (1504 – 1572), foi um importante papa do século XVI, período da Contrarreforma. Ele teve um papel fundamental no chamado Concílio de Trento (1545 – 1563) e estabeleceu o Missal Romano, que normatizou o rito latino. Além disso, também promoveu a catequese, a vida sacramental e a disciplina eclesíastica. Para mais informações, consultar a obra *Quo Primum Tempore* do próprio autor.

¹⁸ Destaca-se a faixa azul adornada, chamada *parura*, no amito, e os detalhes do mesmo material na alva. Trata-se da reprodução da antiga ornamentação destes paramentos.

Fonte: <https://medievalart.co.uk/>, 2025.

No que tange ao simbolismo, Amalário de Metz em sua obra *De ecclesiasticis officiis*, descreve-o da seguinte forma: “O amito é a primeira vestimenta, com a qual cingimos inteiramente o pescoço. No pescoço, pois, está a voz, e, por este motivo, pelo pescoço o uso da fala é expresse” (Amalário de Metz *apud* Sara Paci, p. 370, 2021). Segundo Paci, tratava-se o amito de uma peça com função inteiramente prática, do qual foram atribuídos signos forçadamente a fim de se assemelhar às demais vestes litúrgicas. No entanto, diversos autores discorreram sobre as minúcias presentes no amito, como o supracitado Amalário, associando-o à moderação da voz e à garganta do ministro. Além de Sicardo de Cremona¹⁹, na obra *Mitrале*, o relacionava à “esperança dos céus, pela qual consagramos a Deus a pureza da mente, a vigilância da voz e da ação” (Sicardo de Cremona *apud* Sara Paci, p. 370, 2021).

3.1.2 Alva

A alva é, segundo a Instrução Geral do Missal Romano, “a veste sagrada comum a todos os ministros ordenados e instituídos de qualquer grau”, este paramento recebe seu nome do latim *albeo*, que significa “ser branco”, “claro” ou “brilhar”.

¹⁹ Sicardo de Cremona (1155 – 1215), foi um escritor, historiador e prelado italiano, ele é proveniente de uma nobre família de Cremona, sendo ordenado Bispo desta cidade no ano de 1185. Para mais informações, consultar a obra *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas – Volume III* por Daniel Rops.

Figura 4 – Modelos de alva



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

A alva consiste em uma túnica branca, que além das mangas longas, cobre também todo o corpo do ministro – ela é usada por cima das vestes corais, isto é, a batina ou o hábito, e é frequentemente adornada por bordados, plissados, pregas e rendas. São Carlos Borromeu instruiu a sua confecção da seguinte forma:

A alva (a veste branca que chamamos também de “túnica” por causa de sua cor) será de tecido branco e fino. Com quatro côvados de comprimento [...] descera até os pés. Na parte inferior terá uma circunferência de quatro cúbitos ou mais. [...] Será bordada com muita simplicidade: só nas extremidades das mangas e na borda superior apresentará alguns bordados um pouco mais elaborados. [...] Na parte inferior [...] na frente e atrás, e na extremidade das mangas, serão costurados horizontalmente pequenos quadrados de seda [...] da mesma cor e tecido da planeta²⁰, ornados de ricas franjas. Onde se usarem alvas sem frisos ou faixas, elas medirão na parte inferior dezesseis côvados de circunferência: ou seja, serão um pouco mais largas e compridas

²⁰ Isto é, a casula. Verificar 3.3.1.

que outras, de modo que, bem drapeadas ao redor dos quadris, se adornem belas pregas (Carlos Borromeu *apud* Paci, p.364, 2021).

No que tange ao seu material, certamente as alvas de lã não eram incomuns na Antiguidade; na Idade Média popularizaram-se as alvas tecidas em algodão, e posteriormente, também alvas feitas de seda; no entanto, a alva é essencialmente confeccionada em linho, tanto por conta de suas propriedades físicas, que fazem deste material um tecido fresco e higiênico, quanto por conta do simbolismo que sempre foi atribuído a esta fibra têxtil:

O linho, em razão de suas características naturais, sempre transmitiu a ideia de higiene e limpeza, sobretudo nas regiões quentes e úmidas, mantendo a pele fresca e enxuta e distanciando as possíveis infecções. O tronco duro da árvore da qual se extrai o linho, produz uma flor azul muito delicada, da mesma cor do firmamento. Quando tecido, o linho tem a característica de se tornar mais branco e mais macio com o tempo e com as repetidas lavagens: quanto mais se usa, melhor fica; assemelhando-se ao homem que, com a experiência da idade, vai se enriquecendo sempre mais de sabedoria (CNBB, p. 20-1, 2023).

Também é importante mencionar que desde a Antiguidade, esta túnica experienciou diversas mudanças em sua forma e ornamentação, dado que a alva é uma descendente das antigas vestes greco-romanas. Entre elas está o *chitón*, que era uma peça universal da Grécia Clássica, resumia-se a um extenso retângulo de linho ou algodão, que era drapeado no corpo com o auxílio de botões e alfinetes – Também é interessante mencionar que os *chitóns* mais curtos, até a altura dos joelhos, costumavam ser usados por homens mais jovens; enquanto os homens mais velhos, ou de maior dignidade, cobriam-se até os pés, sendo uma veste de cerimônia (Norris, p. 11, 2017) – Durante o período da República Romana, o *chitón* foi adotado pelos romanos com o nome de *tunica*, que era usada amarrada na cintura.

Do mesmo modo, pode-se mencionar o colóbio, chamado *kolobus* pelos gregos, uma peça de formato retangular com uma abertura superior para a cabeça, e nas laterais para os braços, resultando em uma sobra de tecido sobre os ombros, que vieram a se tornar pequenas mangas. Foi chamado de *colombium* pelos romanos.

Figura 5 – Uso da alva na liturgia²¹

Fonte: www.arquidiocesedepassofundo.com.br/, 2025.

Além disso, a alva também remete à cândida, uma veste branca recebida no Sacramento do Batismo, como sinal de sua fé e esperança na vida eterna. No Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), o neófito é vestido por seus padrinhos lembrando-o que “agora sois nova criatura, e estais revestidos de Cristo. Recebei a veste branca, e apresentai-a, sem mancha, no tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para viverdes eternamente com Ele” (n. 225, 2016). Em suma, revestir-se desta veste branca é como uma tradução do mistério que ocorre no batismo, já que o batizando é revestido por Cristo em virtude do sacramento, fazendo da veste um símbolo de Jesus, pois quando o Senhor se revestiu de carne humana, revestiu-nos de sua divindade:

Derramarei sobre vós águas puras, que vos purificarão de todas as vossas imundícies e de todas as vossas abominações. Eu vos darei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Dentro de vós colocarei meu espírito, fazendo com que obedeçais às minhas leis e sigais e observeis os meus preceitos (Ezequiel 36, 25-27).

²¹ Nesta ocasião, algum tipo de ordenação ou investidura de um ministro. Todos os presentes estão revestidos com a alva.

Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho, corrompido pelas concupiscências enganadoras. Renovai sem cessar o sentimento da vossa alma, e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4, 22-24).

Agora, porém, deixai de lado todas estas coisas: ira, animosidade, maledicência, maldade, palavras torpes da vossa boca, nem vos enganeis uns aos outros. Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento (Colossenses 3, 8-10).

Ademais, o papa Inocêncio III²² em sua obra *De sacro altaris mysterio* (*apud* Paci, p. 365, 2021), estabelece uma relação de oposição entre a túnica usada por Adão em ocasião do pecado original, que era feita da pele de animais mortos, e a vestimenta de linho que simboliza uma vida nova, que por conta de seu material, ao ser sovada torna-se ainda mais brilhante. Além da obra de liturgia eclesiástica *Mitrале*, onde Sicardo de Cremona instrui os sacerdotes a conservarem brancas as suas alvas, a fim de se assemelharem a pureza dos próprios anjos:

Esta é a pureza da castidade, correção, corporal, com a qual toda a vida do sacerdote deve ser ornada até o fim e perseverantemente, a fim de que imitem, em vestes brancas, os ministros do Eterno Rei, isto é, os anjos (Sicardo de Cremona *apud* Paci, p. 364, 2021).

Por fim, é notório lembrar da solenidade de Transfiguração do Senhor, celebrada pelo calendário litúrgico no dia 06 de agosto, que recorda um episódio relatado nos Evangelhos Sinóticos²³, onde o rosto de Jesus brilhou como o sol e suas vestes se tornaram branquíssimas, revelando aos seus discípulos sua Glória e lugar junto ao Pai:

Passados uns oito dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar. Enquanto orava, transformou-se o seu rosto e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura. E eis que falavam com ele

²² Inocêncio III (1160 – 1216), nascido Lottario dei Conti di Segni, foi o 176º Papa da Igreja Católica. Certamente um dos papas mais notórios que já se sentou no Trono de Pedro, Inocêncio III elaborou importantíssimos empreendimentos para a Igreja Católica Apostólica Romana no medievo, e é largamente conhecido por sua influência na cristandade. Dentre seus feitos, podemos citar a abertura do IV Concílio de Latrão, que definiu o papel da Eucaristia e o dogma da transubstanciação, assim como a convocação para sete cruzadas. Além disso, dedicou força hercúlea a fim de exterminar a heresia cátara do sul da França. Para mais informações, consultar a obra *A História da Igreja – A Idade Média* por Frei Dagoberto Romag, OFM.

²³ Trata-se dos Evangelhos de Mateus, Marcos & Lucas. São chamados de sinóticos pois contém uma ampla gama de conteúdos em comum, como é possível constatar na própria passagem usada texto, a Transfiguração do Senhor, da qual pouco se muda de um livro para o outro.

dois personagens: eram Moisés e Elias, que apareceram envoltos em glória, e falavam da morte dele, que se havia de cumprir em Jerusalém. Entretanto, Pedro e seus companheiros tinham-se deixado vencer pelo sono; ao despertarem, viram a glória de Jesus e os dois personagens em sua companhia. Quando estes se apartaram de Jesus, Pedro disse: “Mestre, é bom estarmos aqui. Podemos levantar três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias!...”. Ele não sabia o que dizia. Enquanto ainda assim falava, veio uma nuvem e encobriu-os com a sua sombra; e os discípulos, vendo-os desaparecer na nuvem, tiveram um grande pavor. Então, da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o!”. E, enquanto ainda ressoava esta voz, achou-se Jesus sozinho. Os discípulos calaram-se e a ninguém disseram naqueles dias coisa alguma do que tinham visto (Lucas 9, 28-36).²⁴

Esta descrição, por sua vez, é a concretização de uma das profecias veterotestamentárias presente no livro de Daniel, no qual o profeta relata ver uma figura anciã, que tinha vestes “brancas como a neve”, e ao seu lado o “filho do homem” a quem foi dado “império, glória e realeza”:

Continuei a olhar, até o momento em que foram colocados os tronos e um ancião chegou e se sentou. Brancas como a neve eram suas vestes, e tal como a pura lã era sua cabeleira; seu trono era feito de chamas, com rodas de fogo ardente. Saído de diante dele, corria um rio de fogo. Milhares e milhares o serviam, dezenas de milhares o assistiam! O tribunal deu audiência e os livros foram abertos. (Daniel 7, 9-10).

Olhando sempre a visão noturna, vi um ser, semelhante ao filho do homem, vir sobre as nuvens do céu: dirigiu-se para o lado do ancião, diante de quem foi conduzido. A ele foram dados império, glória e realeza, e todos os povos, todas as nações e os povos de todas as línguas serviram-no. Seu domínio será eterno; nunca cessará e o seu reino jamais será destruído (Daniel 7, 13-14).

²⁴ Nesta citação, foi selecionado o Evangelho segundo São Lucas, pois é o Evangelho lido no Ano C, o ano litúrgico em que o presente trabalho foi escrito. Textos semelhantes podem ser encontrados em Mateus 17, 1-9 & Marcos 9, 2-10. Para mais informações, consultar a obra *Conhecer o Ano Litúrgico que Vivenciamos* por Pe. Rodrigo Arnosso, CSSR & Pe. Thiago Faccini Paro.

Figura 6 – Uso da alva na liturgia²⁵



Fonte: noticias.cancaonova.com, 2025.

Logo, também nesta ocasião podemos ver as vestes brancas sendo relacionadas ao Cristo em sua resplandecência, associando-se essencialmente à alva e ao seu simbolismo supracitado.

Concluindo, há dois paramentos frequentemente usados na Celebração Eucarística que remetem ao simbolismo da alva, trata-se da cota, ou sobrepeliz, e do roquete:

A sobrepeliz, palavra derivada do latim *superpelliceum*²⁶, que significa “sobre a pele”, também referida por cota, proveniente do latim *cottus*, “tunica” ou “veste”, quando se trata de um modelo mais simples. Este paramento tem forma similar à alva, trata-se basicamente de uma ampla túnica branca de mangas bastante largas, frequentemente adornada por pregas e rendas, que se estende aproximadamente até os joelhos. A sobrepeliz costuma ter o decote em formato de trapézio, mas também existem modelos de decote redondo que são acomodados ao redor do pescoço com o auxílio de cordões.

²⁵ Novamente, algum tipo de ordenação. Pode-se notar o cingulo na cintura dos candidatos. Para mais informações sobre este paramento, verificar 3.2.1.

²⁶ Também pode ser traduzida como “sobre a peliça”, pois acredita-se que, vindo do norte europeu, eram usadas por cima das vestes de pele, com a função de protegê-las. Verificar Apêndice.

Segundo o Cerimonial dos Bispos, a sobrepeliz é sempre usada por cima do hábito talar e não substitui a alva quando o ministro em questão se revestirá também de casula ou dalmática²⁷, ou quando a estola²⁸ as substituir (Cerimonial dos Bispos, n. 65, 2001). A sobrepeliz é considerada um símbolo de serviço, sendo usada por todos os clérigos²⁹ sobre a sotaina³⁰, em todas as ocasiões que não são ligadas a Celebração da Eucaristia.

Figura 7 – Modelos de sobrepeliz



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Para terminar, o roquete, que tem seu nome empregado do latim medieval *rocchettum*, diminutivo de *roccus*, que significa “hábito”, é uma veste bastante similar a sobrepeliz, com exceção de suas mangas que costumam ser mais estreitas, as rendas costumam ser mais destacadas, e por vezes contam com cordões no decote. O roquete não é considerado um paramento litúrgico, mas uma veste coral, e é um

²⁷ Para mais informações sobre esses paramentos, consultar 3.3.1 e 3.3.2, respectivamente.

²⁸ Para mais informação sobre este paramento, consultar 3.2.2.

²⁹ Aquele que recebe o Sacramento de Ordem em qualquer nível. Isto é, diáconos, presbíteros e episcopos.

³⁰ Veste coral comumente usada pelos sacerdotes, popularmente conhecida como batina.

símbolo de alta dignidade eclesiástica, sendo usada pelos cônegos, prelados, abades, bispos, cardeais e pelo pontífice romano.

Figura 8 – Roquete



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

3.2 ACESSÓRIOS

3.2.1 Cíngulo

O cíngulo, do latim *cingulum*, que quer dizer “faixa” ou “cinturão”, é um paramento litúrgico usado na cintura, para que a alva seja ajustada no corpo do ministro, como é possível atestar através da Introdução Geral do Missal Romano, “ela será cingida à cintura pelo cíngulo, a não ser que o seu feitio o dispense.”³¹

³¹ Nesse trecho, a sentença refere-se à alva.

Atualmente, trata-se de um cordão, frequentemente adornado com borlas nas pontas, e por vezes ornado de fios de ouro. Além disso, o cingulo pode ser usado em diferentes cores, por ocasião dos diferentes tempos do calendário litúrgico.

Figura 9 – Modelos de cingulo



Fonte: www.clerobrasil.com.br, 2025.

Segundo Norris (p.14, 2017), o cingulo é um acessório usado por todas as classes sociais há muitos séculos, sendo usado pelos romanos por influência dos gregos clássicos. A primeira menção ao paramento foi, possivelmente, no século VI, na Regra de São Bento³², onde seus monges deveriam usá-lo até mesmo para dormir. Nessa ótica, a CNBB (p. 81, 2023) afirma que era uma peça utilitária, geralmente feita de couro, e quase indispensável para os romanos, que além de ajustar a túnica ao corpo, era usado para pendurar objetos necessários para trabalhar. Também é interessante mencionar que o cingulo como é conhecido na atualidade, semelhante a

³² Bento de Núrsia (480 – 547) é conhecido como pai do monaquismo cenobítico, isto é, dos monges que vivem em comunidades. Junto a sua irmã, Santa Escolástica (480 – 543), compôs a Regra de São Bento, que orienta os monges a “nada antepor ao Amor de Deus”. Além disso, ele é padroeiro da Europa, sendo considerado fundamental para a formação cultural ocidental. Para mais informações, consultar a obra *São Bento: Vida e Milagres* por São Gregório Magno.

um cordão, foi popularizado apenas no século XV, pois durante a Idade Média, o cingulo consistia em uma faixa enlaçada na cintura.

Figura 10 – Cingulo



Fonte: www.diocesedeanapolis.org.br, 2025.

Enfim, o cingulo é um símbolo da temperança dos ministros que são por ele constringidos. Neste contexto, os ímpetos e paixões contidas sendo simbolizadas pelos rins, que se encontram na altura da cintura. Assim escreveu Sicardo de Cremona, a respeito do cingulo, no seu *Mitrale*:

É colocado ali porque são dominados pela luxúria, por isso, ‘sejam vossos rins cingidos’, e sobre o diabo se diz: ‘a sua força está em seus rins’³³. Cingir os rins é refrear os ímpetos da luxúria. Esta coícoibe a castidade para que se dissipe por caminhos desconhecidos, e seja assim imperdido o caminho das boas obras (Sicardo de Cremona *apud* Sara Paci, p. 379, 2021).

³³ Sua força reside nos rins e seu vigor nos músculos do ventre (Jó 40, 16). A passagem refere-se à Beemot, uma besta descrita no Livro de Jó; para mais informações, consultar o versículo completo.

3.2.2 Estola

A estola, do latim *stola* que significa “veste”, e no passado também foi chamada de *orarium*, “lenço”, é um paramento próprio dos ministros que receberam o Sacramento de Ordem. Este acessório é como uma longa faixa, sua cor é definida de acordo com o tempo litúrgico, e é frequentemente adornada de bordados e franjas. Ademais, é um acessório usado com muita frequência, e é acomodado de acordo com a hierarquia do ministro, tal como instrui a Instrução Geral do Missal Romano:

A não ser que se dispunha de outro modo, a veste própria do sacerdote celebrante, tanto na Missa como em outras ações sagradas em conexão direta com ela, é a casula ou planeta sobre a alva e a estola.

A veste própria do diácono é a dalmática sobre a alva e a estola; contudo, por necessidade ou em celebrações menos solenes a dalmática pode ser dispensada.

A estola é colocada pelo sacerdote em torno do pescoço, pendendo diante do peito; o diácono usa a estola a tiracolo sobre o ombro esquerdo, prendendo-a do lado direito (n. 337; 338; 340, 2022).

Dado o exposto, a estola parece ter origem similar ao manípulo³⁴, já que também era usado como um tipo de toalha para secar o rosto. Segundo Paci (p. 320, 2021) este acessório foi introduzido pelo imperador romano Aureliano³⁵, que o usava para se abanar durante os jogos públicos. Analogamente, os servos que trabalhavam à mesa tinham o auxílio de uma toalha de linho, chamada de *mantile*, um hábito que foi aderido no meio cristão para a limpeza dos objetos litúrgicos, usada dobrada sobre o ombro esquerdo. Com o passar dos séculos, tornou-se uma verdadeira faixa, perdendo a sua função prática, e tornando-se uma insígnia litúrgica de serviço cada vez mais ornamentada.

³⁴ Para mais informações sobre o manípulo, consultar 3.2.3.

³⁵ Aureliano (214 – 275 d.C.) foi um imperador que, apesar de suas origens humildes, tornou-se conhecido por conta de sua atuação na área militar, ascendeu ao governo romano no ano de 270 d.C. e governou até a sua morte. Para mais informações, consultar a obra *Roma: a História de um Império*, por Greg Woolf.

Figura 11 – Modelos de Estola³⁶

Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Enfim, Santo Isidoro de Pelúcio³⁷ (*apud* Paci, p. 319, 2021) associa a estola à caridade e ao serviço – possivelmente por sua função ser, inicialmente, uma toalha usada por servos. Dessa forma, o autor remete ao episódio do lava-pés, no qual Jesus, em sua última ceia com doze e ciente da traição de Judas Iscariotes, lava os pés dos apóstolos como sinal de humildade e servidão, posto que “O maior dentre vós será vosso servo” (Mateus 23, 11):

Levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Chegou a Simão Pedro. Mas Pedro lhe disse: “Senhor, queres lavar-me os pés!...”.

³⁶ Na primeira imagem, a estola sacerdotal; na segunda, a diaconal.

³⁷ Santo Isidoro de Pelúcio (370 – 449 d. C.) foi um dos chamados “padres do deserto”, ascetas de grande austeridade que se isolavam para viver em contínua comunhão com o Deus. Ele ficou conhecido por suas muitas cartas de temática moral.

Respondeu-lhe Jesus: “O que faço não compreendes agora, mas irás compreendê-lo em breve”. Disse-lhe Pedro: “Jamais me lavarás os pés!...”. Respondeu-lhe Jesus: “Se eu não os lavar, não terás parte comigo”. (...) Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentou-se novamente à mesa e perguntou-lhes: “Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes essas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes (João 13, 4-8; 12-17).

Além disso, Hugo de São Vitor³⁸ (PL CLXXV, 57 *apud* Paci, p. 319, 2021) concebe a estola como o paramento próprio do pregador, “É chamada também *orarium* (a partir do verbo orar, ou pregar), porque nenhuma oração comum se realiza sem a estola”, possivelmente por circundar o pescoço e a garganta, membros associados a voz e capacidade de falar, atribuindo-lhe direta ligação com a palavra e a oratória.

3.2.3 Manípulo

A palavra manípulo é derivada do termo em latim *mappula*, de *mappa*, que quer dizer “toalha” ou “quadrado de tecido” que era usado por cidadãos romanos de grande prestígio como símbolo de sua opulência social. Trata-se este paramento de uma faixa, por vezes terminada em formato de trapézio, usada no antebraço esquerdo; sua cor é definida de acordo com o tempo litúrgico e costuma ser ricamente adornada por bordados, franjas e, eventualmente, um cordão interno que mantém o acessório acomodado em seu lugar.

Dado o exposto, o manípulo era, até o Concílio Vaticano II, um acessório comum aos ministros que receberam o Sacramento de Ordem, isto é, os diáconos, presbíteros e episcopos. No entanto, devido às diversas reformas litúrgicas no rito romano tradicional, seu uso foi suprimido, tornando-se opcional e raramente usado na atualidade.

³⁸ Hugo de São Vitor (1096 – 1141) foi um célebre autor saxão da Cristandade. Ainda jovem, mudou-se para Paris e ingressou no Mosteiro de São Vitor, do qual se tornou professor, e posteriormente, diretor, organizando a estrutura da escola de teologia. Muito conhecido por sua abordagem pedagógica, ele conduzia seus alunos à contemplação através da leitura, preparando-os para o magistério. Para mais informações, consultar a obra *Didascalion – Sobre a Arte de Ler* por Hugo de São Vitor.

Segundo Paci (p. 301, 2021), o manípulo passa a ser usado pelos ministros cristãos quando a fé se torna legítima no Império; este era um acessório levado na mão esquerda como emblema diaconal, que além de conferir dignidade aos ministros, era um símbolo de serviço. Até o século XI, o manípulo tinha forma quadrada, para que fosse segurado na mão; com o passar dos séculos, o acessório passou a ser dobrado, como em forma de faixa, e sua ornamentação tornou-se ser cada vez mais elaborada. Neste contexto, embora o uso do manípulo quadrado não tenha se perdido de imediato, foi entre os séculos XI e XIII que novos formatos foram estabelecidos, que possibilitaram o uso no antebraço, similar aos manípulos da atualidade.

Figura 12 - Manípulo



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Primordialmente, como já foi mencionado, o manípulo era um símbolo de proeminência entre os romanos. Apesar disso, parecia ter uma função prática pois, segundo Hugo de São Vítor em *De sacramentis* (livro II, parágrafo IV, *De indumentis sacris* (PL CLXXVI: 437) *apud* Paci, p. 310, 2021), e Amalário de Metz em *De ecclesiasticis officiis* (1, 2, c. 24 *apud ibidem*) era usado como uma toalha para secar o rosto,

remetendo também, simbolicamente, à purificação das impurezas presentes nos homens, sendo um representante das boas obras.

3.2.4 Véu umeral

O véu umeral, também chamado véu de ombros, recebeu seu nome da palavra latina *humerus*, que significa “ombros” ou ainda “espalda”, que faz referência a forma que é vestido. Trata-se de um grande retângulo de tecido usado nos ombros, que se estende até as costas, como uma capa curta; costuma ser preso na parte frontal, através de ganchos similares aos do pluvial, e contam com bolsos nas extremidades, para que os ministros possam apoiar as mãos com firmeza. Além disso, este paramento é frequentemente ornamentado, principalmente no centro, por bordados, e nas bordas, com franjas e borlas.

Figura 13 – Véu umeral



Enfim, no que tange à usabilidade, segundo a CNBB (p. 86, 2023), o véu umeral é usado pelos ministros que tenham o sacramento de ordem, em qualquer grau, para que levem o ostensório em procissão, além de certas ocasiões previstas pela liturgia, e nos momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento.

Figura 14 – Uso do véu umeral³⁹



Fonte: nossasenhoravotuporanga.com.br, 2025.

Dado o exposto, pode-se mencionar que o véu umeral é um paramento utilizado desde os primeiros séculos do cristianismo, e segundo Paci (p. 401, 2021), sua história é obscura. No entanto, este paramento parece fazer referência à tenda de Moisés, na qual ele conversava com Deus:

Moisés foi levantar a tenda a alguma distância fora do acampamento. (E chamou-a de tenda de reunião.) Quem queria consultar o Senhor, dirigia-se à tenda de reunião, fora do acampamento. Quando Moisés se dirigia para a tenda, todo mundo se levantava, cada um diante da entrada de sua tenda, para segui-lo com os olhos até que entrasse na tenda. E logo que ele acabava

³⁹ Na imagem, o Papa Francisco (1936 – 2025) com o véu sobre os ombros, levando a custódia em procissão na solenidade de Corpus Christi.

de entrar, a coluna de nuvem descia e se punha à entrada da tenda, e o Senhor se entretinha com Moisés (Êxodo 33, 7-9).

Em suma, o véu umeral remete ao toque no que é sagrado: Da mesma forma que eram usadas as quirotecas⁴⁰, a fim de revestir as mãos para que o sagrado não fosse tocado com as mãos desnudas, o véu umeral reveste o ministro em uma ‘pequena tenda’ para que possa levar o Santíssimo Sacramento com o devido respeito e solenidade.

Adicionalmente, há um paramento muito semelhante ao véu umeral, porém menor e menos adornado; este se chama vimpa, e é usado pelos acólitos⁴¹ designados para segurar as insígnias episcopais, isto é, a mitra e o báculo⁴², enquanto o bispo não está portando-as, para que não as danifique com o suor das mãos.

Figura 15 – Vimpa



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

⁴⁰ Refere-se às luvas usadas na liturgia, para mais informações, consultar 3.4.7.

⁴¹ Diz respeito ao acolitato, um ministério da Igreja Católica Apostólica Romana responsável por auxiliar os ministros ordenados no grau de ordem durante as ações litúrgicas.

⁴² Para mais informações sobre estes paramentos, verificar 3.4.3 e 3.4.4, respectivamente.

3.3 SOBREVESTES

3.3.1 Casula

O termo casula, é uma palavra latina que quer dizer “cabana” ou “cobertura”. Também chamada de *paenula*, do grego “sobre” ou “que cobre a cabeça” e *planeta*, “que gira em torno”, a casula é o paramento típico do presbítero, como afirma a Introdução Geral do Missal Romano, “a veste própria do sacerdote celebrante, tanto na Missa como em outras ações sagradas em conexão direta com ela, é a casula ou planeta sobre a alva e a estola”. É uma sobreveste ampla e arredondada, que reveste o corpo do ministro através de uma abertura central, assemelhando-se a um manto. Há também um modelo chamado de ‘Casula Romana’, que mais se assemelha a uma couraça – o que faz referência à Epístola aos Efésios, onde Paulo faz alusão a uma armadura literal para se referir às virtudes no combate espiritual: “Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça” (Efésios 6, 14).⁴³

⁴³ Para mais informações sobre este trecho, conferir Efésios 6, 10 – 17.

Figura 16 – Modelos de casula⁴⁴



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

São Carlos Borromeu, que em sua obra *Instructiones fabricae et suppellectilis ecclesiasticae* discorre a respeito da forma e confecção das vestimentas eclesiásticas, esclarece que:

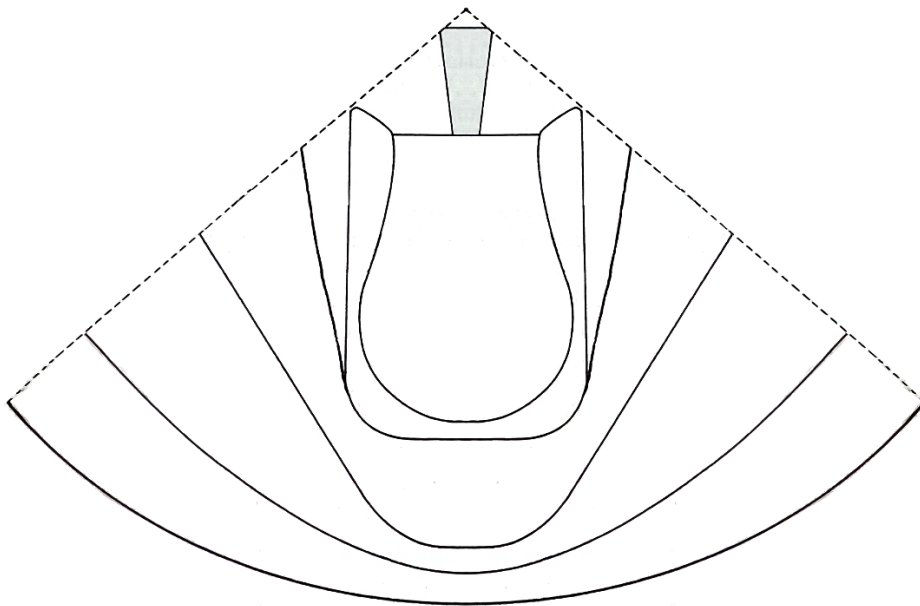
A casula (também chamada de “phelonium” ou, por sua amplitude, planeta) terá a largura de três côvados ou pouco mais, de modo que, caindo dos ombros, possa formar entre eles uma prega de pelo menos um palmo. Terá o mesmo comprimento ou talvez mais, de modo que possa descer quase até os tornozelos. Terá na frente e atrás uma faixa com pelo menos oito dedos de largura, costurada ao longo de toda a planeta, e uma segunda faixa transversal; acrescentada na frente e atrás na parte superior, formará uma Cruz de ambos os lados (Borromeu *apud* Paci, p. 334, 2021).

⁴⁴ Modelos de casula gótica e romana, respectivamente.

Dado o exposto, este paramento se origina de uma veste greco-romana, que devido ao seu formato amplo e circular, era usada tanto para se defender contra as intempéries naturais, quanto em viagens – ela podia ser acompanhada por um capuz, e era uma peça comum e bastante difundida no mundo antigo. Com o passar dos séculos, a casula sofreu diversas alterações, moldando sua forma e ornamentação em função do espírito de cada época. Desde os primeiros séculos da Igreja, ela foi associada ao clero, e posteriormente ao próprio sacerdote:

hoje a casula é a roupa comum do padre que celebra a missa, é o símbolo do sacerdócio e é imposta pelo bispo durante a ordenação sacerdotal. Ele a usa todas as vezes que se celebra a Eucaristia, bem como na procissão de Corpus Christi se segue imediatamente à missa (Paci, p. 340, 2021).

Figura 17 – Evolução na forma da casula⁴⁵



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Em seu tamanho, entende-se a própria caridade, que se estende até inimigos: Como revestimento próprio do sacerdote, a casula foi imbuída de significados

⁴⁵ O gráfico demonstra a alteração na forma da casula com o passar dos séculos. Inicialmente, um paramento em formato de sino, a casula foi reduzida até se tornar semelhante a uma couraça. No entanto, essa mudança foi orgânica e não definitiva, pois é possível encontrar, na atualidade, casulas tão amplas quanto as medievais.

sobrenaturais. Pode-se mencionar o papa Inocêncio III, que associava a casula de Cristo à Igreja Universal – como uma vestimenta ampla e inteira que é ‘dividida’ pelos braços entre parte anterior e posterior, assim representa tanto a Igreja que antecedeu o Sacrifício de Cristo, quanto a Nova Aliança, que foi instituída após sua paixão. Segundo Paci (p. 336, 2021), desde o século XII é considerada a veste da inocência, e acima de tudo representa o encontro eucarístico, a união de Cristo com o gênero humano, pois é no largo calor da casula que se sente o Amor fraterno do Senhor.

3.3.2 Dalmática

Dalmática foi um vocábulo latino criado para designar a veste proveniente da Dalmácia⁴⁶, conhecida por ser utilizada largamente pelos diáconos. O Missal Romano instrui que “a veste própria do diácono é a dalmática sobre a alva e a estola; contudo, por necessidade ou em celebrações menos solenes a dalmática pode ser dispensada” (IGMR, p. 126, 2022).

⁴⁶ A Dalmácia foi uma antiga província romana, seu nome deriva da tribo dos dálmatas que habitavam parte da costa do Mar Adriático na Antiguidade Clássica. Foi uma região que abrangeu grande parte do território da atual Albânia, Bósnia-Herzegovina, Croácia, Montenegro e Sérvia.

Figura 18 – Modelos de dalmática



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Por conta do formato de cruz deste indumento, Sicardo de Cremona a associou à Paixão de Cristo (*Mitræle*, liber II, caput II PL CCXIII, 64 *apud* Paci, p. 347, 2021); atualmente a dalmática é um tipo de túnica larga na altura dos joelhos, por vezes é aberta nas laterais, e muito frequentemente ornada por duas faixas verticais, chamadas de *clavi*⁴⁷, e por vezes por uma ou duas faixas na horizontal, chamadas *segmentae*, suas mangas são largas e se estendem até o antebraço, dando-a formato de “T”. No século XVI, São Carlos Borromeu instruiu que:

⁴⁷ Além desta nomenclatura, foram também encontradas fontes que se referem ambas *clavi* e *segmentae* como “sebasto”, que diz respeito a “banda de tecido diferente ou bordado e delimitada por galão que se aplica como ornamento”. Para mais informações, consultar a obra *Thesaurus: Vocabulário de objectos do culto católico* da Universidade Católica Portuguesa. de alguns paramentos (capa, casula, dalmática).

A dalmática terá forma de uma Cruz, de modo que as mangas, mais largas, não sejam curtas, mas desçam até as mãos. A Episcopal terá as mangas mais largas que a diaconal, e esta, por sua vez, as terá mais largas que a do subdiácono. A tunicela⁴⁸ terá as mangas mais estreitas em todos os casos. A dalmática episcopal deverá ser do mesmo material que a tunicela Episcopal. [...] A dalmática diaconal e a tunicela subdiaconal serão adornadas, na parte da frente e atrás, por linhas ou pequenas faixas vermelhas, de um lado e do outro. A dalmática será adornada também por um friso de ouro, ou seja, por pequenos quadrados tecidos em ouro, costurados entre as linhas vermelhas da borda inferior, na frente e atrás. Todas as orlas da veste, exceto a que contorna o pescoço, serão ornadas por uma franja de poucos fios (Borromeu *apud* Paci p. 348, 2021).⁴⁹

Proveniente do final da Antiguidade, a dalmática surgiu, inicialmente, como uma túnica feminina, e rapidamente se tornou um símbolo de prestígio, utilizada pela aristocracia e na corte. Ela era uma peça exclusiva para a alta hierarquia eclesiástica, mas foi adotada pelos diáconos no século IV, após um decreto do papa São Silvestre I⁵⁰. A dalmática sempre foi uma veste de importância imperial, tanto para os romanos quanto para os bizantinos, sendo uma indumentária de consagração dos soberanos, e segundo Paci (p. 350, 2021) “passou a ser usada pelo pontífice romano, provavelmente sob concessão imperial”.

Em *De Sacramentis*, Hugo de São Vítor (*apud* Paci, p. 347, 2021) associa a largueza da dalmática à “cura dos próximos, que se estende através do amor, para que seja útil a muitos [...] porque ambas, cura e solícitude pelo próximo, estão intimamente unidas através do incremento do amor”. Além disso, o Sumo Pontífice Inocêncio III também deu atenção à forma desta vestimenta, já que em sua obra *De Sacro Altaris Mysterio* (*apud* Paci, p. 349, 2021) associa a sua largueza e amplitude à Misericórdia de Cristo.

⁴⁸ A título de esclarecimento, faz-se necessário explicar ao leitor a respeito deste paramento. Trata-se a tunicela de uma veste muito similar à dalmática; diferindo-se, normalmente, por suas mangas, que na tunicela são mais longas e menos largas. Este paramento era próprio do subdiácono; no entanto, caiu em desuso dado as reformas litúrgicas do Concílio Vaticano II. Atualmente, reveste-se o bispo da tunicela na forma extraordinária do rito romano, sob a dalmática e casula, o que representa a plenitude dos poderes concedida ao episcopado.

⁴⁹ Sobre o uso da dalmática e tunicela episcopal citado no texto, é uma referência à forma extraordinária do rito romano, no qual o bispo é revestido pela tunicela, dalmática e casula, o que representa sua plenitude em relação ao sacramento de ordem, que tem o episcopado como ápice. Atualmente, vê-se esta paramentação apenas em missas tridentinas, conhecidas por sua composição tradicional.

⁵⁰ São Silvestre I (280 – 335) foi um pontífice que ascendeu à Cátedra de Pedro no ano seguinte à concessão de liberdade ao culto cristão, e seu nome está ligado à construção de basílicas, à Construção da Escola Romana de Canto e à escrita do Martirólogo Romano. Para mais informações, consultar a obra *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires – Volume I* por Daniel Rops.

3.3.3 Pluvial

O pluvial, também conhecido como capa de asperges, provém do latim *pluvialis*, que significa “manto de chuva” – segundo a Instrução Geral do Missal Romano (n. 341, 2022), “A capa ou pluvial é usada pelo sacerdote nas procissões e outras ações sagradas, conforme as rubricas de cada rito”. Trata-se o pluvial de uma capa ampla em formato circular, que cobre toda a extensão do corpo do ministro; ela conta com uma abertura frontal, onde é confeccionado algum tipo de fecho, desde presilhas em gancho até elaboradas peças de ourivesaria, chamadas de alamar, que além de conferirem mais beleza ao paramento, tem uma função prática de fechá-lo.

A parte frontal da capa costuma ser adornada por bordados, enquanto o dorso é ornado por um escudo enfeitado ou por um capuz. Há também alguns modelos que se estendem até a nuca, e ao cobrirem os ombros, adquirem um formato triangular, ou de trapézio. De acordo com as instruções de São Carlo Borromeu, este paramento deve ser confeccionado da seguinte forma:

A veste chamada de pluvial terá forma semicircular, e chegará até os tornozelos com um comprimento de tres covados e seis onças; [...] sua orla será ornada de franjas; na parte anterior, toda aberta de cima a baixo, será decorada com frisos de ouro com motivos sagrados. Na parte posterior, trará uma insígnia, denominada ‘caputim’, ornada de franjas curtas e de um friso de ouro que evocará o da parte da frente. Na parte superior da frente, será preso com uma fivela não costurada; a parte interna será revestida de seda fina ou de tecido de algodão da mesma cor (Borromeu apud Paci, p. 357, 2021).

Figura 19 – Pluvial⁵¹

Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

A origem do pluvial é incerta – há semelhanças tanto com a *lacerna*, uma capa quase semicircular introduzida na República Romana com o intuito de se proteger de condições climáticas adversas, quanto com o *byrrus*, uma capa com capuz de origem bárbara, feita de materiais mais pesados e resistentes (Norris, p. 157, 2017). Segundo Paci (p. 359-60, 2021) o pluvial apenas foi considerado uma veste litúrgica no século XII e pode ser um herdeiro das capas usadas em procissões ou pelas ordens menores provenientes do medievo.

Além disso, Guilherme Durando⁵² em sua obra *Rationale Divinorum Officiorum*, atribuiu alguns significados simbólicos ao pluvial, associando a veste e cada um de

⁵¹ Modelo de pluvial com capuz.

⁵² Guilherme Durando (1230 – 1296) foi um humanista e bispo francês, ele também produziu obras importantes na Idade Média, como o *Speculum Iudiciale & Rationale Divinorum Officiorum*.

seus elementos visuais a uma verdade de fé, com o objetivo de evidenciar a importância deste paramento:

Pensa-se que a veste que é denominada “pluvial” ou “capa” deriva da túnica descrita no Antigo Testamento: assim como aquela que era adornada com guizos, esta possui franjas, que representam as dificuldades e as preocupações deste mundo. Ela tem também um capuz, que significa a alegria suprema. É comprida até os pés, para significar a perseverança em realizar ações. É aberta na frente, para significar que para os que se comportam corretamente a vida eterna se abre, ou também que a vida deles deve ser manifestada aos outros com o exemplo. Com o pluvial pode-se representar também a gloriosa imortalidade do corpo, e por isso é usado apenas nas festividades solenes, para celebrar a ressurreição futura, quando os eleitos, despidos de sua carne mortal, usarão as duas estolas da paz de espírito e da glorificação da carne. Ele é completamente aberto e desprovido de costuras, com exceção da fivela, na medida em que os corpos, agora tornados espirituais, já não serão angustiados pelos sofrimentos. É adornado com franjas, porque nada naquele dia impedirá a nossa perfeição ou porque, se agora nós compreendemos apenas em parte, então conheceremos e seremos conhecidos completamente (Durando *apud* Paci, p. 357, 2021).

Figura 20 – Pluvial⁵³



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

⁵³ Modelo de pluvial com o escudo.

Também, há dentre os muitos paramentos litúrgicos, outros tipos de capa, usados em menor frequência. Pode-se mencionar a capa magna, um paramento usado por bispos, na cor purpura, e cardeais, em escarlata; trata-se de um grandioso manto de larga dimensão, apenas usado em soleníssimas ocasiões.

Figura 21 – Capa Magna⁵⁴



Fonte: www.cwatershed.org, 2025.

⁵⁴ Na imagem, o cardeal Raymond Leo Burke, patrono da Ordem Soberana e Militar de Malta estadunidense.

Figura 22 – Capa Magna⁵⁵

Fonte: www.ccwatershed.org, 2025.

Além disso, a murça é um pequeno manto com capuz usada para se proteger do frio; esta veste era muito frequentemente confeccionada com peles, e apesar de ter sido largamente utilizada pelas hierarquias eclesiásticas, era uma roupa comum, não um paramento.

⁵⁵ Na imagem, o então cardeal Karol Józef Wojtyła, futuro papa São João Paulo II.

Figura 23 – Murça



Fonte: www.newliturgicalmovement.org, 2025.

A mozeta é um paramento ainda muito usado pelos bispos, trata-se de um pequeno manto que é vestido sobre os ombros e se estende fechado por botões até a altura dos cotovelos; analogamente, a romeira ou peregrina é quase idêntica a murça, com a única diferença de ser aberta. Há também o fanhão, um tipo de gola, similar a murça, produzido na cor branca com listras douradas, adornado por uma cruz frontal; esse paramento é restrito ao sumo pontífice e, atualmente, está em desuso.

Figura 24 – Mozeta & Romeira



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Figura 25 – Fanhão⁵⁶

Fonte: commons.m.wikimedia.org, 2025.

Concluindo, o mantelete é um manto amplo que se estende até a altura dos joelhos, atribuído de aberturas nas laterais e na frente. Em suma, todos esses diferentes tipos de capas são cabíveis a diferentes autoridades eclesíásticas, tais como cônegos, monsenhores, abades, bispos e cardeais, como símbolo de autoridade e jurisdição.

⁵⁶ Na imagem, o Papa Bento XVI (1927 – 2022).

Figura 26 – Mantelete⁵⁷

Fonte: pilulasliturgicas.blogspot.com, 2025.

3.4 INSÍGNIAS

3.4.1 Anel

A palavra latina *anellus*, que corresponde ao diminutivo de “círculo”, deu origem ao nome anel. Segundo Paci (p. 274, 2021), Norris (p. 183, 2017) e a CNBB (p. 80, 2023), o anel sempre foi um símbolo de autoridade, prestígio, opulência desde a Antiguidade em diversas culturas, e certamente está insígnia não perderia suas atribuições com o advento do cristianismo.

No que tange ao tema, o anel episcopal é uma insígnia reservada aos graus mais elevados da hierarquia eclesiástica, isto é, os bispos, arcebispos, cardeais e ao

⁵⁷ Na imagem, Dom Guido Marini, bispo de Tortona.

papa. Atualmente, os ministros que têm direito a usar este acessório, portam-no sobre o dedo indicador direito, os anéis costumam ser feitos em materiais nobres: prata para os bispos, e ouro para os cardeais e ao papa; eles costumam ser avantajados, decorados com algum símbolo, talhado ou gravado, que remeta à sua condição de sucessor dos apóstolos.

Figura 27 – Modelos atuais de anel episcopal



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Além disso, o papa usa o *anulus piscatoris*, ou anel do pescador, que consiste em um anel de sinete feito em ouro, talhado com a imagem de São Pedro como um pescador, representando a autoridade do papa como sucessor do líder dos apóstolos e fazendo referência à passagem bíblica na qual ele é chamado pelo Senhor para ser um “pescador de homens”:

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus disse-lhes: “Vinde após mim; eu vos farei pescadores de homens”. Eles, no mesmo instante, deixaram as redes e seguiram-no (Marcos 1, 16-18).

Ademais, há uma tradição de que o anel do pescador é destruído após a morte do sumo pontífice.

Figura 28 - Anel do pescador⁵⁸

Fonte: diretodasacristia.com, 2025.

Segundo Norris (p. 183, 2017) e Paci (p. 274, 2021), o bispo Clemente de Alexandria, no século II, recomendou aos cristãos o uso dos anéis no dedo mínimo esquerdo, para que não os atrapalhasse de trabalhar, e que inscrevessem símbolos cristãos nele. Em relação aos papas, o primeiro que se tem registros de ter feito uso desta joia, foi São Caio, que no século III já usava um anel de sinete para lacrar cartas e documentos; no entanto, só é oficialmente citado no século VII, através do IV Concílio de Toledo e da obra *De ecclesiasticis officis* de Santo Isidoro de Sevilha, tornando-se uma verdadeira insígnia pontifícia.

Por conseguinte, era comum, no passado, que os anéis episcopais fossem grandes, a fim de serem vistos de longe e com os dedos dobrados, ao realizar o gesto de benção; também eram cravados com gemas preciosas, e muitas vezes feito como

⁵⁸ Na imagem, o papa Bento XVI.

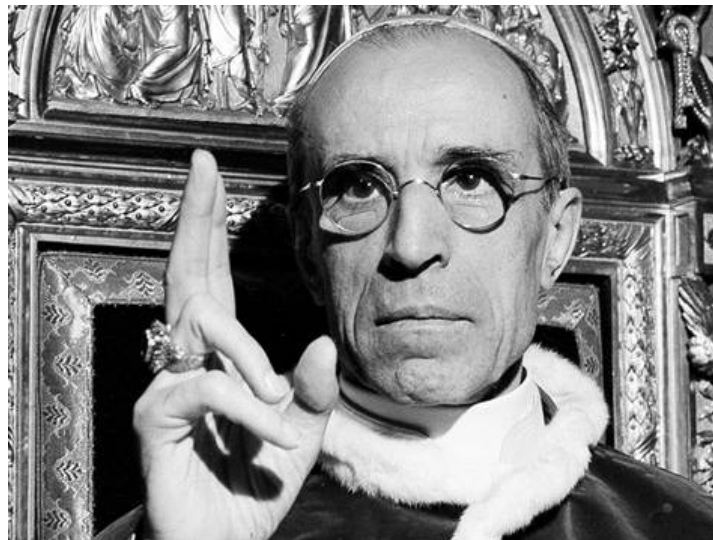
um relicário, no qual guardavam relíquias em seu interior, resultando em joias muito elaboradas e valiosas.

Figura 29 – Modelos antigos de anel episcopal⁵⁹



Fonte: diretodasacristia.com, 2025.

Figura 30 – Anel episcopal⁶⁰



⁵⁹ Anéis episcopais que pertenciam ao papa Pio XII (1876 – 1958).

⁶⁰ Na imagem, o papa Pio XII em gesto de bênção.

Fonte: diretodasacristia.com, 2025.

Enfim, quando as luvas, ou quirotecas⁶¹, eram usadas mais cotidianamente, os anéis passaram a ser usados por cima das luvas, a fim de demonstrar o poder e o prestígio social que as altas hierarquias eclesiais tinham. Segundo Paci (p. 276, 2021), o papa tinha direito de usar até três anéis: o anel do pescador, que até o ano de 1842 foi usado como sinete para selos; o anel pontifical, que costumava ser mais luxuoso; e o anel comum, de uso pessoal. Quanto aos demais bispos, usavam joias semelhantes, apesar de não serem tão suntuosas quanto as do sumo pontífice, e o direito de usar o anel do pescador ser reservado somente ao papa.

Dado o exposto, há no Cerimonial dos Bispos (n. 58, 2002) instruções expressas sobre algumas das insígnias que são concedidas aos ministros que recebem este grau do sacramento, em virtude de sua investidura. O anel, em especial, sempre deve ser usado, como símbolo da união nupcial do bispo, um representante de Cristo, e a Igreja, sua esposa. Aliás, há declarado na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (n. 6), promulgada pelo papa São Paulo VI, a verdadeira associação do sacrifício de Cristo, o Cordeiro Imaculado, por sua esposa, a Jerusalém, ou a Igreja, para que fosse reunida a Ele:

A Igreja, chamada «Jerusalém do alto» e «nossa mãe» (Gál. 4,26; cfr. Apoc. 12,17), é também descrita como esposa imaculada do Cordeiro imaculado (Apoc. 19,7; 21,2. 9; 22,17), a qual Cristo gamou e por quem Se entregou, para a santificar» (Ef. 5, 25-26), uniu a Si por um indissolúvel vínculo, e sem cessar «alimenta e conserva» (Ef. 5,29), a qual, purificada, quis unida a Si e submissa no amor e fidelidade (cfr. Ef. 5,24), cumulando-a, por fim, eternamente, de bens celestes; para que entendamos o amor de Deus e de Cristo por nós, o qual ultrapassa toda a compreensão (cfr. Ef. 3,19). Enquanto, na terra, a Igreja peregrina longe do Senhor (cfr. 2 Cor. 5,6), tem-se por exilada, buscando e saboreando as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu esposo na glória (Cfr. Col. 3, 1-4) (Concílio Vaticano II, 1964).

Desta forma, a insígnia deve lembrar aos ministros esse mesmo sacrifício, do Cristo que se deu por completo, para que, ao remir o pecado do gênero humano, sua Igreja tivesse parte com Ele no Reino dos Céus.

⁶¹ Para mais informações sobre as quirotecas, verificar 3.4.7.

Analogamente, o papa São João Paulo II em sua obra *Alzatevi, andiamo!* (*apud* Paci, p. 273, 2021), também associa o anel usado pelos bispos à união nupcial dos ministros à Igreja, como um sinal que o recorda deste completo e verdadeiro sacrifício, como aquele do Senhor, pela sua Igreja e o seu povo – sacrifício este, que todos os seus ministros deveriam imitar:

Este anel, símbolo nupcial, é expressão da ligação especial do bispo com a Igreja. Para mim é um chamado cotidiano à fidelidade. É uma espécie de pergunta silenciosa que se faz ouvir na consciência: doo-me totalmente à minha Esposa, a Igreja? Sou suficientemente “para” as comunidades, as famílias, os jovens e os idosos, e também “para” aqueles que ainda não nasceram? O anel lembra-me também da necessidade de ser um forte “elo” na cadeia de sucessão que me une aos apóstolos. E a resistência de uma cadeia é medida com base no elo mais frágil. Deve ser um anel forte, forte da força de Deus (São Joao Paulo II, 2004).

3.4.2 Cruz peitoral

Crux pectoralis é o nome latino dado à insígnia episcopal conhecida como cruz peitoral, que é usada, segundo o Cerimonial dos Bispos (n. 68, 2002), por baixo da dalmática, casula e pluvial, mas por cima da mozeta. Conforme o nome dado ao paramento, trata-se de um grande pingente em formato de cruz – normalmente muito refinado, mas ornamentando à preferência do ministro – que é, cotidianamente, pendente sobre o peito por uma corrente. No entanto, quando usada como um paramento, durante a liturgia, é pendurada através de cordões, na cor verde para os bispos e vermelho para os cardeais, com detalhes entrelaçados por fios de ouro.

Figura 31 – Uso cotidiano da cruz peitoral⁶²



Fonte: noticias.cancaonova.com, 2025.

Figura 32 – Uso litúrgico da cruz peitoral⁶³



⁶² Na Imagem, Dom Odillo Scherer, cardeal e arcebispo de São Paulo, na esquerda, e o papa Francisco, à direita.

⁶³ Na imagem, o cardeal Dom Orani João Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, na esquerda, e Dom Adair José Guimarães, bispo de Formosa, em Goiás, à direita.

Fonte: cnbbco.com, 2025

Figura 33 – Modelo antigo de cruz peitoral⁶⁴



Fonte: museuartesacra.org.br, 2025.

Segundo Paci (p. 296-8, 2021) a cruz era usada como um símbolo devocional, feita em metal ou bordada nas roupas desde os primeiros séculos após o advento do cristianismo. Na Idade Média, com a crescente popularidade das relíquias santas, foram criados relicários em formato de cruz, a fim de guarda-las; para que fossem carregadas consigo, como um objeto devocional, ou usadas em procissões e outras celebrações. Foi apenas após a Contrarreforma que este acessório se tornou uma insígnia própria dos bispos, através do *Caerimoniale Episcoporum*, o Cerimonial dos Bispos, de 1600.

⁶⁴ Esta joia pertenceu ao Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, mais conhecido como Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro e primeiro bispo elevado a dignidade de cardeal da América Latina.

Em suma, é inegável que a cruz, desde o Cristianismo Antigo, foi considerada um símbolo cristão; de fato, a cruz é um verdadeiro selo do Amor de Deus pelos homens, que se deu em completo sacrifício pela a remissão dos pecados e a salvação do gênero humano:

Com efeito, quando éramos ainda fracos, Cristo a seu tempo morreu pelos ímpios. Com muita dificuldade, a gente aceitaria morrer por um justo, por um homem de bem, quiçá se consentiria em morrer. Mas eis aqui uma prova brilhante de amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Portanto, muito mais agora, que estamos justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida. Ainda mais: nós nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem desde agora temos recebido a reconciliação! (Romanos 5, 6-11).

Portanto, levam os bispos este símbolo sobre o peito, a fim de que os recorde tanto do sumo amor de Deus por seu povo, que deu o seu Filho Unigênito como sacrifício para que fossem redimidos; quanto de seu próprio sacrifício, que como representantes de Cristo entre os homens, e pastores por excelência, têm seu propósito de se doarem, absolutamente, pela sua comunidade, ou rebanho:

Eis a exortação que dirijo aos anciãos que estão entre vós; porque sou ancião como eles, fui testemunha dos sofrimentos de Cristo e serei participante com eles daquela glória que se há de manifestar. Velai sobre o rebanho de Deus, que vos é confiado. Tende cuidado dele, não constrangidos, mas espontaneamente; não por amor de interesse sórdido, mas com dedicação; não como dominadores absolutos sobre as comunidades que vos são confiadas, mas como modelos do vosso rebanho (I Pedro 5, 1-3).

Em seguida, dirigiu-se a todos: “Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. Porque, quem quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, irá salvá-la. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder-se a si mesmo e se causa a sua própria ruína? (Lucas 9, 23-25).

3.4.3 Toucado

Desde a Antiguidade, pode-se afirmar que os homens sempre enfeitaram suas cabeças com ornamentos. De fato, os toucados sempre fizeram parte de uma linguagem não-verbal, não apenas para que lhes servisse de adorno, mas como um signo que visava denotar sua condição social, seja ela a opulência ou a servidão. Neste contexto, há no livro de Êxodo a descrição das vestes que deveriam revestir o sumo-sacerdote do povo de Israel, sendo que o toucado, ou turbante, fazia parte de

sua paramentação, como um dos símbolos de sua consagração e função mediante àquele povo:

Eis as vestes que deverão fazer: um peitoral, um efod, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto. Tais são as vestes que farão para teu irmão Aarão e para os seus filhos, a fim de que sejam sacerdotes a meu serviço (Êxodo 28, 4).

Farás uma lâmina de ouro puro na qual gravarás, como num sinete, “Santidade ao Senhor”. Tu a prenderás com uma fita de púrpura violeta na frente do turbante (Êxodo 28, 4; 36-37).

Do mesmo modo, há na Igreja Católica Apostólica Romana toucados que expressam a dignidade e competência de seus ministros – não apenas herdeiros das tradições semitas, mas descendentes de uma longa tradição da Antiguidade Clássica, que contribuíram com o surgimento, não apenas de um, mas de diversos toucados, que explicitam a abundância de membros no Corpo de Cristo, que é a Igreja, e seus diversos talentos:

Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro (Romanos 12, 4-5).

A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo (Efésios 4, 11-12).

Diante disso, é necessário expor que os toucados litúrgicos dizem respeito àqueles precisamente usados na Celebração Eucarística, a Missa, como é o exemplo da mitra e do solidéu; outros, como o saturno, o barrete, o camauro, e até mesmo o galero e a tiara papal, que caíram em desuso, trata-se de acessórios não-litúrgicos, isto é, são usados de forma cotidiana ou em ocasiões específicas. Em virtude da temática do projeto, dar-se-á maior atenção ao toucado litúrgico por excelência, que é a mitra, apresentando de forma breve o tocante aos outros acessórios.

A palavra *mitra*, tem sua origem em um termo homônimo tanto no latim quanto no grego, que pode se referir a “turbante”, mas também a uma “faixa” ou “aba” para a cabeça. Salvo raras exceções, este paramento só pode ser usado pelos clérigos que receberam o terceiro grau do sacramento de ordem, isto é, os bispos: é um acessório de tamanho variado, composto por duas partes rígidas em formato pentagonal unidas nas laterais inferiores, condicionando-se na cabeça do ministro pela base; a abertura superior é provida por um tecido fino, formando um vale entre as duas pontas; a mitra

também conta com duas ínfulas, faixas de tecido que se estendem até as costas, na parte posterior.

A ornamentação e o tamanho deste toucado podem variar de acordo com o gosto do ministro; há precedentes tanto de mitras simples e quase lisas, quanto de adornos áulicos e faustosos. Há três principais tipos de mitra: a simples, que é lisa e produzida em tecido branco; a preciosa, que é ricamente ornamentada através de adornos diversos, tal como bordados, pedrarias ou aplicações; e a aurifrigiada, uma mitra inteiramente dourada, sem ornamentos. Cotidianamente, no entanto, a mitra costuma ser adornada com mais sobriedade – normalmente, através de uma faixa circular na base do acessório, e outra vertical em seu ponto médio.

Figura 34 – Mitra simples⁶⁵



Fonte: historialomzy.pl, 2025.

⁶⁵ Na imagem, o cardeal Beato Stefan Wyszyński, arcebispo de Varsóvia, durante a cerimônia de lava-pés, na quinta-feira Santa.

Figura 35 – Mitra preciosa⁶⁶



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

⁶⁶ Na imagem, o papa São Paulo VI, com toda a paramentação pontifícia.

Figura 36 – Mitra aurifrigiada⁶⁷



Fonte: philippi-collection.blogspot.com, 2025.

Ademais, o uso da mitra na Santa Missa é bastante ritualístico e regrado, pois seguindo as recomendações de São Paulo, “Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta falta ao respeito ao seu senhor” (I Coríntios 11, 4), os ministros revestidos por esse paramento usam-no com bastante zelo:

A mitra, que será uma só na mesma ação litúrgica, simples ou ornamentada de acordo com a celebração, é habitualmente usada pelo Bispo: quando está sentado; quando faz a homilia; quando faz as saudações, as alocações e os

⁶⁷ Na imagem, o cardeal Raymond Leo Burke.

avisos, a não ser que logo a seguir tenha de tirar a mitra; quando abençoa solenemente o povo; quando executa gestos sacramentais; quando vai nas procissões.

O Bispo não usa a mitra: nas preces introdutórias; nas orações; na oração universal; na oração Eucarística; durante a leitura do Evangelho; nos hinos, quando estes são cantados de pé; nas procissões em que se leva o Santíssimo Sacramento, ou as relíquias da Santa Cruz do Senhor; diante do Santíssimo Sacramento exposto (Cerimonial dos Bispos, n. 60, 2002).

No que tange a sua origem, Norris (p. 95, 2017) disserta sobre a sua origem na Antiguidade Clássica, onde a utilização dos toucados pelos helenos era meramente utilitária, normalmente pelas classes mais humildes, como os soldados, marinheiros e artesãos. O *pilos* era similar a uma touca de peles, frequentemente em formato oval, e por vezes ajustado na cabeça por meio de cordões; já o *petasos*, era um chapéu de aba, que podia ou não ser dotado de cordões na lateral, para que fosse amarrado abaixo do queixo; tratava-se a mitra exatamente deste cordão, que também era frequentemente usado na altura da testa, amarrando-o atrás da cabeça, semelhante a um diadema.

Durante a República Romana, o *pilos* foi adotado pelos latinos, chamando-o de *pileus* ou *pileum*, e era largamente usado por ambos os sexos; os escravizados não tinham o direito de usar este acessório até que fossem libertos, rendendo-lhe a alcunha de “gorro da liberdade”.⁶⁸ Assim como os frígios.⁶⁹ que também usavam uma touca semelhante ao pilos, mais volumosa e de ponta arredondado, e ambos levaram o nome de *frigium*, atualmente conhecido como barrete frígio.

Neste viés, foi aderido, no século VIII, um tipo de gorro para que o papa usasse em procissões a fim de se proteger do frio: o *camelaucum* foi mencionado pela primeira vez no *Liber Pontificalis*⁷⁰ usado pelo Papa Constantino, em sua entrada solene em Constantinopla. Era um gorro oriundo da Antiguidade Clássica – similar ao *pilos*, dispunha de proteção para os ouvidos e era produzido em pele de camelo – foi usado durante o Império Romano pelas classes abastadas, produzindo-o em materiais nobres e o circundando com uma faixa de ouro e gemas preciosas. Aliás, essa é a

⁶⁸ “Cap of Liberty”, Norris, p. 96, 2017.

⁶⁹ O povo do território chamado Frígia, uma antiga e importante região do mundo antigo, situada no centro-oeste da chamada Ásia Menor ou Anatólia. Sua localização, atualmente, corresponde à Turquia, mais precisamente centrada no Rio Sacaria.

⁷⁰ Em português, Livro dos Pontífices, é uma obra medieval que trata da biografia de todos os papas desde São Pedro. Foi interrompido no século IX e completada no século XV.

provável origem do camauro, um gorro vermelho orlado de arminho, usado pelo sumo pontífice nas estações amenas, este paramento não-litúrgico ficou conhecido por ter sido resgatado pelo papa Bento XVI.

Figura 37 - Camauro

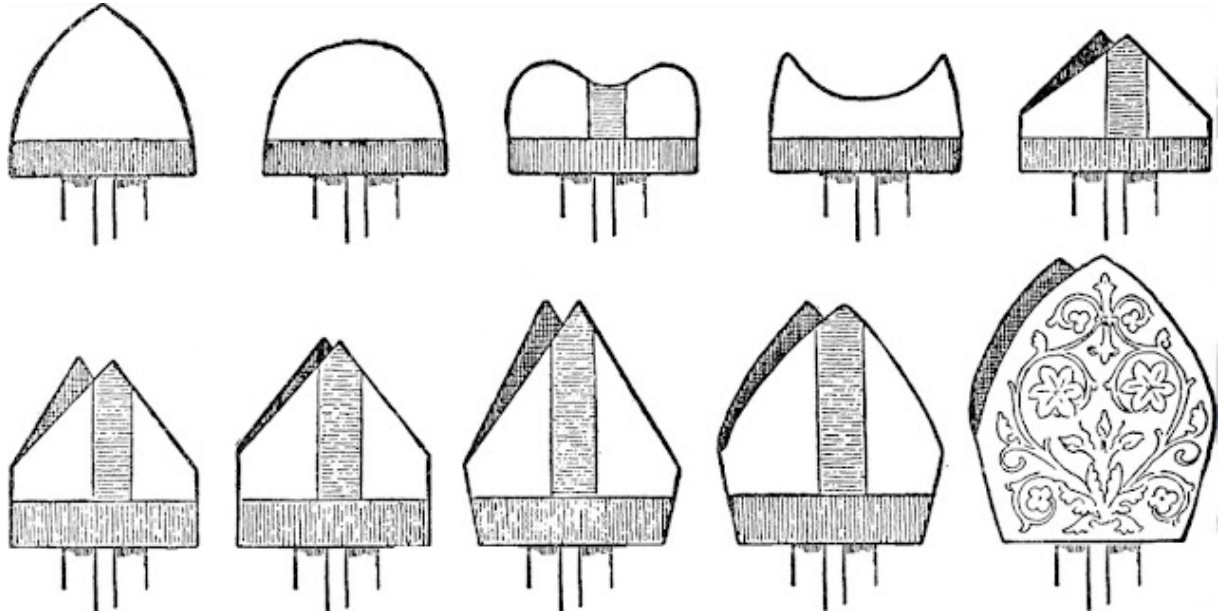


Fonte: elpais.com, 2025.

Enfim, foi no século XI que uma touca de linho, semelhante ao *frigium*, e circundada por uma faixa de ouro, como a do *camelaucum*, tornou-se uma insígnia episcopal. Com o passar dos séculos, aquela touca de linho se fez cada vez maior, no século XII assemelhou-se à letra 'U', como forma de chifres⁷¹, e foi no século XIII que as mitras passaram a se assemelhar, em forma, às atuais. Também é interessante mencionar que as ínfulas eram usadas, originalmente, na lateral da cabeça, e não atrás, pois tinham a função prática de firmar o paramento na cabeça, através de uma amarração abaixo do queixo. Mas, com o passar dos séculos, elas perderam essa função e passaram a ser decorativas.

⁷¹ Possivelmente, este formato se deve a uma interpretação equivocada do livro de Êxodo que, ao ser traduzida para o latim, deu a entender que Moisés tinha chifres. Aliás, é comum encontrar gravuras e representações medievais ou renascentistas deste profeta com um par de chifres na cabeça.

Figura 38 – Evolução na forma da mitra



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Paralelamente, como resultado da influência oriental no *camelaucum*, este acessório se tornou cada vez mais luxuoso, sendo produzido em faixas de ouro cada vez mais largas e adornadas, tornando este a possível origem da tiara papal, também chamada de *triregnum*, que desenvolveu sua forma junto à mitra.

A saber, a palavra tiara é latina de origem helênica, que significa “faixa” ou “ornamento para a cabeça” – a tiara papal é uma insígnia restrita ao sumo pontífice, que está em desuso desde 1963, o ano de coroação do papa são Paulo VI. Este acessório não-litúrgico é, possivelmente, um dos mais deslumbrantes signos do poder da Igreja, pois verdadeiramente declara o papa como vigário de Cristo na terra, e sucessor de São Pedro, denominado o príncipe dos apóstolos:

Jesus, então, lhe disse: “Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.*E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mateus 16, 18-19).

Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?”. Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe outra vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Respondeu-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Amas-me?” –, e respondeu-lhe: “Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas (João 1, 15-17).

Com efeito, a tiara papal é um tipo de toucado grande em formato oval, composto por três coroas encimadas por uma cruz, e duas ínfulas na parte posterior, tal como a mitra. Todo o conjunto é extremamente majestoso, o triregnum é elaborado com materiais nobre e gemas preciosas, como um verdadeiro aparato real. No ano de 1967, o papa São Paulo VI doou a sua tiara a fim de aliviar a fome e a miséria no mundo, ainda que apenas tenha sido usada quando foi entronizado; este acessório não é usado desde então, apesar de seus sucessores terem sido presenteados com tiaras, elas se tornaram antes um símbolo que uma insígnia.

Figura 39 – Tiara papal⁷²



Fonte: ars-the.blogspot.com, 2025.

⁷² Na imagem, o papa São Pio X (1835 – 1914).

Figura 40 – Tiara papal⁷³



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

⁷³ Na imagem, o papa São João XXIII (1881 – 1963).

Originalmente, dado a sua origem em comum com a mitra, a tiara papal era um toucado longo, em formato cônico, com apenas uma coroa em sua base. Logo, em virtude da sucessão apostólica ⁷⁴e da grande proeminência da Igreja na Idade Média, a tiara encontrou a sua plenitude na composição de três coroas, concedendo-lhe rico simbolismo e maior autoridade ao pontífice, pois assim como a mitra era um símbolo durante a liturgia, o triregnum era usado em ocasiões de solenidade não-litúrgica, como coroações ou concílios:

Signum Imperii, com o acréscimo das três coroas, o Triregnum adquirirá numerosos significados simbólicos representando a Trindade, a tripla missão de Cristo (profeta, sacerdote e pastor), bem como o símbolo da Igreja militante, purificadora e triunfante, e ressaltando os dois aspectos do poder papal: espiritual (doutrinal, sacramental e pastoral) e político (imperial, régio, sacerdotal) (Paci, p. 291, 2021).

⁷⁴ Diz respeito à ininterrupta linhagem que une o episcopado aos 12 apóstolos de Cristo, neste caso, a sucessão da Cátedra de São Pedro.

Figura 41 – Tiara papal de papel machê⁷⁵



⁷⁵ Por conta de querelas relacionadas às invasões napoleônicas, os Estados Pontifícios, parte da atual Itália, foram invadidos, e o papa eleito naquela ocasião, Pio VII (1742 – 1823) precisava ser coroado, pois no século XIX ainda era uma cerimônia obrigatória. Pela escassez de materiais, foi confeccionada uma tiara de papel machê para a sua coroação, que foi usada pelo pontífice por muitos anos, dada a sua leveza e conforto.

Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Figura 42 – Tiara papal⁷⁶



Fonte: www.newliturgicalmovement.org, 2025.

Dado o exposto, é possivelmente na Cristandade que a mitra foi relacionada ao turbante usado pelos sacerdotes do povo hebreu, o que concretizava a autoridade das figuras pontifícias. Em virtude disto, houve diversos autores que abordaram amplamente este acessório como uma insígnia de prestígio e jurisdição, tal como o papa Inocêncio III em *De sacro altaris mysterio* (libri VI, caput LX (PL CCXVII, 795) *apud* Paci, p. 285, 2021) relacionando as duas pontas da mitra ao Antigo e o Novo Testamento, e as ífulas ao “espírito e a letra” que estão em suas escapulas, pois nem os ministros de Cristo estariam dispensados da Lei de Deus. Em síntese, este

⁷⁶ Na atualidade, alguns pontífices, tais como São João Paulo II, Bento XVI e Francisco, também receberam coroas como presente. No entanto, nunca foram usadas por eles.

paramento continua a ser, na atualidade, um símbolo de plena hierarquia eclesiástica, sendo um signo próprio do episcopado.⁷⁷

Há ainda outros tipos de toucados frequentemente usados pelo clero, este é o caso do solidéu: segundo a CNBB (p. 85) seu nome vem da frase latina *solī Deo tollitur*, que quer dizer “tirado somente por Deus” – este paramento é um pequeno gorro redondo, costurado em oito partes e provido de um pequeno talo no topo; sua cor pode variar de acordo com o ministro, preto para os presbíteros, violeta para os bispos, vermelho para os cardeais e branco para o papa; algumas ordens religiosas podem usar o solidéu na cor de seus hábitos, tal como a Ordem dos Frades Menores⁷⁸, que o usam na cor marrom. É um acessório usado tanto durante quanto fora das celebrações, e tem regras de uso litúrgico similares as da mitra, sendo que os bispos o usam abaixo dela. O solidéu tem origem similar ao camauro, sendo um descendente do *camelaucum*, e era usado para proteger a cabeça tonsurada do frio.

Figura 43 – Solidéu



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Também o barrete tem função e origem similar ao do solidéu, mas dificilmente é usado: trata-se de um toucado rígido de base quadrada, seu topo é decorado por

⁷⁷ Na heráldica de cada bispo há o desenho de uma mitra, como um emblema de sua autoridade; e até o pontificado de Bento XVI, também o triregnum era usado no brasão papal, mas ele optou por substituí-la por uma mitra; o mesmo fez seu sucessor, o Papa Francisco.

⁷⁸ Popularmente conhecidos como Franciscanos, esta ordem foi fundada no século XIII por São Francisco de Assis, e através da observância à pobreza de Cristo, tornou-se uma das mais notórias congregações da Igreja Católica Apostólica Romana.

três palas arredondadas, uma em cada ângulo, encontrando-se no centro, que conta com uma grande borla; assim como o solidéu, sua cor também é definida de acordo com o grau de hierarquia eclesiásticas, preto para os presbíteros, violeta para os cardeais e branco para o papa, embora este último esteja em desuso.

Figura 44 – Barrete



Fonte: www.cordis.com.br, 2025.

Em conclusão, há dois acessórios que são verdadeiros chapéus: o saturno, um chapéu de aba usado cotidianamente, com o objetivo proteger o ministro do sol; normalmente, são usados na cor preta, no entanto, o papa pode usá-lo em vermelho. E ainda o galero, um chapéu de abas largas, adornado de cordões e borlas nas laterais, pendidas sobre os ombros, sendo que a quantidade de borlas era definida de acordo com a hierarquia do ministro, assim como a sua cor, sendo este acessório uma insígnia de diferenciação das altas hierarquias eclesiásticas. Por este motivo, o galero caiu em desuso com o advento das reformas litúrgicas do Concílio Vaticano II, sendo visto apenas em heráldicas, como um símbolo.

Figura 45 – Saturno



Fonte: commons.m.wikimedia.org, 2025.

Figura 46 – Saturno papal



Fonte: pt.aleteia.org, 2025.

Figura 47 – Galero



Fonte: philippi-collection.blogspot.com, 2025.

3.4.4 Báculo

O báculo tem seu nome empregado da palavra latina *baculus* que quer dizer “bastão”, sendo também conhecido como báculo pastoral, em referência aos bastões usados pelos pastores de ovelhas. Este acessório litúrgico é usado pelo episcopado, que é, segundo a CNBB (p. 80, 2023), “o símbolo do mestre espiritual, que guia a sua comunidade em virtude de sua maturidade espiritual” – há também uma série de recomendações, definidas pelo Cerimonial dos Bispos, do seu uso durante a liturgia, por ser uma insígnia que lembra a jurisdição de um ministro sobre um território:

Dentro do seu território, o Bispo usa o báculo, como sinal do seu múnus pastoral. Aliás, qualquer Bispo que celebre solenemente o pode usar, com o consentimento do Bispo do lugar. Quando estiverem vários Bispos presentes

na mesma celebração, só o Bispo que preside usa o báculo. Com a parte recurvada voltada para o povo, ou seja, para a frente, o Bispo usa habitualmente o báculo na procissão, para ouvir a leitura do Evangelho e fazer a homilia, para receber os votos, as promessas ou a profissão da fé; e finalmente para abençoar as pessoas, salvo se tiver de fazer a imposição das mãos (Cerimonial dos Bispos, n. 59, 2002).

Neste viés, o báculo é um acessório em formato de cajado, um bastão alongado de ponta recurva, como um gancho, que faz referência à ferramenta usada no pastoreio. Por conta de sua dimensão e, conseqüentemente, dificuldade no transporte, o báculo é dividido em algumas peças, o que faz dele desmontável, a fim de facilitar o seu manejo. Embora tenham eles esta forma em comum, sua ornamentação é bastante variada: tal como os muitos ministros no Corpo de Cristo, e seus diversos carismas, são encontrados desde varas simples, talhadas em madeira e pouco enfeitadas, até verdadeiras peças de ourivesaria, ricamente adornadas por signos religiosos diversos.

Figura 48 – Báculo desmontado



Figura 49 – Báculo⁷⁹

Fonte: arqrio.org.br, 2025.

No que tange ao tema, segundo Paci (p. 314, 2021), a CNBB (p. 80, 2023) e Norris (p. 117, 2017), há registros de uso do báculo desde os primeiros séculos da era cristã e foi adotado por uma possível influência oriental, embora não se tenha certeza de sua introdução. Simbolicamente, é possível relacioná-lo com o cajado usado pelos antigos pastores, ou aos bastões divinatórios usados na antiguidade, no entanto, não há fontes históricas concretas que os associem ao báculo. Enfim, sua possível origem é uma adaptação dos bastões usados pelos viajantes e anciãos, o que recorda da experiência e maturidade na caminhada espiritual.

⁷⁹ Na imagem, o cardeal Dom Orani João Tempesta. O ‘gancho’ do báculo virado para frente representa a sua autoridade pastoral sobre aquela diocese.

Além disso, os báculos eram, inicialmente, produzidos em cipreste, uma madeira associada a pureza, nas quais, segundo Paci (p. 315, 2021), eram ligadas uma cruz, esfera, ou até uma pequena extensão horizontal, dando-lhe o formato de “T”, ou da letra grega *tau*. Com o passar dos séculos e com o crescimento da Igreja, os báculos passaram a ser produzidos em materiais cada vez mais nobres e puros, tal como o ouro, a prata e o marfim; do mesmo modo, sua ornamentação tornou-se mais complexa, como é possível constatar pelo *pedum*, uma terminação em forma de espiral, difundida no século XIII, que era adornada por complexos motivos religiosos.

Ademais, os abades também podem receber o báculo como insígnia de sua autoridade, que para este ministro, costumam ser mais modestos e contam com o *sudarium*⁸⁰, um pequeno lenço unido ao cabo do cajado, para preservá-lo do suor e das impurezas.

⁸⁰ Palavra latina que significa “lenço”, pode também ser usada para se referir à estola (CNBB, p.82) e ao manípulo (Paci, p. 301, 2021).

Figura 50 – Báculo abacial⁸¹

Fonte: walburga.org, 2025.

⁸¹ Na imagem, a Madre Maria-Michael Newe empunhando o báculo, que também pode ser concedido a abades e abadessas, como sinal de seu múnus pastoral sobre um convento ou mosteiro. Ao lado, o arcebispo Daniel Kucera (1923 – 2017), ambos membros da Ordem de São Bento.

Outrossim, o sumo pontífice tem uma insígnia própria, muito similar ao báculo, chamada férula: este termo é derivado do latim e significa “ramo” ou “varinha”, e se refere a um cajado usado pelo papa. Destaca-se sobre o báculo, pois ao invés do tradicional gancho, a férula papal é coroada por uma grande cruz, que em algumas ocasiões, é produzida com três traves horizontais.⁸² Em virtude do seu uso, e da restrição do sumo pontífice quanto ao báculo, escreveu Inocêncio III, na obra *De sacro altaris mysterio*, sobre uma antiga tradição a respeito do báculo de São Pedro, que foi dado pelo santo para auxiliar outros discípulos em suas missões:

Porém, o Romano Pontífice não usa o bastão pastoral pelo fato que o beato Pedro apóstolo enviou o seu báculo a Eucário, primeiro bispo de Tréveris, o qual destinou juntamente com Valério e Materno no episcopado, o qual fora ressuscitado através do báculo de São Pedro. E hoje a Igreja de Tréveris conserva esse báculo com grande veneração (Inocêncio III, *De sacro altaris mysterio* (libri VI, caput LXII (PL CCXVII, 796-797, *apud* Paci, p. 312, 2021).

Figura 51 – Férula papal⁸³

⁸² Sobre esta cruz de três traves, não foram encontradas fontes fidedignas especificamente sobre o seu uso na férula papal. No entanto, é possível que tenha significado similar às três coroas do *triregnum*. Para mais informações, consultar o subcapítulo referente aos toucados.

⁸³ Na imagem, papa São João Paulo II.



Fonte: osaopaulo.org.br, 2025

Figura 52 – Férula papal⁸⁴

⁸⁴ Na imagem, papa Bento XVI.



Fonte: <https://blog.cancaonova.com/>, 2025.

Dado o exposto, há uma referência no Evangelho segundo Mateus que proporciona uma conexão do báculo pastoral com as Sagradas Escrituras. Diz respeito a uma Instrução do Senhor àqueles que desejavam segui-lo: “Ordenou-lhes que não levassem coisa alguma para o caminho, senão somente um bordão⁸⁵; nem pão, nem mochila, nem dinheiro no cinto” (Mc 6, 8) – adversamente, nos demais Evangelhos Sinópticos⁸⁶, disse-lhes Jesus que nem bordão carregassem consigo. A especial citação do bastão no Livro de Marcos é uma alusão ao Livro de Êxodo, que menciona o bastão durante os preparativos para a Páscoa: “Eis a maneira como o comereis: tereis cingidos os vossos rins⁸⁷, vossas sandálias nos pés e vosso cajado

⁸⁵ Segundo o Dicionário Michaelis, “vara grossa e comprida que serve de apoio para quem caminha; banana, bastão, cajado”.

⁸⁶ Encontra-se as passagens semelhantes em Mateus 10, 9-10 & Lucas 9, 3.

⁸⁷ Não foram encontradas fontes sobre esta relação, no entanto, neste trecho parece que há também uma referência ao cingulo; para mais informações, consultar o subcapítulo referente ao cingulo.

na mão. Vós comereis apressadamente: é a Páscoa do Senhor (Ex 12, 11). Por conseguinte, ambos parecem estar de acordo com a provável origem do báculo, que é o bastão dos viajantes.

Além disso, segundo Paci, no que diz respeito ao medievo, autores como Santo Isidoro de Sevilha, Hugo de São Vítor e Inocêncio III adornaram o báculo com o sinal da autoridade e jurisdição própria dos bispos e ministros da alta hierarquia eclesiástica, o que fez deste paramento uma insígnia ainda mais importante e distinta. Analogamente, Sicardo de Cremona, além de reforçar a importância do báculo como símbolo, cita também os textos da Sagrada Escritura:

No báculo reconheça o poder de ligar e desligar a si confiado [...], igualmente, através do báculo, conduzirá o rebanho às pastagens. Moisés, por mandato do Senhor, tinha um bastão, com o qual fez coisas admiráveis no céu, na terra e no mar [...] No Evangelho, o Senhor também prescreveu aos apóstolos, que, saindo a pregar, tomassem um bastão. Portanto, este báculo, feito de osso e madeira, é constituído de uma pequena esfera de cristal ou dourada; o osso é recurvado na parte de cima; a madeira é afiada com o ferro na parte inferior, todavia, um pouco aparada na ponta; o osso e a madeira são polidos com a arte do cinzel (Sicardo de Cremona, *Mitræle*, liber II, caput V (PL CCXIII, 79-80) *apud* Paci, p. 311, 2021).

3.4.5 Pálio

O *pálio*⁸⁸, do latim *pallium*, que significa “sobreveste” ou “pedaço de tecido”, que pode remeter também a *palla*, um manto usado pelas matronas de Roma, muito similar a palavra hebraica *pālā*, que diz respeito a “ser magnificamente distinto”, é um paramento litúrgico usado pelos bispos metropolitanos, os arcebispos, um cargo de alta hierarquia eclesiástica, fazendo desta insígnia um símbolo de jurisdição e autoridade:

O Arcebispo residencial, que houver já recebido o pálio do Romano Pontífice, reveste-o por cima da casula, dentro do território da sua jurisdição, quando celebra a Missa estacional, ou pelo menos quando celebra com grande solenidade, e ainda nas ordenações, na bênção de Abade ou de Abadessa, na consagração de virgem, na dedicação de igreja ou de altar (Cerimonial dos Bispos, n. 62, 2002).

No que tange ao tema, o pálio é um tipo de acessório em formato de ‘Y’, que é usado sobre os ombros, com pequenas faixas que descem sobre o peito, uma anterior outra posterior; o paramento tem cinco centímetros de largura, e é bordado com seis

⁸⁸ Não confundir com o *Pálio de Procissão*, um tipo de tenda com hastes, normalmente adornada por bordados e franjas, que pode ser levado em procissões para proteger o Santíssimo Sacramento.

cruzes: duas na frente, duas atrás e uma em cada ombro, sendo que, as cruzes no pálio do sumo pontífice são rubras e a dos demais dignitários são negras. Além disso, há um pequeno paramento chamado cravo que pode ser usado junto ao pálio, mais precisamente na cruz frontal superior, na cruz à esquerda, e na superior de trás, trata-se de uma joia adornada em forma de prego ou alfinete, que recorda os três cravos da Crucifixão de Cristo:

Chegados que foram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, como também os ladrões, um à direita e outro à esquerda. E Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem”. Eles dividiram as suas vestes e as sortearam (Lucas 23, 33-34).

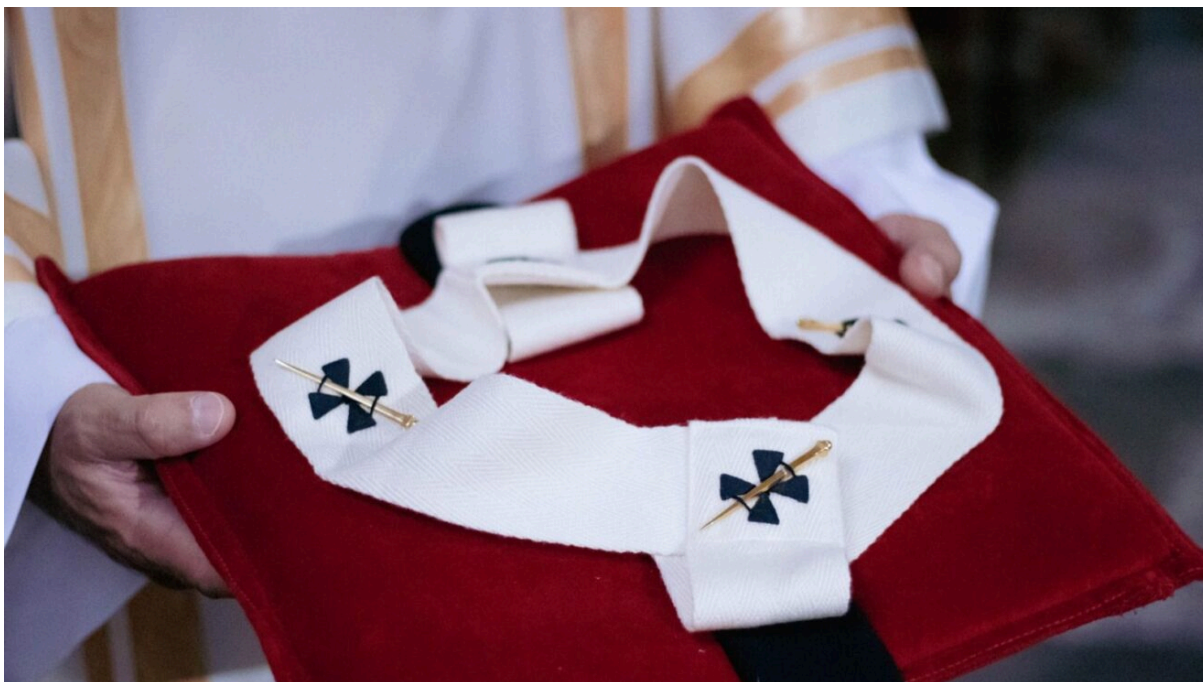
Figura 53 – Pálio episcopal⁸⁹



Fonte: cnbbs2.org.br, 2025.

⁸⁹ Na imagem, Dom José Mário Scalon Angonese, arcebispo de Cascavel, no Paraná.

Figura 54 – Cravos



Fonte: cnbbne2.org.br, 2025.

Segundo Norris (p. 21, 2017), assim como a CNBB (p. 84, 2023), o pálio é descendente de uma veste chamada *himation*, que na Antiguidade Clássica foi um manto amplo, de comprimento três vezes maior do que a altura, que era usado drapeado no corpo, normalmente com outra veste por baixo, tanto por homens quanto por mulheres. Outrossim, o *himation* ficou conhecido como a veste própria dos filósofos, que o usavam direto sobre a pele – a forma de drapejá-lo era muito levada em consideração, tornando-se um símbolo de cultura, já que era necessária certa prática para usá-lo com primor, por se tratar de uma veste muito ampla. Por exemplo, dispô-lo sobre o braço esquerdo⁹⁰, até mesmo cobrindo a mão, era um considerado um sinal de nobreza⁹¹; o contrário, no entanto, ao cobrir o braço direito, era uma forma muito malvista de fazê-lo.

⁹⁰ Acredito que a razão pela qual o manípulo sempre foi usado no braço esquerdo, possa ter relação com esta forma de vestir o *himation* – ambos no braço esquerdo – no entanto, não foram encontradas fontes que tratavam deste tema.

⁹¹ O autor do presente projeto traduz “good breeding” (Norris, p. 21, 2017), termo usado no texto original em inglês, para “nobreza”, isto é, bem-nascido. Contudo, o autor pode também estar se referindo a legitimidade deste nascimento.

Ademais, o *himation* tomou o nome de *pallium* ao ser adotado pelos romanos, tornando-se de forma definitiva a veste dos homens letrados, já considerado, no início da era cristã, um símbolo universal de intelectualidade. Como consequência, o *pallium* também passou a ser um símbolo de autoridade no âmbito eclesiástico da Igreja nascente, usado pelos professores e eruditos. Enfim, esta veste deixou de ser usada pelos cidadãos comuns, mas apenas pelos dignitários do império romano, usando-a como um distintivo de sua proeminência. Aquele amplo manto passou a ser dobrado, para que fosse mais confortável, até se tornar uma longa faixa de lã usada sobre os ombros, acomodada em forma de ‘V’ e pendente sobre o ombro esquerdo, tomando um formato já similar aos pálios atuais.⁹²

Finalmente, o pálio passou a ser disposto com o auxílio de alfinetes, para que aquela faixa lateral estivesse centralizada e seu manejo fosse mais simples – eis a possível origem dos alfinetes adornados, ou cravos, supracitados – e com o passar dos séculos, a insígnia passou a ser produzida diretamente neste formato de ‘Y’, como uma gola ornada por uma faixa longa central, que posteriormente seria replicada também para as costas e teria sua extensão reduzida, tornando o paramento ainda mais prático.

⁹² Bento XVI, conhecido por seu gosto pela tradição, usou em algumas ocasiões um pálio de modelo similar ao descrito: uma longa faixa de lã acomodada sobre as escapulas e pendente para o ombro esquerdo.

Figura 55 – Pálio⁹³

Fonte: <https://commons.m.wikimedia.org/>, 2025.

Por outro lado, Paci (p. 305, 2021) não considera que o pálio usado pelos bispos tenha a sua origem no *himation* dos gregos; segundo a autora, estas vestes nunca tiveram uma origem em comum. O que aconteceu, no entanto, foi que o

⁹³ Na imagem, o papa Bento XVI acompanhado do arcebispo Piero Marini, seu então mestre das celebrações litúrgicas pontificias.

acessório que se futuramente se tornaria um paramento, foi nomeado da mesma forma que o manto grego, associando-os equivocadamente:

A correlação com o indumento antigo, de que fala também Tertuliano e que se identificava com o himation grego, parece ter sobrevivido apenas no nome, se os dois indumentos nunca tiveram uma origem comum. Embora se tenha levantado a hipótese de uma derivação do pallium sagrado da sobreveste antiga, nem a forma nem a maneira de envolvê-lo em torno do corpo parecem confirmar esta teoria. Talvez seja mais provável que, em data não determinada, pode ser entre os séculos IV e VI, a faixa de lã branca consagrada tenha assumido o nome da sobreveste grega, mais antiga (Paci, p. 305, 2021).

Em suma, o palio é uma lembrança da parábola da ovelha perdida, por ser produzido em lã e por conta do modo que é vestido, sobre os ombros, o que também faz referência a figura de Cristo como o Bom Pastor, pois Ele dá a vida por seu rebanho:

‘Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? E, depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de júbilo, e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido. Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento’. (Lucas 15, 4-7).

Eu sou o bom-pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor. O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai (João 10, 14-18).

Aliás, a própria produção desta insígnia contém alta carga simbólica, pois a sua lã é derivada, especificamente, de dois cordeiros criados pelos padres trapistas da Abadia das Três Fontes, e são oferecidos ao papa em ocasião da festividade de Santa Inês, no dia 21 de janeiro.⁹⁴ Após a tonsura da lã, as irmãs de Santa Cecília de

⁹⁴ Santa Inês, também conhecida como Santa Agnes, que em grego quer dizer “pura e casta”, foi uma santa mártir da Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo a tradição, o filho do prefeito de Roma havia se apaixonado pela jovem, que, por sua vez, recusou a proposta pois já havia consagrado a sua castidade ao Senhor; enfurecido, o prefeito de Roma enviou-a para servir no templo da deusa protetora de Roma, e após se recusar a servir outros deuses, foi exposta como meretriz na Praça de Navona. Por fim, tentaram queimá-la viva numa fogueira, mas as chamas não a atingiam, ela encontrou seu martírio na lâmina de uma espada, com apenas treze anos. Em sua iconografia, Inês é sempre acompanhada de um cordeiro, por ter encontrado um fim semelhante ao desses pequenos animais. Para mais informações, consultar o *Martirologio Romano*.

Trastevere começam o processo de preparação do pálio, que após sua elaboração, são abençoados pelo papa na solenidade de São Pedro e São Paulo, a celebração em memória desses dois apóstolos de Cristo, no dia 29 de junho. Os acessórios são guardados em uma caixa de prata, próxima ao túmulo de São Pedro, e retirados por ocasião de sua entrega aos bispos metropolitanos. Dado o exposto, Paci (p. 304, 2021) afirma a relação do cordeiro e sua lã ao sacerdócio, tanto na tradição judaica veterotestamentária, quanto no mundo greco-romano; e foi através do sacrifício de Cristo que esse emblema é renovado, o que resultou no constante uso e valor simbólico deste material para a produção dos paramentos litúrgicos.

Finalmente, o papa São João Paulo II, em sua obra *Alzatevi, andiamo!*, também faz uma notória menção a este paramento, exprimindo a sua importância e significado para o leitor:

Recordo também o sinal profundo e tocante do pálio, que recebi no mesmo ano, 1964. Em todo o mundo os metropolitanos, como símbolo de união com Cristo Bom Pastor e com seu vigário que desempenha a função de Pedro, levam nos ombros este sinal confeccionado com a lã dos cordeiros abençoados no dia de Santa Inês. Tantas vezes como papa, na festa dos santos apóstolos Pedro e Paulo, pude entregá-lo aos novos metropolitanos. Que linda simbologia! Na forma do pálio podemos perceber a imagem de uma ovelhinha que o Bom Pastor coloca em seus ombros e leva consigo, para salvá-la e alimentá-la. Nesse símbolo se torna visível aquilo que em primeiro lugar nos une a todos como bispos: a solicitude e a responsabilidade pelo rebanho que nos foi confiado. É precisamente com base nessa solicitude e nessa responsabilidade que devemos cultivar e proteger a unidade (São João Paulo II, *apud* Paci, p. 303, 2021).

3.4.6 Sandálias

No que tange aos acessórios usados para revestir os pés, a palavra grega *sándalos* era usada pelos helenos para se referir às sandálias, que foram, posteriormente, deixadas de herança aos romanos. Neste contexto, dividir-se-ão os calçados latinos em duas principais categorias: as sandálias e as sapatilhas, isto é, os calçados abertos e os fechados.⁹⁵ A palavra latina *calceus*, que significa “calçado” ou “sola”, era utilizada pelos romanos para denominar predominantemente as sapatilhas

⁹⁵ Sobre esta divisão, o autor optou por classificá-los desta forma a fim de tornar o texto mais fluido e didático. O principal objetivo do atual projeto é instruir o leitor no contexto das vestes litúrgicas e sua importância para a liturgia. A temática dos calçados usados na Antiguidade é um assunto vasto e complexo, do qual não é necessário para que se atinja o fim do trabalho

fechadas que eles usavam; já a *solea*, palavra que faz referência ao próprio solado, foi usada para empregar os calçados abertos, que são conhecidos como sandálias.

Sob a ótica das reformas litúrgicas no Concílio Vaticano II, a tradição do uso de um tipo de calçado específico por parte dos ministros está, progressivamente, caindo em desuso, por conta da escassez de um regulamento em relação a este e a outros paramentos:

Os atuais livros litúrgicos não legislam sobre a permissão do uso de luvas, barrete, sapatilhas, ferraiolo, tunicela, manipulo, racional [superhumeral], etc., durante as Celebrações, salvo a ocasião em que alguns destes elementos façam parte da veste coral prevista na legislação eclesiástica unicamente para as Ordens e Congregações ou os prelados, segundo os graus hierárquicos (CNBB, 2023).

O uso das chamadas sandálias episcopais ou pontificais, não é proibido nem incentivado, e apesar de seu uso ser bastante incomum na atualidade, ainda pode ser vista em certas ocasiões, como em celebrações de grande solenidade e por alguns clérigos de elevada dignidade eclesiástica. Embora este paramento seja referido como sandália, esta insígnia mais se assemelha a um tipo de sapatilha: trata-se de um calçado fechado de sola fina – reservado aos ministros que receberam o terceiro grau do Sacramento de Ordem, isto é, os bispos – que costumam ser elaboradas em diversas cores e ricamente adornadas com bordados e fitas.

Figura 56 – Sandálias episcopais



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Ademais, há também os chamados de múleos, calçados fechados produzidos na cor vermelho brasa, que são reservados exclusivamente para o sumo pontífice, isto é, o papa. Os célebres sapatos escarlates usados pelos pontífices, fazem referência aos calçados usados pelos senadores e patrícios romanos, que eram feitos em couro vermelho.

Figura 57 – Múleos



Fonte: pt.aleteia.org, 2025.

Segundo Norris (p. 38-9, 2017), o uso das sandálias, ou *solea*, de couro era muito comum entre os cidadãos romanos, e foi na República Romana que os *calceus*, calçados fechados feitos em couro e amarrados no tornozelo, passaram a ser um indicador de opulência e prestígio social, sendo usado por senadores e magistrados. Os calçados usados pelos centuriões eram similares aos *calceus*, mas contavam com uma sola mais grossa, atribuídas de pregos, chamadas de *cáligas*⁹⁶, que atualmente se referem a um paramento litúrgico usado por bispos na forma extraordinária do rito romano: verdadeiras meias amarradas na altura do joelho, que têm sua cor definida pelo tempo litúrgico.

⁹⁶ Norris em sua obra *Church Vestments: Their Origin and Development* nomeia esses calçados como “*clavi caligarii*”. Contudo, após pesquisas em outras fontes, o autor notou que o nome *cáliga* é mais usual para se referir a esse calçado, e optou por nomeá-lo desta maneira. Aliás, um fato interessante de ser mencionado, é a origem do apelido colocado no famigerado imperador romano Calígula (12 d.C. – 41 d.C.), que recebeu este nome, segundo Norris (p. 38, 2017), quando criança, ao ser apresentado aos soldados por seu pai, usando uma miniatura da armadura do exército.

Figura 58 – Cáligas



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Ademais, os calçados se tornaram mais elaborados e luxuosos no Império Bizantino, onde as classes mais abastadas começaram a adornar mais estes acessórios, foram nos primeiros anos da Idade Média, na época de Carlos Magno⁹⁷ que surgiu o *campagus*, um calçado fechado, semelhante ao *calceus*, preso pela parte dianteira do tornozelo.

No que diz respeito à Cristandade, isto é, o período de maior esplendor da Igreja, entre os séculos XI e XIII, a nobreza e a alta hierarquia eclesiástica adornavam-se com calçados semelhantes a sapatilhas, elaborados em couro e tecidos finos, tal qual a seda; além da profusão de bordados e adornos, feitos em ouro ou até em

⁹⁷ Carlos Magno (742 – 814) foi um importantíssimo governante da Alta Idade Média, em um período conhecido como Império Carolíngio, no qual muitos aspectos da identidade cultural da Europa ocidental tomaram forma. Para mais informações sobre este Imperador, consultar a obra *Carlos Magno*, por Georges Minois.

gemas preciosas. É interessante mencionar que, segundo Paci (p. 397, 2021), neste mesmo período, havia uma tradição de bordar uma cruz sobre os calçados do sumo pontífice, o papa, afirmando o poder temporal e espiritual do representante de Cristo no mundo.

Figura 59 – Conjunto de paramentos



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Dado o exposto, havia na Antiguidade, segundo Paci (p. 393, 2021), uma complexa concepção filosófica-religiosa a respeito dos calçados; diversas religiões tinham como tradição o ofício do sacerdote ser realizado com os pés descalços, pois ele deveria se apresentar puro naquele espaço sagrado. Pode-se citar àquelas palavras do Senhor a Moisés, “E Deus: ‘Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos

teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa'." (Êxodo 3, 5), que o ordenam a descalçar-se em locais consagrados.

Sicardo de Cremona, no *Mitrale*, estabelece uma clara distinção entre Aarão, irmão de Moisés e sumo sacerdote de Israel no deserto, e os apóstolos – isto é, entre os homens escolhidos por Deus na Antiga e na Nova Aliança. Aarão andava com seus pés descalçados, visto que era sacerdote unicamente do povo hebreu; os apóstolos, no entanto, foram instruídos por Cristo a anunciar a Boa Nova, não apenas aos judeus, mas para todos os povos “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura’.” (Marcos 16, 15):

Inicialmente, desde Aarão, o pé não tinha com o que ser vestido, pelo menos enquanto ele estava na Judeia, por isso não tinha atividade; mas, a partir dos apóstolos, aos quais foi dito: ‘indo, ensinai todas as gentes’. Estes, portanto, usavam este tipo de calçado, que os bispos também devem usar; não, porém, os sacerdotes, a fim de que, pela variedade de sandálias, note-se a variedade de ministros (Sicardo de Cremona *apud* Paci, p. 393, 2021).

Neste viés, o anúncio é um aspecto muito importante do Novo Testamento, e seguindo as recomendações de Cristo “Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas” (Marcos 6, 9), os ministros deveriam revestir também seus pés, já que seriam missionários até os confins da terra, “Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo” (Atos 1, 8). Por fim, Hugo de São Victor, em *De sacramentis* (*apud* Paci, p. 394, 2021), também associa o calçado aos ministros do Novo Testamento, dado que a proclamação é de suma importância para a Nova Aliança: “Usam, porém, os bispos e os cardeais presbíteros sandálias, que são os calçados dos pregadores”, reforçando o caráter fundamental do Novo testamento, que é a proclamação.

3.4.7 Quirotecas

As quirotecas, também chamada de luvas episcopais, ou ainda luvas pontificais, têm seu nome derivado do termo latino *chiroteca*, de origem grega, que significa “proteção para a mão”. Este é um paramento usado apenas pelas altas hierarquias eclesiais: produzidas em malha de seda e adornadas com bordados, por vezes também com a cor litúrgica da celebração, elas não são usadas no dia da

Paixão de Cristo⁹⁸, nem em cerimônias fúnebres – seu uso, contudo, é incomum na atualidade, por conta das reformas litúrgicas em ocasião do Concílio Vaticano II.

Figura 60 – Quirotecas



Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

As luvas, por si mesmas, são acessórios usados desde a Antiguidade para os mais diversos fins, seja por um motivo prático ou com o intuito de adornar o corpo, e é inegável que essa vestimenta está presente no cotidiano do homem há muitos séculos. Segundo Norris (p.185, 2017), um estilo muito rudimentar de luva era usado entre as classes mais baixas na antiga Grécia, utilizando-as para trabalhar, já que não eram necessárias para se proteger do frio nos países mediterrâneos. Também, entre

⁹⁸ A Sexta-Feira Santa, isto é, a sexta-feira anterior à Páscoa. Na qual se faz memória do sumo sacrifício de Cristo em remissão dos pecados.

as classes romanas mais abastadas, havia um tipo de luva chamada *manica*⁹⁹ que eram usadas como ornamento.

Segundo Paci, os romanos tinham o costume de usar coberturas nos dedos quando banquetevam, tanto por questões de higiene quanto pela relação de sacralidade que essa civilização refletia em relação ao alimento:

Na antiga Roma as luvas têm predominantemente uma função prática. Usada por aqueles que trabalham nos campos ou nas oficinas, são desprezadas pela nobreza, que recorre a proteções especiais para os dedos apenas quando se banqueteia com os amigos, para não se sujar excessivamente ou talvez, mais provavelmente, para conservar o significado ritual e sacro do alimento, em que a mão não deve entrar em contato com a comida para não contaminá-la: o alimento, dom dos deuses, deve chegar intacto e não contaminado à boca, de modo que possa nutrir o convidado também espiritualmente. As luvas, portanto, são uma barreira que impede a passagem de impurezas (Paci, p. 384-85, 2021).

No que tange à temática, Norris (p. 187, 2017) relata que, originalmente, as luvas eram usadas pelos ministros da Igreja por conta da função prática deste acessório. Foi abordada como uma veste litúrgica no pontificado de Inocêncio III, e seu uso foi, possivelmente, introduzido por bispos franceses. Inicialmente, tinha-se o hábito de descalçar as luvas ao entrar na igreja, semelhante a etiqueta que se tem com os chapéus, mas logo começaram a serem usadas para que os objetos sacros não fossem tocados com as mãos descobertas.

Enfim, tal como é constatado no sexto capítulo do Evangelho de Mateus, “Assim, a tua esmola se fará em segredo; e teu Pai, que vê o escondido, irá recompensar-te” (Mateus 6, 3-4) – as quirotecas também recordam os ministros da humildade, como abordou Sicardo de Cremona, no *Mitræ*, já que as mãos realizam boas obras, as luvas velam-nas:

O uso das luvas foi assumido pelos apóstolos. Por meio das mãos as obras existem; pelas luvas elas nos são ocultadas; assim como ora são veladas por luvas, ora são descobertas, assim, para que a arrogância seja afastada, as boas obras são mantidas em segredo; em outra ocasião, para a edificação dos próximos, são propaladas (Sicardo de Cremona *apud* Paci, p. 381, 2021).

⁹⁹ Há um acessório por vezes usado em algumas celebrações que tem esse mesmo nome, a mânica não é um paramento, mas uma veste prática. Trata-se de uma proteção de tecido usada no antebraço, a fim de proteger a túnica do ministro. Assim como o gremial, que tem o mesmo objetivo, mas no formato de avental.

Figura 61 – Quirotecas¹⁰⁰

Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

3.4.8 Racional

O racional, do latim *ratio-rationalis*, que se refere a “mente”, “faculdade intelectual” ou “razão”, também chamado de supra-humeral, isto é, “sobre os ombros”, é um paramento estritamente usado, pois seu uso é autorizado em pouquíssimas

¹⁰⁰ Na imagem, o cardeal Raymond Leo Burke

dioceses¹⁰¹ europeias. O racional tem sua origem no paramento hebraico éfode, que teve suas instruções desveladas no Livro de Êxodo:

Farás para teu irmão Aarão vestes sagradas em sinal de dignidade e de distinção. Fala aos homens inteligentes a quem enchi do espírito de sabedoria, para que confeccionem as vestes de Aarão, de sorte que ele seja consagrado ao meu sacerdócio. Eis as vestes que deverão fazer: um peitoral, um efod, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto. Tais são as vestes que farão para teu irmão Aarão e para os seus filhos, a fim de que sejam sacerdotes a meu serviço; empregarão ouro, púrpura violeta e escarlata, carmesim e linho fino. O efod será feito de ouro, de púrpura violeta e escarlata, de carmesim e de linho fino retorcido, artisticamente tecidos.

Farás o manto do efod inteiramente de púrpura violeta. Haverá no meio uma abertura para a cabeça, e em volta uma orla tecida, que será como a abertura de um colete, para que não se rompa. Em volta de toda a orla inferior, porás romãs de púrpura violeta e escarlata, assim como carmesim, entremeadas de campainhas de ouro: uma campainha de ouro, uma romã, outra campainha de ouro, outra romã em todo o contorno da orla inferior do manto. Aarão será revestido desse manto quando exercer suas funções, a fim de se ouvir o som das campainhas quando entrar no santuário, diante do Senhor, e quando sair, e para que não morra. (Êxodo 28, 2, 6; 31, 35)

Dado o exposto, o racional se assemelha ao pálio, por ser usado sobre os ombros como um sinal de distinção, mas confeccionada com extrema faustuosidade e dignidade, tal como a éfode dos sacerdotes hebreus.

¹⁰¹ As dioceses são regiões territoriais administradas por um bispo. No caso da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, é uma arquidiocese, por conta de sua extensão, atualmente administrada pelo Cardeal Dom Orani João Tempesta.

Figura 62 – Racional¹⁰²

Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

¹⁰² Na imagem, o então arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła, futuro São João Paulo II.

Figura 63 – Racional¹⁰³

Fonte: www.liturgicalartsjournal.com, 2025.

Embora originado na éfode, o racional em si surgiu na Idade Média, e foi prolificamente comentado pelos autores medievais. O racional era uma insígnia concedida aos bispos que não poderiam usar o pálio, que era um símbolo de dignidade extrema. Segundo Paci (p. 390, 2021), depois do século XIII, houve um progressivo declínio no uso do racional, possivelmente por conta da onda antijudaica que tomou a Europa medieval e renascentista.

Dado o exposto, ente os autores que abordaram o racional como objeto de interesse, pode-se mencionar Santo Isidoro de Sevilha, que em sua obra *Mysticorum (sive secretorium) expositiones sacramentorum, seu quaestiones in Vetus Testamentus* dedicou alguns trechos a fim de comparar a forma do racional, do qual foi descrito de maneira muito similar à éfode, a certas virtudes. Por exemplo, relacionando o paramento, que é vestido nos ombros, ao Poder e o Reino do Salvador, em referência ao versículo do sexto capítulo do Livro de Isaías:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz” (Isaías 6, 5).

¹⁰³ Na figura, um racional visto de cima. Veste-se sobres os ombros através da abertura central.

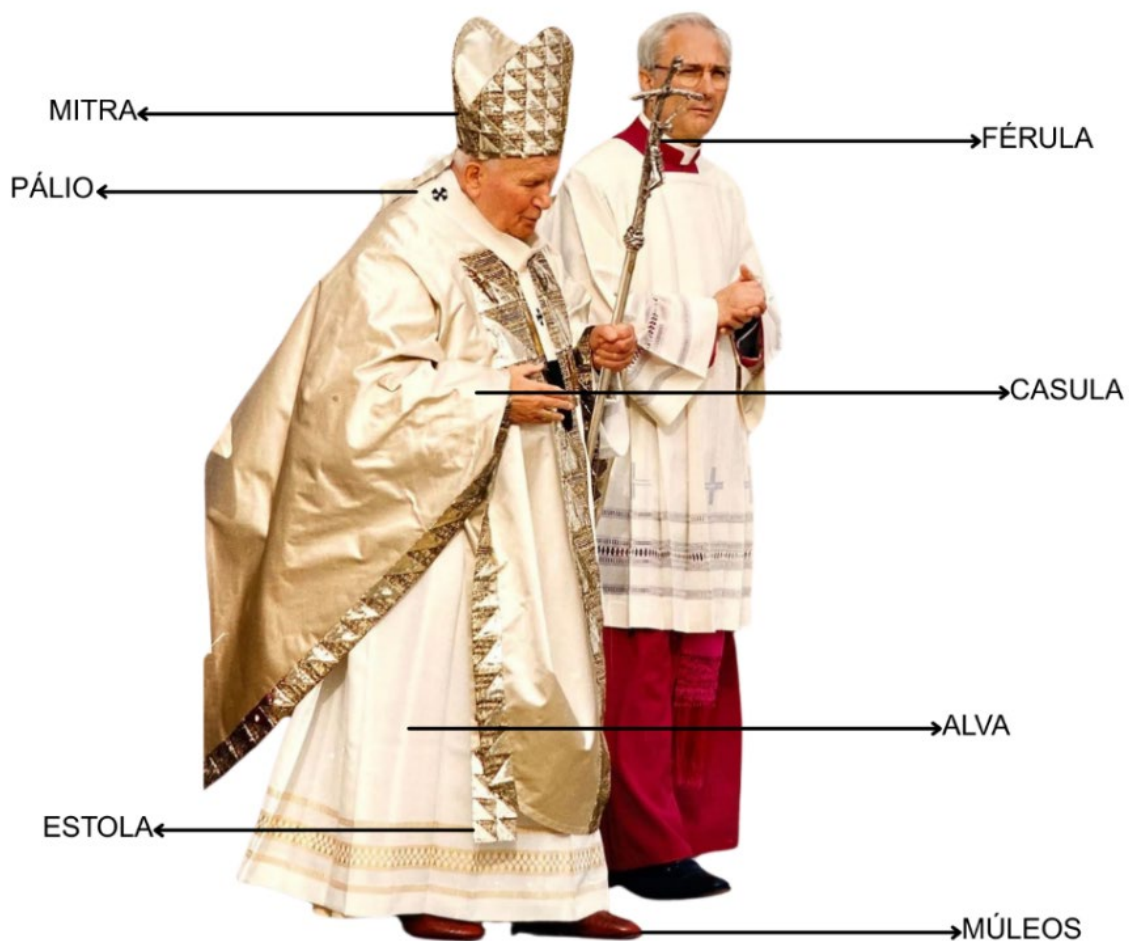
Também, muito o autor falou de seus ornamentos, que expunha a grandiosa dignidade que era concedida ao sacerdote em virtude da sua entrega e sacrifício pelo Cristo:

Ao que convém, nas gemas, a pregação apostólica, tanto pela virtude quanto pelo número. Mas este Racional é dúplice porque a ciência da doutrina do Evangelho é aberta e, ao mesmo tempo, oculta, simples e mística. Igualmente, o mesmo sacerdote Cristo não incongruamente é interpretado em seus membros, e mais ainda no Pontífice, que habita com os santos, e oferece uma vítima pelo povo, a carne do Cordeiro imaculado, produzindo por uma boca sagrada (Santo Isidoro de Sevilha *apud* Paci, p. 387, 2021).

3.5 EXEMPLOS

A fim de que o leitor tenha claro entendimento sobre o uso dos paramentos litúrgicos na prática, é necessário demonstrá-los efetivamente na prática, o que facilita sua compreensão e reconhecimento. Portanto, serão expostos alguns esquemas imagéticos com esta finalidade, que retratam alguns ministros paramentados, e suas respectivas classificações.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Todas as tabelas foram preparadas pelo autor, a mercê de imagens disponíveis na *internet*, as devidas fontes estarão disponíveis a seguir e nas referências finais.

Figura 64 – Esquema Imagético I, Papa São João Paulo II¹⁰⁵

Fonte: www.pinterest.com, 2025.

¹⁰⁵ Na imagem ele está acompanhado de Piero Marini, seu mestre de cerimônias. Dom Marini está revestido de uma sobrepeliz sobre o hábito coral.

Figura 65 – Esquema Imagético II, Papa Bento XVI



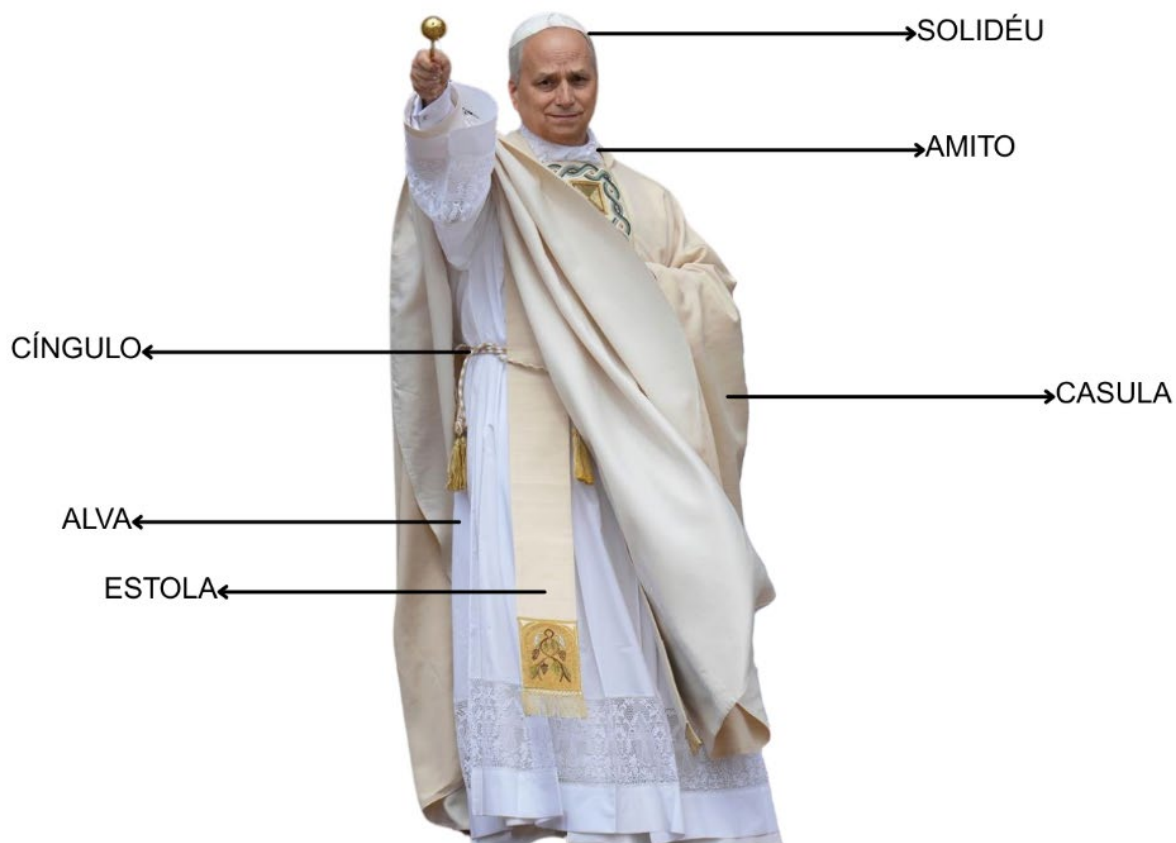
Fonte: www.pinterest.com, 2025.

Figura 66 – Esquema Imagético III, Papa Francisco



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

Figura 67 – Esquema Imagético IV, Papa Leão XIV



Fonte: pilulasliturgicas.blogpost.com, 2025.

Após o exposto, é possível notar através das figuras a diversidade e variações nas vestes, que expressam temas voltados à fé aplicados na prática do design, já que símbolos ligados a própria religião são transmitidos através da indumentária por meio de suas diversas cores, formas e materiais.

4 MERCADO & PUBLICO

4.1 MERCADO

“Com grande alegria eu me rejubilarei no Senhor e meu coração exultará de alegria em meu Deus, porque me fez revestir as vestimentas da salvação. Envolveu-me com o manto de justiça, como um neo-esposo cinge o turbante, como uma jovem esposa se enfeita com suas joias. Porque, quão certo o sol faz germinar seus grãos e um jardim faz brotar suas sementes, o Senhor Deus fará germinar a justiça e a glória diante de todas as nações” (Isaías 61, 10 – 11).

Percorrendo toda aquela região, começaram a levar, em leitos, os que padeciam de algum mal, para o lugar onde ouviam dizer que ele se encontrava. Onde quer que ele entrasse, fosse nas aldeias ou nos povoados, ou nas cidades, punham os enfermos nas ruas e pediam-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla de suas vestes. E todos os que tocavam em Jesus ficavam sãos (Marcos 6, 55 – 56).

Há na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, promulgada pelo papa São Paulo VI em 1964, referências sobre a unidade da Igreja sob um mesmo Espírito, que é aquele que provém do Altíssimo. De fato, pode-se afirmar que a Igreja é verdadeiramente o Corpo místico de Cristo – pois tal como no homem, que em seu corpo tem diversas partes que formam um só indivíduo, a Igreja é composta por diversos membros, cada um com seu dom ou ministério, que é concedido pelo mesmo Espírito, mas formam uma só assembleia.

Nas Sagradas Escrituras, fez São Paulo esta referência em alguns trechos de seus escritos, onde ele exaltou a união, o auxílio e a cooperação mútua entre os fiéis, pois em Cristo formavam um só Corpo e um só Espírito, o que torna possível associar a variedade de membros na Igreja à abundância de artesãos, que constituem um verdadeiro ministério, ao elaborar as vestes sacras:

Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro (Rm 12, 4-5).

Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum (I Cor 12, 4-7).

Mas um e o mesmo Espírito distribui todos esses dons, repartindo a cada um como lhe apraz. Porque, como o corpo é um todo com muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo. Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos impregnados do mesmo Espírito. Assim, o corpo não consiste em um só membro, mas em muitos (I Cor 12, 11-14).

Ademais, embora a produção das vestes litúrgicas seja apoiada em um tipo de regra pautada na tradição da Igreja, como foi largamente abordado no capítulo anterior, o artesão tem certa liberdade ao criar os paramentos litúrgicos, pois apoia-se em um cânone rico e milenar – o que possibilita a exploração de cores, formas e materiais distintos. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, dedicou um capítulo para as artes sacras, e dando certa atenção aos paramentos litúrgicos, declarou que os paramentos deveriam ser dotados de uma nobre simplicidade, o que contribui para a beleza do rito:

Ao promoverem uma autêntica arte sacra, prefiram os Ordinários à mera sumptuosidade uma beleza que seja nobre. Aplique-se isto mesmo às vestes e ornamentos sagrados. Tenham os Bispos todo o cuidado em retirar da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que não se coadunam com a fé e os costumes e com a piedade cristã, ofendem o genuíno sentido religioso, quer pela depravação da forma, que pela insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística (São Paulo VI, n. 124, 1963).

Atualmente, há uma larga variedade de oficinas, e até mesmo fabricas, que trabalham especialmente na produção de paramento litúrgicos e trajes clericais. Por conta de sua pluralidade, é possível encontrar os mais diversos estilos de paramentos litúrgicos: desde mantos bordados e suntuosos, até túnicas simples e elegantes – posto que muitos são os membros que compõe o Corpo do Senhor.

4.1.1 Tradição

São Carlos Borromeu, em sua obra *Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae*, buscou instruir os leitores e artesãos para a produção de vestes dignas para o clero. Foi através deste escrito de Borromeu que uma verdadeira tradição de formas se instaurou, ordenando a rica história da indumentaria eclesiástica, isto é, vestes que permanecem em suas formas, tal como o Evangelho que permanecerá até a consumação dos séculos.

Entre os muitos artesãos que oferecem seu ofício ao Senhor, há oficinas que têm como objetivo executar, na atualidade, a suntuosidade que outrora tiveram as vestes litúrgicas. Através de referências disponíveis neste tempo, tal como a obra de

São Carlos Borromeu, a loja Altarworthy ¹⁰⁶reproduz trajes clericais de alta dignidade e ornamentação.

No que tange ao tema, esta marca tem como objetivo executar paramentos refinados para todos os ministros que apreciem a sua tradição e feitio. Os paramentos da Altarworthy são criados por encomenda, o que torna seu preço variável; mas, através da coleta de informações no *website* da marca, foram encontradas estolas de \$420 até \$550, e casulas de \$2600 até \$3000. Suas peças são montadas de forma artesanal, agregando valor às formas tradicionais e à faustuosa ornamentação, composta por tecidos brocados, bordados e aplicações de aviamentos brilhantes e até mesmo pedrarias.

Figura 68 – Painel imagético Altarworthy

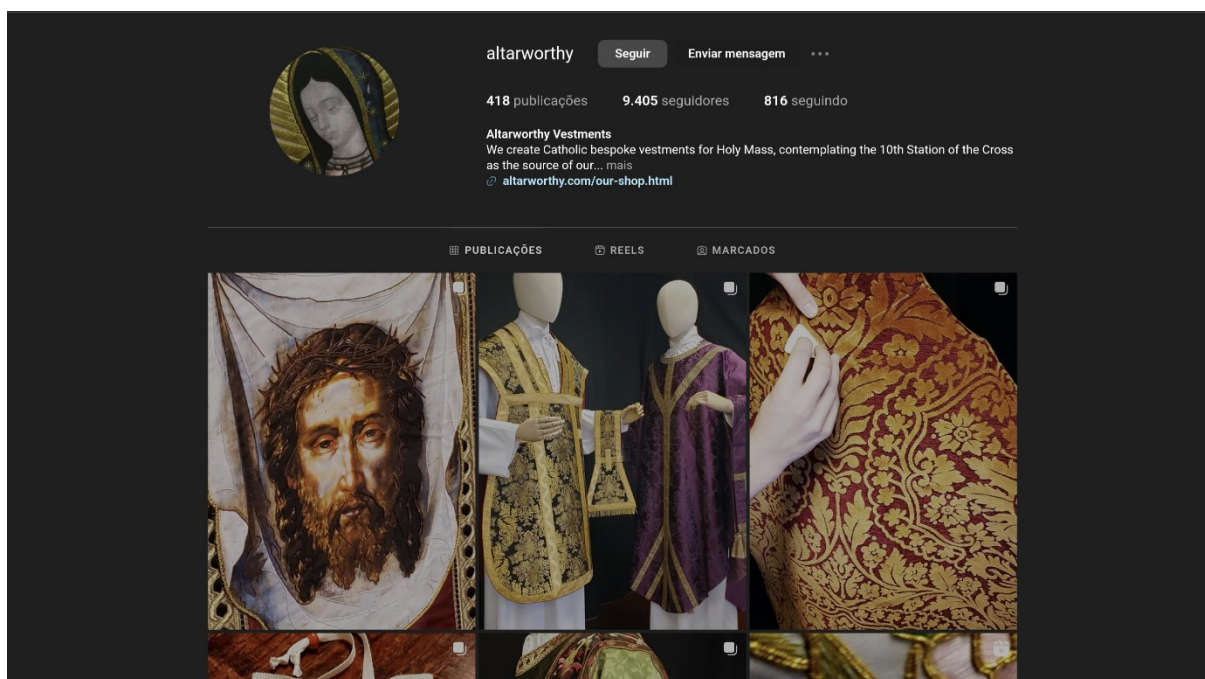


Fonte: Painel produzido através de imagens da internet.

¹⁰⁶ Uma composição originada da fusão de duas palavras inglesas; é interessante a relação entre o nome da marca Altarworthy, e o que ela propõe aos seus clientes. *Altar*, que faz referência direta à liturgia, celebração onde as vestes são usadas, e *worthy*, palavra que remete ao valor, à dignidade. Ou seja, Altarworthy pode fazer referência ao que é “digno para o altar” ou à própria dignidade do altar. Não é atoa que sejam propostos itens tão nobres para a celebração eucarística.

Enfim, apesar da notória qualidade de seus produtos, a Altarworthy não conta com larga fama: além do *website*, a loja possui um perfil pouco ativo no *Instagram*, que conta com menos de 9,5 mil seguidores.¹⁰⁷ Através de pesquisas realizadas sobre a marca, é possível constatar que a sede se localiza nos Estados Unidos da América, mas não parece contar com um ponto de visitas físico. Como uma tradicional oficina de trabalhos manuais, a Altarworthy espera pelo público que tem apressado por suas formas tradicionais, e gosto pela suntuosa ornamentação.

Figura 69 – Instagram Altarworthy



Fonte: www.instagram.com, 2025.

4.1.2 Aggiornamento

Segundo o Vatican News a palavra italiana *aggiornamento*, que significa “atualização” ou “renovação” foi a chave do papa São João XXIII para o Concílio

¹⁰⁷ Isto é, até o mês de maio de 2025.

Vaticano II. Este concílio ecumênico, longe de irromper contra a tradição e a fé, teve como objetivo abrir as portas da Igreja aos fiéis deste tempo, promovendo certas mudanças para que todos os homens pudessem estar em comunhão com seu Senhor:

No século XIX a Igreja entrou num isolamento do mundo moderno. O Concílio Vaticano II deveria superar esse isolamento, dialogando com os novos tempos e a nova realidade. Isso não significa uma hermenêutica de ruptura com os princípios, com os valores da tradição até então guardados no *depositum fides* (tradição da fé). Os padres conciliares não queriam criar uma nova igreja, mas uma igreja renovada. A Igreja não pode ser reinventada negligenciando-se a doutrina, a tradição, os dogmas e os costumes. A revelação de Deus não se inventa, mas se atualiza de acordo com os novos desafios. Não se pode criar outro credo, mas renovar os princípios da fé verdadeiramente conforme às novas necessidades e emergências atuais (Vatican News, 2018).

Sob esta ótica, muitos fiéis tecem duras críticas ao chamado espírito de atualização, acusando-o de abandonar importantes costumes, e até mesmo de criar uma fé – em suma, é inegável afirmar que a Igreja passou por grandes mudanças desde o advento do Concílio Vaticano II. No que tange ao tema, foi neste mesmo concílio que, devido ao caráter de renovação, e com o objetivo de aproximar os fiéis aos ministros, alguns paramentos caíram em desuso, ou deixaram de ser recomendados. Pode-se mencionar o manípulo, que era um paramento comum a todos os ministros e, na atualidade, pouco é usado. Do mesmo modo, os paramentos se tornaram mais sóbrios em comparação à suntuosa vestimenta dos séculos anteriores, suas linhas parecem ter se tornado mais retas, e a faustosa ornamentação não é mais tão comum. Enfim, há uma oficina de paramentos que bem representa esta atualização, conhecida por suas formas elegantes, e a evidente nobreza dos materiais usados na confecção: esta é a LAVS Atelier.

Segundo o Homo Faber, a marca italiana foi fundada por Filippo Sorcinelli, em 2001, e seu nome é um acrônimo para Laboratory Atelier Sacred Vestments, ou em português, Ateliê & Laboratório de Vestimentas Sacras¹⁰⁸. Filippo atua em diversas áreas, tais como a música, perfumaria, fotografia e a própria moda. Ele procura inspiração na Idade Média, e busca utilizar formas básicas, tais como o triângulo, quadrado e o círculo, como a base de seu trabalho. A LAVS é conhecida por sua

¹⁰⁸ Tradução de autoria própria.

simplicidade luxuosa, pontualmente ornamentando os seus paramentos através de complexas aplicações, bordados e pedrarias.

Dado o exposto, pode-se afirmar que a LAVS é, na atualidade, uma verdadeira ‘grife litúrgica’, por conta de seus produtos artesanais e refinados, além de sua apresentação singular, que inclui embalagens minimalistas e aroma próprio da marca. Tudo isto eleva seu preço e valor, o que faz dela usada, majoritariamente, pelas altas hierarquias eclesiásticas, tais como os arcebispos, cardeais e o próprio papa.

Após pesquisas no website da marca, é possível constatar que a LAVS conta com três lojas: em Roma, Assis, e Santarcangelo de Romanha – todas na Itália, o que a aproxima de seu público alvo. Além disso, é notório o valor das peças, já que o preço de suas estolas pode variar entre €311,60 até €1045,08, e as casulas podem chegar de €561,70 a €6,199.20.

Diante disso, é necessário demonstrar que sua nobreza está, tanto na matéria prima quanto em sua descrição. Pois mesmo nos brocados mais luxuosos, apenas uma cor prevalece, sendo necessário se aproximar para distingui-lo; e só é possível entender as complexas aplicações olhando-as detalhadamente. Ao longe, vê-se apenas sua resplandecência, que é como o reflexo do sacerdote.

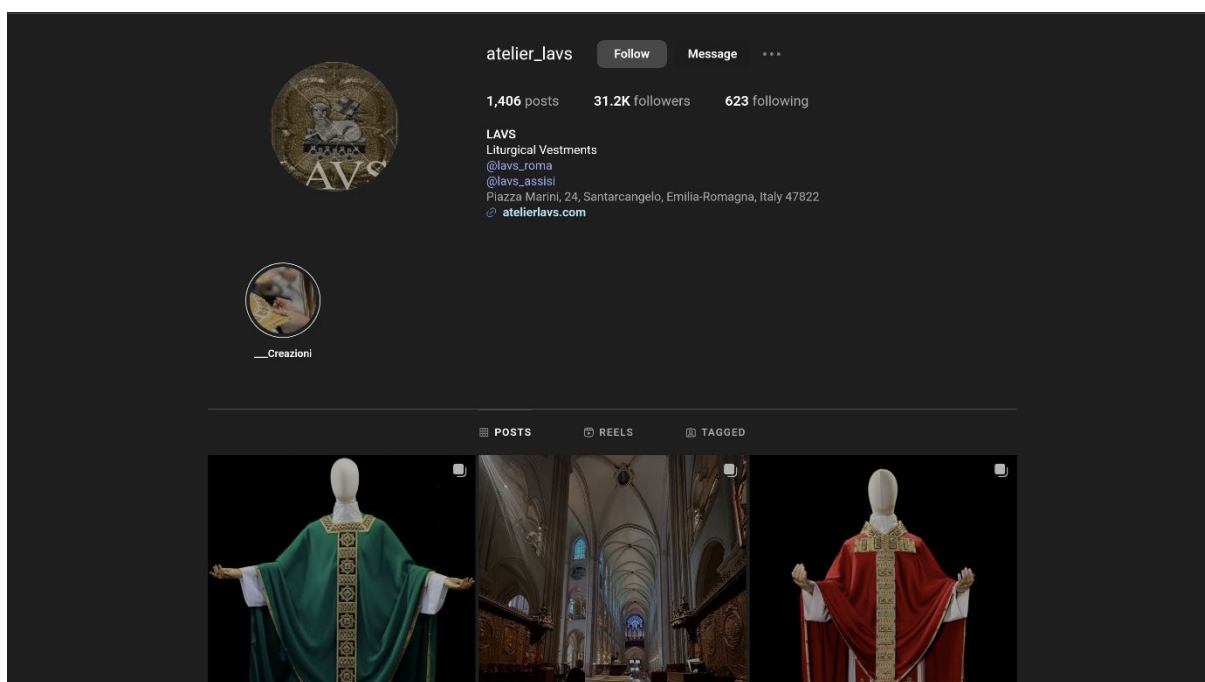
Figura 70 – Painel imagético *LAVS Atelier*



Fontes: Painel produzido através de imagens da internet.

Por tudo isso, a *LAVS* é extremamente reconhecida e bem reputada: foi uma marca usada frequentemente pelo papa Bento XVI, pelo seu sucessor, o papa Francisco, e é apreciada pelos demais ministros de alta dignidade, o que rendeu muita fama ao *atelier*. A *LAVS* conta com um site de *e-commerce* e investe em seu Instagram, onde possui mais de 30 mil seguidores, além de sua frequente atividade nesta rede social, divulgando seu trabalho e mostrando detalhes na produção dos paramentos.

Figura 71 – Instagram LAVS Atelier



Fonte: www.instagram.com, 2025.

4.2 PÚBLICO

Dado a temática deste projeto, era necessário que, além de obter sustento através dos cronistas e registros históricos, que fosse inspirado, primordialmente, nas

Escrituras. Por isso, da mesma forma que disse o Cristo, “Quem vos ouve a mim ouve” (Lucas 10, 16), não seria um bom empreendimento se aqueles que vêm em nome do Senhor, e fazem suas vezes durante os sacramentos, não fossem consultados.

Desta maneira, foram procurados ministros que servem nos altares, para que ao ouvir seus apontamentos sobre as vestes litúrgicas, este trabalho se tornasse mais rico e frutuoso. Foram realizadas entrevistas, tanto com aqueles que receberam o sacramento de ordem, quanto com membros consagrados em outras funções no Corpo de Cristo, a Igreja.

4.2.1 Justificativas

No que tange ao tema, é possível entender largamente a respeito do uso prático das vestes através dos manuais disponíveis sobre a liturgia, pois se tem na Igreja Católica Apostólica Romana diversos livros que visam explicar devidamente a estrutura dos ritos e suas preparações, entre elas, a vestimenta. Pode-se citar, por exemplo, a Introdução Geral ao Missal Romano, que dedica indicações a respeito das vestes litúrgicas do n. 335 ao n. 347; também o Cerimonial dos Bispos, que em alguns trechos se ocupa em expressar a dignidade e a autoridade dos sucessores apostólicos através da indumentaria, para que através do ato de se cobrir, possam revelar-se, já que na própria vestimenta esses ministros expressam sua distinção: a mitra, por exemplo, que aponta para o céu, como um sinal de iluminação.

Através do conhecimento adquirido dos manuais de liturgia e embasado nos registros históricos que relatam uma literatura sobre a vestimenta, junto à experiência pastoral, e vivência na fé, houve certa proximidade com a temática abordada. Desta forma, foi possível a imersão na realidade dos ministros, deduzindo algumas de suas necessidades e opiniões sobre a própria vestimenta – como um argumento de autoridade para embasar o projeto e possíveis propostas para os paramentos em si.

4.2.2 Entrevistas

Seria, possivelmente, muito difícil que esta etapa fosse concluída com esmero e plenitude em curto tempo. Pois este Corpo, do qual Cristo mesmo é a cabeça, tem muitos membros, e em suas especificidades, diferentes entendimentos. Foram

entrevistados um presbítero, um diácono, um religioso¹⁰⁹ e um ministro leigo,¹¹⁰ e apesar de diferentes funções, foram obtidas respostas semelhantes, pois quando questionados a respeito da importância das vestes para a liturgia, eles ressaltaram que a veste é, em essência, uma responsabilidade, um sinal de distinção ou serviço.

Em seguida, sobre a maneira pela qual as vestes são adquiridas, foi perceptível a atuação de lojas especializadas em paramentos litúrgicos, o seu uso também costuma ser partilhado entre os ministros de uma mesma localidade, por exemplo, os sacerdotes de uma mesma paróquia que compartilham as vestes entre si, tendo-as de maneira comunal. Aliás, a título de menção, para que o projeto explorasse ainda mais o que tange ao mercado e o nicho das vestes litúrgicas, diversas empresas que trabalham com os paramentos foram contatadas, no entanto, pouco se pode aproveitar, pela escassez de respostas por parte delas.

Outro ponto importante que foi mencionado nas entrevistas, é que os paramentos também são preparados por irmãs religiosas de variadas congregações: os monges sacerdotes do Mosteiro de São Bento, localizado no Centro do Rio de Janeiro, por exemplo, recebem paramento das próprias irmãs religiosas, de outros mosteiros beneditinos, principalmente do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, em Salvador.

Em suma, a beleza que devem ter os paramentos são uma característica que também chama a atenção dos ministros consultados, não necessariamente através de sua suntuosidade, mas que devem ser nobres e dignos em sua simplicidade. Os entrevistados têm em si aquele mesmo espírito de *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, já que na constituição *Sacrosanctum Concilium* foi mencionado que “Ao promoverem uma autêntica arte sacra, prefiram os Ordinários à mera sumptuosidade uma beleza que seja nobre. Aplique-se isto mesmo às vestes e ornamentos sagrados.” (n. 124), o que não os impede de aplicar esta recomendação em vista da larga tradição de indumentaria precedente na Igreja.

Por exemplo, quando questionado sobre algum tipo de melhora ou mudança, o diácono entrevistado mencionou que, por conta do clima tropical brasileiro, suas

¹⁰⁹ Membro de uma congregação ou ordem religiosa, neste caso, um beneditino.

¹¹⁰ Fiéis que não têm uma consagração específica, mas que desempenham algum tipo de serviço durante as ações litúrgicas. Neste caso, o coordenador dos ministros extraordinários da eucaristia.

vestes aqueciam-no demasiadamente, pois são camadas sobrepostas de fibras sintéticos, materiais largamente usados na produção das vestes litúrgicas. Neste sentido, a Instrução Geral do Missal Romano orienta que:

Convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do material usado e da forma. Os ornatos apresentam figuras ou imagens ou então símbolos que indiquem o uso sagrado, excluindo os que não se prestam bem a esse uso (Instrução Geral do Missal Romano, n. 344)

Ora, este revés poderia ser resolvido ao optar por um material natural, que mantém a pele fresca – solução para a temperatura dos países quentes, conferindo a nobreza através do material, e reverenciando as tradições da indumentária, dado que, no passado, os paramentos eram produzidos em fibras e filamentos têxteis vegetais e animais, tais como o algodão, o linho, a lã e a seda.

Diante do exposto, as informações coletadas através das entrevistas foram de grande valor para o projeto, pois na escuta às necessidades dos que são revestidos pelas vestes litúrgicas, foi possível planejar paramentos que atendam melhor às necessidades deste público.¹¹¹

¹¹¹ O questionário é simples e conciso, estará disponível nos Anexos do TCC.

5 TRADIÇÃO & PROJETO

Fez com ele uma aliança eterna, deu-lhe o sacerdócio do seu povo, e cumulou-o de felicidade e de glória. Adornou-o com um cinto de honra, revestiu-o de um manto de glória, coroou-o com todo esse aparato majestoso. Deu-lhe a longa túnica, a túnica inferior e o efod, cujas bordas eram ornadas de numerosas campainhas, que deviam retinir, quando ele andasse, e se ouvisse o seu som no templo, para advertir os filhos de seu povo. Deu-lhe uma túnica santa, tecida de ouro, de pedras preciosas e de púrpura, obra de um homem sábio, dotado de juízo e de verdade. Era uma obra de artista, de fio de escarlate, com doze pedras preciosas engastadas no ouro, gravadas pelo trabalho do lapidador, em memória das doze tribos de Israel. Sobre sua tiara colocou uma coroa de ouro, onde estava gravado o cunho da santidade, da glória e da honra; era uma obra majestosa, adorno que encantava os olhos. Nunca antes dele houve coisa tão magnífica, desde o princípio do mundo. Nenhum estranho dele se revestiu, mas somente os seus filhos, e os filhos de seus filhos no decorrer dos tempos (Eclesiástico 45, 8 – 16).

Vendo a Jesus, Herodes ficou muito contente; havia muito tempo que queria vê-lo, pelo que ouvia dizer dele; e esperava ver algum milagre feito por ele. Interrogou-o com muitas perguntas; ele, porém, nada lhe respondeu. “Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os escribas lá se achavam, e acusavam-no com veemência. Herodes, juntamente com a sua escolta, tratou-o com desprezo e escárnio; e, vestindo-o com uma veste brilhante, remeteu-o a Pilatos. E nesse mesmo dia Herodes e Pilatos ficaram amigos entre si, pois antes eram inimigos (Lucas 23, 8 – 12).

É possível afirmar, que no decorrer de todo este empreendimento as vestes litúrgicas foram devidamente apresentadas, destacando a sua etimologia, morfologia, genealogia, e simbologia, tudo isto com o objetivo de convencer o leitor de sua riqueza e importância para a liturgia da Igreja Católica Apostólica Romana. O estilo, ou métrica, usada durante o projeto foi necessária para inserir o leitor no campo das vestes litúrgicas, assim, preparando-o para o processo criativo que se seguirá.

Foi planejada uma paramentação completa para os ministros que receberam o sacramento de ordem, contando com paramentos desde o diaconato até o episcopado. A respeito dos paramentos devidamente produzidos, foi confeccionada a vestimenta completa para um bispo, que possui plenitude neste sacramento, durante uma procissão – revestindo-o de amito, alva, cíngulo, estola, pluvial e mitra.

5.1 TRADIÇÃO

A Instrução Geral do Missal Romano, que instrui os ministros ao ofício do altar, conta com aquela mesma exortação presente na constituição *Sacrosanctum Concilium*, pois:

convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do material usado e da forma. Os ornatos apresentem figuras ou imagens ou então símbolos que indiquem o seu uso sagrado, excluindo-se os que não se prestem bem a esse uso (Instrução Geral do Missal Romano, n. 344).

Por isso, era de suma importância propor uma paramentação nobre e simples, conforme as recomendações eclesiais. A fim de também reverenciar a extensa história das vestes, foi expresso na forma e caimento das peças produzidas esta referência à tradição – no entanto, ornando-a de maneira simples, com o objetivo de criar um paramento, não uma mera reprodução histórica.

5.1.1 Cores

As cores são um elemento muito presente durante a liturgia da Igreja Católica Apostólica Romana, pois nos diversos ciclos do Ano Litúrgico elas tem como objetivo expressar visivelmente os mistérios celebrados naquele período.

Segundo a CNBB (p. 63-64, 2023) as cores litúrgicas surgiram no Império Carolíngio¹¹², pois, inicialmente, não havia instruções sobre as cores, apenas certa preferência pela cor branca e tons claros. Foi o papa Inocêncio III, que em sua obra *De sacro altares mysterio* (apud CNBB, p. 66, 2023), compôs um sistema de cores baseado no que já era usado em Roma, conferindo-as um sentido simbólico e as relacionando com a liturgia.

Estas cores eram o branco, vermelho, roxo, preto e verde, todas usadas até a atualidade. No entanto, outras cores também são usadas durante a liturgia, estas são o rosa, da qual já havia referências desde o século XIII, e é usada no III Domingo do Advento e no IV Domingo da Quaresma, o azul, usado na Espanha e em países latino-americanos; além do dourado e do prateado, que têm as mesmas atribuições do branco, mas usados em festas e solenidades.¹¹³

A respeito da propriedade de cada cor, pode-se mencionar que a cor branca sempre foi associada com o sagrado. No Evangelho, destaca-se o supracitado

¹¹² Para mais informações sobre o Império Carolíngio, consultar a nota de rodapé referente ao imperador Carlos Magno.

¹¹³ Sobre esta informação a respeito da cor dourada, em uma das conversas, o ministro entrevistado mencionou que o dourado poderia substituir qualquer uma das cores. O que justificou a escolha da cor dos paramentação criada neste projeto.

episódio da Transfiguração¹¹⁴, no qual o Senhor se “transfigurou na presença deles¹¹⁵: seu rosto brilhou como o sol, suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura” (Mateus 17, 2) o que também se liga às vestes batismais, um símbolo de pureza. É usado, majoritariamente, no Tempo Pascal e no Natal do Senhor.¹¹⁶

Figura 72 – Papa Leão XVI e demais bispos usando branco durante a liturgia



PANTONE®
11-3900 TCX
Wispy Clouds

Fontes: www.pinterest.com, 2025.

¹¹⁴ Sobre a Transfiguração, consultar 3.1.2.

¹¹⁵ Isto é, Pedro, Tiago e João.

¹¹⁶ Também em algumas datas específicas, tais como a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus (01/01), na Solenidade da Conversão de São Paulo (25/01), na Solenidade da Cátedra de São Pedro (25/02), na natividade de São João (24/06), na Solenidade de Todos os Santos (01/11), e em festividades relacionadas aos santos que não foram mártires. O branco é uma cor litúrgica de pureza e alegria, usada em festas e celebrações.

O vermelho pode remeter tanto aos rituais veterotestamentários de sangue, quanto aos inúmeros mártires santos no Corpo de Cristo. Aliás, Inocêncio III, em *De sacro altares mysterio* (apud CNBB, p. 67, 2023) instrui que deverão ser usadas vestes vermelhas nas festas dos apóstolos e mártires, por conta do sangue que derramaram por Cristo e na solenidade de Pentecostes, que recorda os fiéis das línguas de fogo e ação do Espírito Santo.

Figura 73 – Papa Bento XVI usando vermelho durante uma procissão



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

Já o roxo, uma cor escura e taciturna, é usada durante o Advento e a Quaresma, e nesta tonalidade fechada evidencia o caráter de resguardo e espera que estes tempos litúrgicos indicam.

Figura 74 – Papa Bento XVI usando roxo durante a liturgia



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

A respeito do preto, Inocêncio III associa-o à aflição e abstinência pelos pecados e pelos falecidos. As vestes litúrgicas nesta tonalidade são usadas durante as exéquias e missas para os defuntos. Segundo a CNBB (p. 66, 2023), as vestes pretas, fora da liturgia, podem expressar aspectos “de severidade moral e de vida exemplar”, justificando a utilização desta cor por grande parte do clero.

Figura 75 – Papa Bento XVI usando preto durante a liturgia



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

A cor verde é vista muito frequentemente durante a liturgia, tal como o é na natureza. Segundo o bispo agostiniano Angelo Rocca, em sua obra *Thesaurus pontificarum sacrarumque antiquarum* (apud CNBB, p. 68, 2023) a cor verde é um símbolo de esperança, o que se relaciona com o período chamado Tempo Comum, no qual o verde é usado, como um sinal de espera e esperança na ressurreição.

Figura 76 – Papa Francisco usando verde durante a liturgia



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

O rosa é usado em apenas duas ocasiões durante a liturgia, no IV Domingo da Quaresma e no III Domingo do Advento chamados *Laetare* e *Gaudete*, respectivamente, ambos ligados à alegria e a expectativa em Cristo. Segundo Paci (p. 266, 2021), o rosa é como uma mistura do branco e do vermelho, isto é, da pureza e do sacrifício de Cristo.

Figura 77 – Papa Francisco usando rosa durante a liturgia



Fonte: www.pinterest.com, 2025.

Sobre o azul, a CNBB (p. 69, 2023) não o considera uma cor litúrgica legítima, pois apenas é usado em alguns países, em virtude da festa da Imaculada Conceição, com uma autorização especial da Santa Sé, da qual o Brasil não possui. Também é importante mencionar que o dourado e o prateado podem ser usados em ocasiões mais solenes, em qualquer tempo litúrgico, por conta de sua nobreza e festividade.

Dado o exposto, é possível notar a diversidade das cores durante os diversos períodos da liturgia na Igreja Católica, cada uma com seu simbolismo específico e momento para serem usadas, o que demonstra a rica tradição de seus ritos.

Figuras 78 & 79 – Exemplo da diversidade de cores litúrgicas¹¹⁷



Fonte: Painéis produzidos através de imagens da internet.

¹¹⁷ A cor usada tanto no Advento quanto na Quaresma é o roxo. Mas é interessante mencionar que ao verificar o *website* da *LAVS Atelier*, foi constatado que essa empresa faz uso de duas tonalidades de roxo diferentes: uma mais escura, como violeta, para a Quaresma (a casula no centro da segunda fileira horizontal) e uma mais clara, como púrpura, para o Advento (a casula na direita da segunda fileira horizontal).

5.1.2 Formas

No que diz respeito as formas usadas para ornar as vestes litúrgicas, existe uma gama de motivos decorativos amplamente usados para adornar os paramentos. Monogramas que remetem ao nome de Jesus Cristo como o IHS¹¹⁸ e o Chi Rho¹¹⁹; também figuras que remetem aos elementos do rito, tais como o cálice ou o ostensório; também o trigo, as uvas, o pão, e o vinho, em referência ao sacramento da eucaristia:

Pegando o cálice, deu graças e disse: “Tomai este cálice e distribuí-o entre vós. Pois vos digo: já não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”. Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós... (Lucas 22, 17 – 20).

Além dos motivos que remetem ao Messias mesmo, tal como representações do cordeiro, por conta de sua associação com Cristo, “No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’.” (João 1, 29), ou do pelicano, por conta de uma lenda da Antiguidade na qual o ele alimenta seus filhotes com o próprio sangue, o que faz referência a Jesus; sem mencionar a gama de imagens e representações dos mais diversos santos e de Nossa Senhora.

A iconografia presente nas vestes litúrgicas é extensa e poderia ser largamente explorada, no entanto, em virtude da finalidade do projeto e seu comprometimento com os paramentos em si, limitar-se-á a esta breve exposição.

A CNBB exalta a simplicidade nas formas decorativas, instruindo que a sua ornamentação deve ser simples e digna, através de elementos que conferem beleza ao ritual e não uma vã repetição e banalização de símbolos, o que obscurece o verdadeiro significado das vestes:

Recordamos que as vestes, em seu sentido fundante, são o revestir-se de Cristo. Dessa forma, deve ser evitada a representação de santos, da Mãe de Deus, do próprio Cristo e também imagens que fazem referência aos sinais

¹¹⁸ Do latim Iesus Hominum Salvator, que significa Jesus Salvador da Humanidade.

¹¹⁹ A combinação de duas letras gregas, as iniciais de Cristo. Formam um símbolo sobreposto de P e X.

sensíveis, ou seja, os que já são visíveis na Liturgia, como o pão e a uva, o cálice, evitando-se sua duplicação. Deve-se, portanto, privilegiar o uso de grafismos e de imagens que se referem ao mistério celebrado e que remetem ao significado, como o cordeiro, o pelicano ou, simplesmente, uma composição de cores marcando o galão ou a estola, como ainda, uma padronização na trama do tecido. (CNBB, p. 71, 2023)

Enfim, por tudo isso, deve-se preferir os símbolos que conferem nobreza aos paramentos, como uma expressão de sua dignidade para o rito, a fim de que cumpram a sua função na liturgia de maneira simples e sóbria.

Figura 80 – Exemplo da larga reprodução de símbolos¹²⁰



Fontes: Painel produzido através de imagens da internet.

5.2 PROJETO

Após todo o exposto deste empreendimento, seguir-se-á seu resulta, isto é, um conjunto de paramentos litúrgicos. Para que mais peças fossem exploradas, foi proposto a vestimenta episcopal para uma procissão, o que inclui o amito, a alva, o

¹²⁰ O painel demonstra a demasiada repetição de símbolos já usados nas vestes litúrgicas. Certamente, toda iconografia tem sua importância, no entanto, esses símbolos parecem ter sido, de certa forma, banalizados, pois tornaram-se cansavelmente corriqueiros em função da quantidade de paramentarias que muito os utilizam.

cíngulo, a estola, o pluvial e a mitra. Aliás, com exceção desta última, que foi proposta por ser um símbolo de autoridade e distinção apostólica, todos esses paramentos são comuns aos ministros ordenados no sacramento de ordem, o que possibilita seu uso também por parte dos diáconos e presbíteros.

Neste viés, as cores, formas e materiais foram selecionados com intuito de expressar de forma visível no rito algumas verdades da fé – pode-se mencionar, por exemplo, as cores usadas na paramentação, majoritariamente douradas e reluzentes, o que expressa a solenidade e festividade de uma procissão, mas também faz referência às vestes reluzentes que Herodes revestiu Jesus em seu julgamento (Lucas 23, 8 – 12); quanto às formas, há uma clara preferência pela configuração tradicional desta indumentaria, no entanto, adornando-a de maneira simples, preferindo a simples cruz como único ornato, pois este é o começo e o fim do sacerdote de Cristo; o mesmo se aplica aos materiais, pois nas subvestes nota-se a leveza e o afago do algodão e do linho, mas nos cintilantes paramentos marcados pela cruz, a amplitude acompanhada da aspereza, pois o abraço do Senhor é largo, terno e afetuoso, mas sua cruz é grande, áspera e pesada, e é apenas através da cruz que a alma do sacerdote se torna fúlgida e resplandecente.

5.2.1 Inspiração

Inicialmente, esta paramentação seria concebida através de algum tipo de temática, referência ou inspiração. Dentre estes muitos deambulos, pode-se mencionar: o período barroco, por conta de sua faustuosidade e festividade sobre a vitória da Igreja contra as heresias daquele tempo; as igrejas do Centro do Rio de Janeiro, tais como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, o Mosteiro de São Bento, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro e o Convento de Santa Teresa; também a Ordem do Carmo em si, por conta de sua associação com o santo escapulário, um sacramental têxtil que surgiu através de uma aparição mariana, onde São Simão Stock¹²¹ o teria recebido como parte do manto de Nossa

¹²¹ Simão Stock (1165 – 1265) foi um frei e Prior Geral da Ordem do Carmo, recebeu o santo escapulário em oração à Virgem Maria, como sinal de sua proteção. Atualmente, católicos do mundo inteiro têm devoção ao escapulário, como um sinal de sua devoção à Nossa Senhora do Carmo. Para mais informações, consultar a obra *O Tratado do Escapulário*, do Frei Afonso Maria.

Senhora; e, por fim, os relatos sobre a assunção do profeta Elias, que ao ser levado aos céus por uma carruagem ígnea, lança seu manto para Eliseu, que o sucedeu como profeta.

Figura 81 – Painel imagético de inspiração temática



Fonte: Painel produzido através de imagens da internet.

Certamente, todo este exercício mental foi de grande valor para o desenvolvimento do projeto em si, e todos os temas parecem costurar-se um no outro; no entanto, junto ao aprofundamento teórico em cada um dos paramentos, foi preferida a simplicidade na criação em contraste com o excesso de cargas externas, pois o Senhor é um Deus de simplicidade. Por isso, refleti sobre cada um dos paramentos, baseando-me na tradição, com o intuito de expressar seus significados – a seguir, há uma lista de cada um dos paramentos produzidos e o que pode ser entendido através deles:

Primeiramente, vejo o **amito** como um lembrete ao clérigo de que suas palavras devem ser prudentes, pois é amarrado sobre a garganta e o tórax, e puras, já que o amito é uma faixa de tecido alvo. Aliás, a praxe de apoiá-lo sobre a cabeça, beijar-lhe

a cruz, e então amarrá-lo, parece-me muito frutuoso: pois a cruz de Cristo deve estar nos pensamentos, no falar, e no coração do sacerdote.

Acredito eu, que seja a **alva** a veste litúrgica por excelência, pois muito pode-se entender através dela. Sua cor reluzente nos lembra da pureza dos que vêm em nome do Senhor, que tiveram as suas vestes lavadas no sangue do cordeiro¹²². É interessante notar a pobreza e a nobreza das vestes alvas; pobreza pois não contém nenhum tipo de tingimento, são puras e cruas, e nobreza pois se deve ter sumo cuidado com as vestes brancas, pois sujamo-las nós muito facilmente, e a menor mancha nestas vestes alvíssimas poderiam arruiná-las. Aliás, o linho, tradicionalmente usado para se fazer as alvas, é um material que quanto mais se sova mais claro e reluzente brilha, o que nos remete à santidade: pois quanto mais um homem é sovado e batido, mais santo é. Até mesmo a herbácea¹²³ da qual se faz o linho nos remete às coisas do alto, pois suas flores mesmo são azuis como o próprio céu.

O **cíngulo** é como uma corrente de ouro¹²⁴ que emudece a concupiscência. Ele constringe a cintura e os rins, órgão que na antiguidade era associado à sensualidade. Não porque aqueles que seguem o caminho do Senhor deixam de ser homens, mas porque aquele que se consagra a Deus, escolheu deixar de ser um homem segundo sua natureza caída¹²⁵, para ser completamente dedicado ao sobrenatural.

A **estola** é um sinal de distinção própria dos clérigos. Para mim, é o paramento próprio dos pregadores, pois apoia-se no pescoço, onde está a garganta.¹²⁶ Também nos remete a toalha que Cristo usou na ocasião do lava-pés, onde também foi instituída a eucarística e o sacerdócio.¹²⁷ Mais ainda nos diáconos, que a usam sobre o ombro esquerdo, sobre o coração, para que possam sustentar a cruz de Cristo, que se fez servo para todos.¹²⁸ Parece-me a estola, também um distintivo da própria

¹²² Então, um dos Anciãos falou comigo e perguntou-me: “Esses, que estão revestidos de vestes brancas, quem são e de onde vêm?”. Respondi-lhe: “Meu Senhor, tu o sabes”. E ele me disse: “Esses são os sobreviventes da grande tribulação; lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro (Apocalipse 7, 13 – 14).

¹²³ *Linum usitatissimum*.

¹²⁴ A corrente é um símbolo de submissão; já o ouro, o mais nobre dos metais. Portanto, chamei o cíngulo desta forma pois representa a submissão incorruptível dos sentidos em relação ao espírito.

¹²⁵ Natureza caída em razão do pecado original, narrado no Livro de Genesis.

¹²⁶ Sendo que a pregação é ligada a vocalidade.

¹²⁷ João 13, 1 – 32 e Mateus 26, 1 – 29, respectivamente.

¹²⁸ Pois qual é o maior: o que está sentado à mesa ou o que serve? Não é aquele que está sentado à mesa? Todavia, eu estou no meio de vós, como aquele que serve (Lucas 22, 27).

natureza do homem, a mais nobre criatura deste mundo,¹²⁹ pois temos razão e fomos criados para gozar da visão beatífica – assim como destaca-se a estola quando vestida sobre a alva, o homem se destaca entre as criaturas neste mundo.¹³⁰ Aliás, São Carlos Borromeu instruiu que deveriam ter três cruzeiras, e muito se pode tirar deste número, tal como a Santíssima Trindade, o triplo caráter de Cristo, isto é, Rei, Profeta e Sacerdote; as Igrejas militante, padecente e triunfante, entre outros...

No **pluvial**, assim como na casula, vê-se amplitude do abraço de Cristo, que calorosamente nos acolhe como irmãos e filhos adotivos de Deus, co-herdeiros do reino dos céus.¹³¹ Ademais, o pluvial, assim como qualquer uma das capas, parece-me a veste essencial dos missionários, pois no dever de levar o santo evangelho até os confins do mundo¹³² é necessário que se proteja das intempéries e adversidades, tanto as naturais, como a chuva, o vento, e o frio, quanto às sobrenaturais, as tentações, os males, e os inimigos.

Por fim, a **mitra** é um verdadeiro sinal visível da sucessão apostólica na ordem episcopal: ela está sempre apontada para os céus, o que representa a iluminação. O próprio formato da mitra em si, que é pentagonal, lembra-me das chagas de Cristo, pois também são cinco.¹³³ A mitra é composta de uma parte anterior e outra posterior, separadas por um vale, ou uma grande fenda, o que me remete àquelas pedras que se partiram ao meio quando Cristo entregou o seu Espírito, tal como o véu do templo, que se rasgou, simbolizando a ruptura da igreja velha, a sinagoga, com a fundação da Igreja por excelência, que foi instituída por Cristo.¹³⁴ Por fim, as ínfulas, chamadas

¹²⁹ Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra” (Genesis 1, 26).

¹³⁰ Todos aqueles que trazem meu nome, e que criei para minha glória (Isaias 43, 7).

¹³¹ Em virtude do batismo.

¹³² E disse-lhes: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado (Marcos 16, 15 – 16).

¹³³ Isto é, em suas mãos, em seus pés, e a chaga em seu lado, causada pela lança do centurião. Para mais informações, consultar João 19, 31 – 37.

¹³⁴ E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas. Os sepulcros se abriram e os corpos de muitos justos ressuscitaram. Saindo de suas sepulturas, entraram na cidade santa depois da ressurreição de Jesus e apareceram a muitas pessoas. O centurião e seus homens que montavam guarda a Jesus, dian-te do estremecimento da terra e de tudo o que se passava, disseram entre si, possuídos de grande temor: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!” (Mateus 27, 51 – 54).

de “espírito e letra” por Inocêncio III, são como a Palavra de Deus, que deve estar sobre a mente e o coração de seus ministros.¹³⁵

Figura 82 – Painel Imagético de inspirações



Fonte: Painel produzido através de imagens da internet.

5.2.2 Execução

Inicialmente, pensei em diversas maneiras de proceder quanto as cores, formas e materiais que seriam exploradas nesta paramentação.

Em primeiro lugar, ponderava sobre as cores que poderiam ser usadas nesta ação. Muito me chamavam atenção o vermelho, que remete aos santos mártires e ao Pentecostes;¹³⁶ o branco por ser uma cor ligada a pureza, vitória e celebração; e o

¹³⁵ Mente pois as ínfulas pendem sobre a cabeça, ligada ao raciocínio; e coração pois apoiam-se no tórax, a morada do coração do homem.

¹³⁶ Trata-se de uma solenidade na Igreja Católica Apostólica Romana. Celebrada 50 dias após a Páscoa do Senhor, quando os apóstolos, acompanhados da Virgem Maria, receberam o Espírito de Verdade prometido por Cristo. Para mais informações, verificar Atos dos Apóstolos 2, 1 – 41.

dourado, pois é uma cor festiva, usado em qualquer tempo litúrgico, se a solenidade assim o permitir. A cor foi decidida em virtude dos materiais disponíveis, pois muito me chamou atenção o lamê urdido em fios brancos e dourados, remetendo-me a plena alegria da celebração em Cristo.

Além disso, o projeto em sua concepção levava-me por si mesmo ao corte da indumentária tradicional, que homenageia a vestimenta do medievo, o que me tornou às fontes históricas e a obra da Irmã Maria de São João de Vasconcellos O.P., única encontrada na língua portuguesa que diz respeito ao corte e confecção dos paramentos litúrgicos. No entanto, a forma de seus adornos ainda estava enturvecida, pela vasta gama de opções disponíveis. Entre os bordados, as pedrarias e as aplicações disponíveis, dei atenção a quem esses trajes deveriam revestir: Deus é, essencialmente, simples. Tal como o homem também o é, então pensei no que há de mais essencial em Cristo, e vi que era o Amor, e Amor de Cruz, pois “de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3, 16) e “uma prova brilhante de amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5, 8) – portanto, adornei-o simplesmente com a cruz, que é ícone do magno-amor de Cristo pelo gênero humano.

Enfim, o material que seria usado foi o mais investigado, pois temia a descaracterização do paramento. Muitos tecidos importados me foram cogitados, tais como as sedas, os cetins, e principalmente os brocados italianos, usados nas grandes oficinas de paramentos litúrgicos. No entanto, devido ao seu preço elevado e ao fim deste projeto, foi utilizado um material mais simples, que possibilitasse a livre experimentação. Após minhas muitas andanças por entre lojas de artigos têxteis do Centro do Rio de Janeiro, chamou-me atenção o lamê, uma trama em tela reluzente, que no passado era confeccionada com fios de ouro e prata, no qual eu vi uma interessante possibilidade de dar forma à solenidade e celebração. Ainda mais ao tocar-lhe as tramas, e demonstrar-se áspera ao tato, o que me recordou da espinhosa cruz de todo cristão, pois “Jesus disse a seus discípulos: “Se alguém quiser vir comigo,

renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.”¹³⁷ e “Quem não toma a sua cruz e não me segue não é digno de mim”.¹³⁸

Figura 83 – Tecido de Lamê



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

¹³⁷ ...Porque aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, irá recobrá-la (Mateus 16, 24 - 25).

¹³⁸ ...Aquele que tentar salvar a sua vida irá perdê-la. Aquele que a perder, por minha causa, irá reencontrá-la (Mateus 10, 38 - 39).

Figura 84 – Tecido de seda



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 85 – Ornamento de cruz em soutache prata



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Sob esta ótica, todas estas pesquisas teóricas e práticas dão o embasamento necessário para que os aspectos tangíveis e intangíveis das peças sejam justificados. Colaborando para a plena concepção das peças. Eis as experimentações concebidas:

Figura 86 – croqui da paramentação completa



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 87 – Croqui do Pluvial



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 88 – Croqui da estola sacerdotal e diaconal



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 89 – Croqui da mitra



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 90 – Croqui da casula



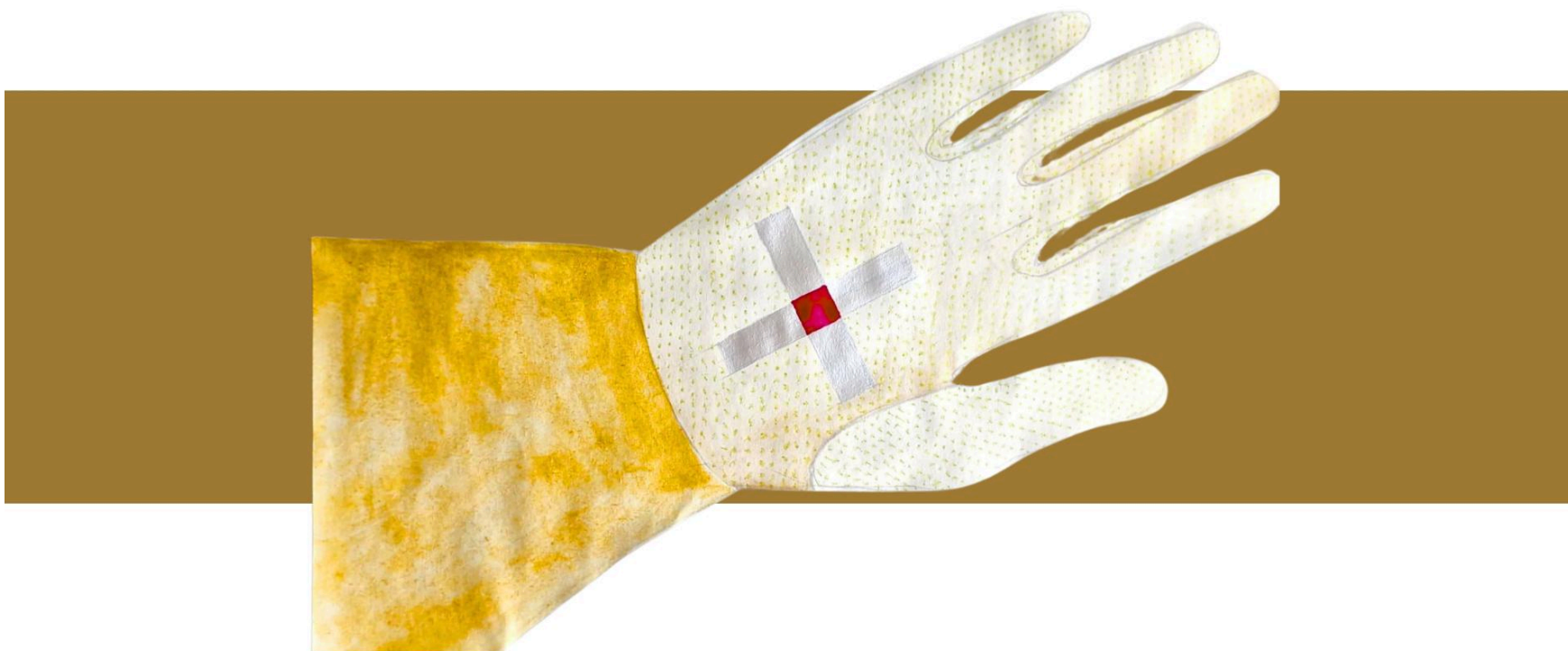
Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 91 – Croqui da dalmática e tunicela



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 92 – Croqui da quiroteca



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 93 – Protótipo das peças



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 94 – Detalhamento dos protótipos



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 95 – Ficha técnica amito 1

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: AMITO	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.amit	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p> <p>ATENÇÃO: Peça será borrifada.</p> <p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>		<p>peça aberta</p>	
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
<p>✂️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição</p> <p>✂️ Tecido Principal: Cambraia de algodão 1m</p>		<p>Linha de Costura: Cor OFF WHITE Fio 120 Cartela Xik Setta / Costura OVERLOQUE com linha: Cor OFF WHITE Cartela Xik</p>	
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
<p>✂️ Viés</p>		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 96 – Ficha técnica amito 2

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: AMITO	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.ami	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
<p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 			
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha n°8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
OBSERVAÇÃO:			

Figura 97 – Ficha técnica amito 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: AMITO		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.ami	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Preparação dos materiais				
Separar os tecidos				
1 - Principal: Cambraia de algodão				
2 - Separar Viés do mesmo tecido e etiquetas.				
Montagem da estrutura				
3 - Juntar o tecido duplo frente e costas com costura reta padrão (1 cm).				
Acabamento da barra				
4 - Fazer bainha de 2 cm no tecido principal.				
5 - Aplicar viés do tecido principal na extremidade superior com costura de 1cm da borda para segurar				
Acabamento da barra				
6 - Fazer bainha de 2cm de largura pronta em toda a barra.				
Acabamentos e detalhes finais				
7 - Costura com acabamento de 1cm na borda barra.				
8 - Aplicar etiqueta de composição na lateral esquerda (de quem veste), 15cm acima da barra superior.				
9 - Arrematar todas as sobras de linha (sem fiapos).				
10 - Verificar que todas as costuras seguem o padrão de 5 pontos/cm.				

Figura 98 – Ficha técnica alva 1

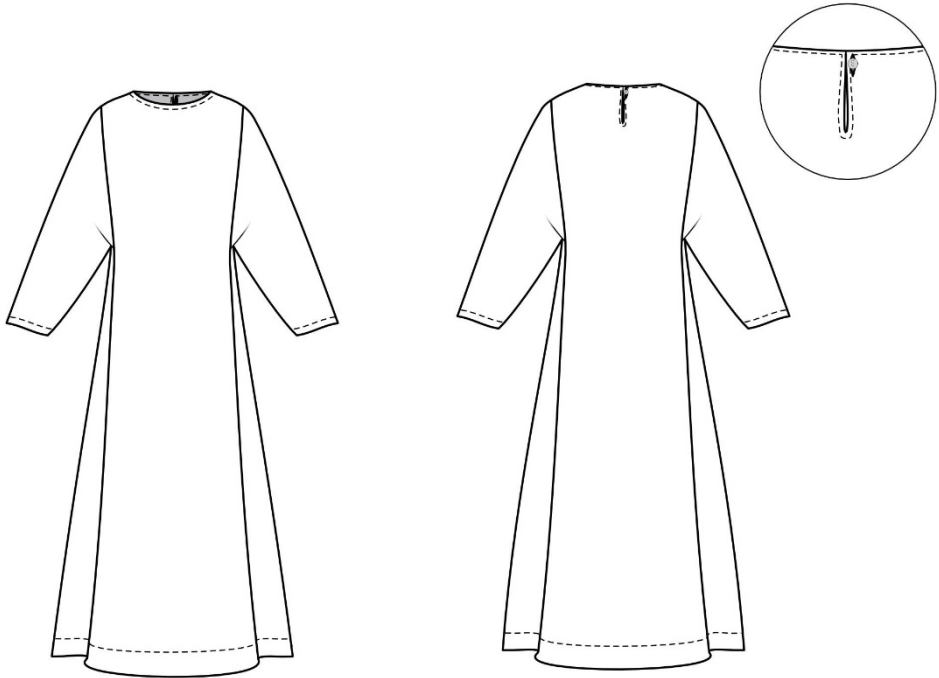
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ALVA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.alv	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
			
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p> <p>ATENÇÃO: Peça será borrifada.</p> <p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>			
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Linho Puro 4m ✍️ Cambraia de algodão 4m (forro) 		<p>Linha de Costura: Cor OFF WHITE Fio 120 Cartela Xik Setta / Costura OVERLOQUE com linha: Cor OFF WHITE Cartela Xik</p>	
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ 1 Botão 3cm 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 99 – Ficha técnica alva 2

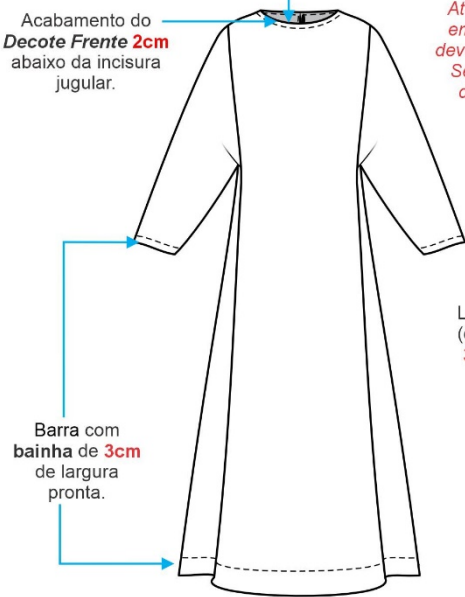
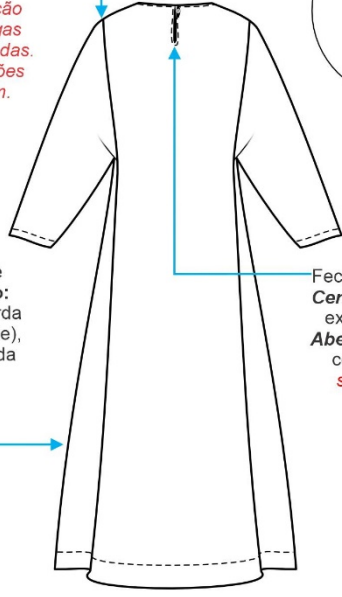
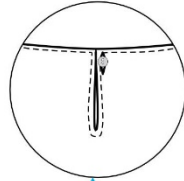
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ALVA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.alv	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
<p>Acabamento do Decote Frente e Costas com bainha de 2cm de largura no tecido principal, costurado internamente.</p> <p>Acabamento do Decote Frente 2cm abaixo da incisura jugular.</p> <p>Barra com bainha de 3cm de largura pronta.</p> 	<p>Ombro frente e costas, lado esquerdo e direito com 1 prega de cada lado até a barra. <i>Atenção à direção em que as pregas devem ser dobradas. Seguir marcações da modelagem.</i></p> <p>Etiqueta de composição: Lateral esquerda (de quem veste), 30cm acima da barra</p> 	<p>Fechamento da Abertura Centro Costas, pelo lado externo, com 1 Botão. Abertura Centro Costas, com 5cm de largura. <i>seguir marcação da modelagem.</i></p> 	
<p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 			
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha n°8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
OBSERVAÇÃO:			

Figura 100 – Ficha técnica alva 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ALVA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.alv	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Preparação dos materiais				
Separar os tecidos				
1 - Principal: Linho puro				
2 - Segundo tecido cambráia de algodão para o forro				
Aplicação do botão				
3 - Aplicar botão de 3cm abertura centro costas				
Montagem da estrutura				
4 - Juntar frente e costas com costura reta padrão (1 cm).				
5 - Costurar o forro interno com overloque 4 fios (0,6 cm) ou interloque (0,7 cm).				
6 - Fazer duas pregas de mais ou menos 4cm de largura, uma em cada ombro na vertical até a barra, frente e costas.				
Acabamento do decote				
7 - Fazer bainha de 2 cm no tecido principal, costura interna (frente e costas).				
8 - Aplicar botão da abertura costas para fechamento do decote costas lado direito de quem veste 1cm das bordas.				
Acabamento da barra				
9 - Fazer bainha de 3 cm de largura pronta em toda a barra.				
Acabamentos e detalhes finais				
10 - Costura interna com acabamento de 2 cm na borda da abertura e da barra.				
11 - Aplicar etiqueta de composição na lateral esquerda (de quem veste), 30 cm acima da barra.				
12 - Arrematar todas as sobras de linha (sem fiapos).				
13 - Verificar que todas as costuras seguem o padrão de 5 pontos/cm.				

Figura 101 – Ficha técnica cingulo 1

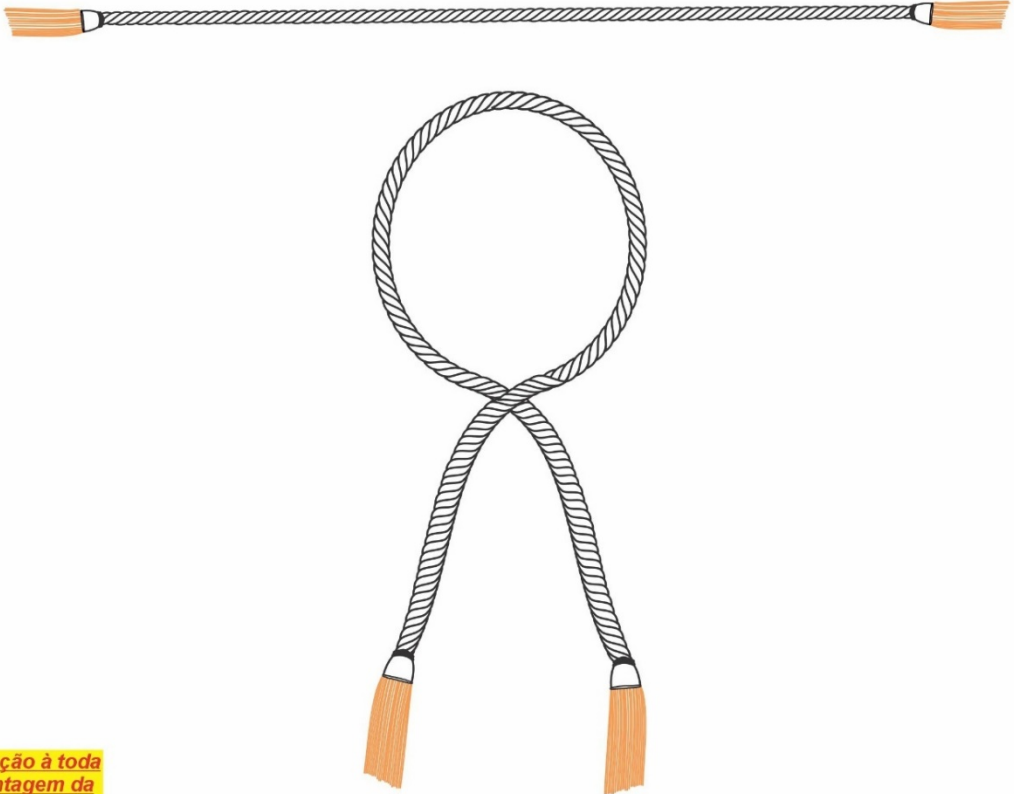
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: CÍNGULO		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.cing	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
			
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p>			
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
✂️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição			
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
✂️ Cordonê dourado 140m ✂️ Corda de algodão 8mm		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 102 – Ficha técnica cingulo 2

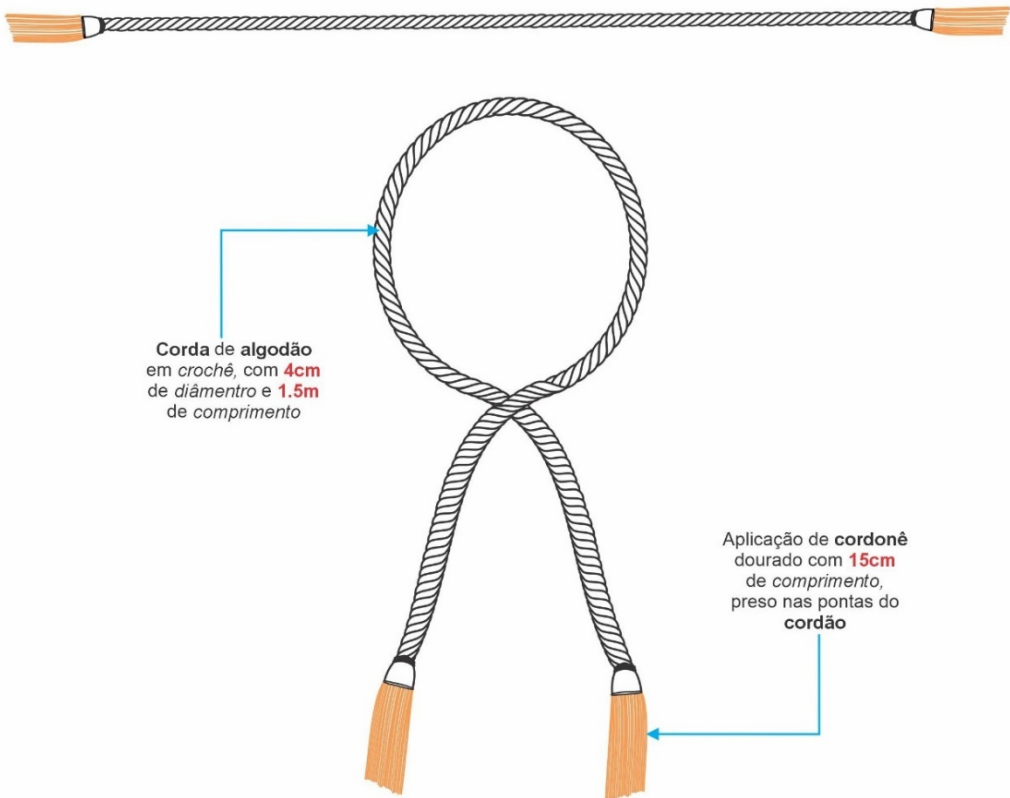
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: CÍNGULO		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.cing	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESCRIÇÃO			COSTAS
 <p>The drawing shows a long, thin cord with fringed ends. Below it, the cord is shown in a loop, with two tassels attached to the bottom. A blue arrow points from the text 'Corda de algodão em croché, com 4cm de diâmetro e 1.5m de comprimento' to the loop. Another blue arrow points from the text 'Aplicação de cordonê dourado com 15cm de comprimento, preso nas pontas do cordão' to the tassels.</p>				
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA		
OBSERVAÇÃO:				

Figura 103 – Ficha técnica cingulo 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: CÍNGULO		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.cing	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Preparação dos materiais				
Montagem da estrutura				
3 - Trançar a corda de algodão com ponto de crochê com 1.5m de comprimento.				
4 - Prender o cordonê nas pontas da corda com 15cm de comprimento, e preso com amarração de macramê no nó invisível.				

Figura 104 – Ficha técnica estola 1

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ESTOLA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.est	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.		CONDIÇÕES DE FUSÃO ENTRETELA (Prensa Elétrica): Temperatura: 121°C / 127°C Tempo: 12/15 Segundos Pressão: 60 LBS/pol²	
		Fechamento interno: Reta Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.	
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
✂️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✂️ Tecido Principal: Lamê misto dourado ✂️ Tecido 2: Lamê prata		Linha de Costura: Cor DOURADO OURO Fio 120 Cartela Xik Setta /	
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
✂️ Cordonê dourado 140m ✂️ Pedra zircônia a rubi 2unid. ✂️ Entretela 6059		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 105 – Ficha técnica estola 2

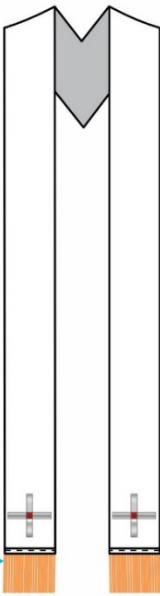

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ESTOLA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.est	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
 <p>Entretela em toda modelagem. Atenção à aplicação.</p> <p>Acabamento das pontas com franjas de cordonê dourado aproximadamente 6cm de comprimento.</p>	 <p>Aplicação de cruz do tecido 2. 3 Cruzes 2 nas pontas frente e 1 no centro costas, com 1 pedra de zircônia rubi no centro de cada cruz.</p> <p>Acabamento das franjas com costura de 2cm da borda para segurar as franjas.</p> <p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 		
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha n°8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
OBSERVAÇÃO:			

Figura 106 – Ficha técnica estola 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: ESTOLA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: XXXX	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.est	TAMANHOS: M	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: MIGUEL H.		
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Corte do tecido principal				
1 - Cortar as partes da estola conforme o molde aprovado.				
2 - Aplicar entretela em toda a modelagem (atenção à aplicação correta).				
Preparação da Cruz				
4 - Realizar a aplicação das 3 cruces com entretela (2 nas pontas da frente, 1 nas costas) com o tecido 2.				
5 - Aplicar 1 pedra de zircônia rubi no centro de cada cruz.				
Costura da estrutura				
6 - Juntar as partes frente e costas.				
7 - Costurar com margem de 1 cm, conforme padrão de costura.				
Padrão de costura: 1 ponto/cm.				
Acabamento inferior				
8 - Costurar as franjas com franjas passamanaria dourado (15 cm de comprimento).				
9 - Fazer costura de segurança a 2 cm da borda para fixar as franjas.				
Costuras internas e arremates				
Acabamento das costuras com: Overlock 4 fios (0,6 cm) ou Interloque (0,7 cm).				
Eliminar fiapos com arremate de sobras de linha.				
Passadoria				
Passar com vapor.				
Atenção à temperatura para não danificar o tecido ou as aplicações.				

Figura 107 – Ficha técnica pluvial 1

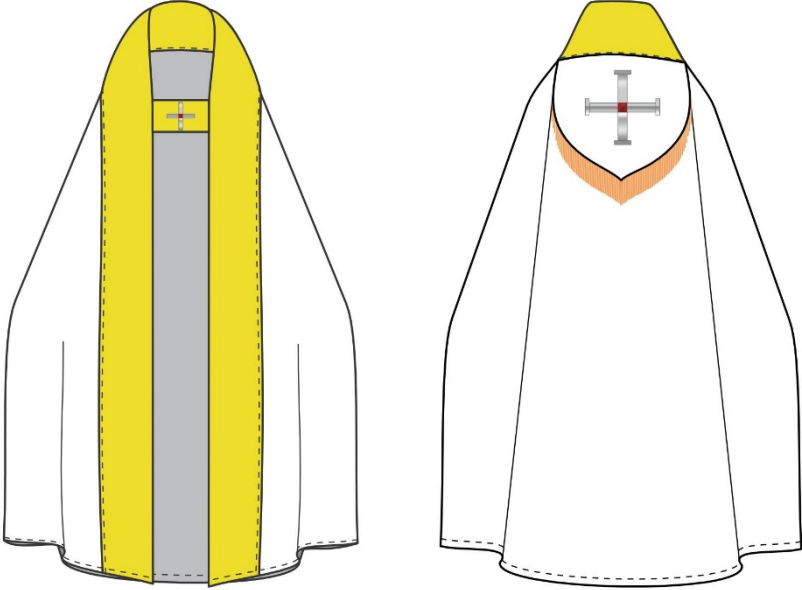
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: PLUVIAL	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.plu	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
			
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p>		<p>CONDIÇÕES DE FUSÃO ENTRETELA (Prensa Elétrica): Temperatura: 121°C / 127°C Tempo: 12/15 Segundos Pressão: 60 LBS/pol²</p>	<p>Fechamento interno: Reta Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
<ul style="list-style-type: none"> ✂ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✂ Tecido Principal: Lamê dourado 4m ✂ Tecido 2: Lamê misto 4m (<i>forro</i>) ✂ Tecido 3: Lamê prata 1m (<i>cruzes</i>) 		<p>Linha de Costura: Cor DOURADO OURO Fio 120 Cartela Xik Setta / Fio overloque: Cor Off White Cartela Xik Setta</p>	
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
<ul style="list-style-type: none"> ✂ Franja Passamanaria 5m ✂ Pedra zircônia a rubi 2unid. [1 com 10mm lapidação quadrada, 1 com 15mm lapidação quadrada] ✂ Entreteila 6059 4m 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 108 – Ficha técnica pluvial 2

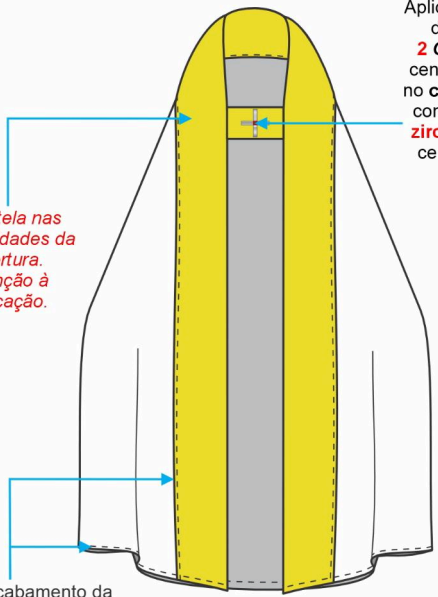
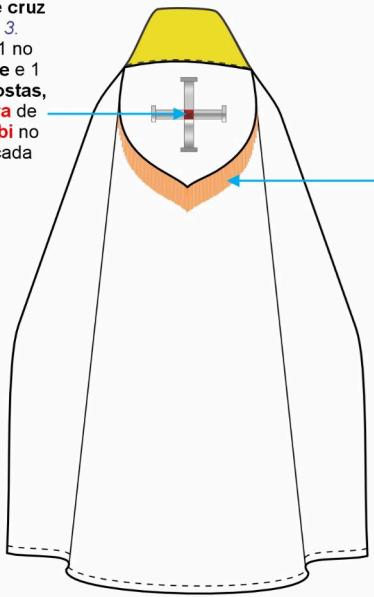
FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: PLUVIAL	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.plu	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
 <p>Entretela nas extremidades da abertura. Atenção à aplicação.</p> <p>Acabamento da costura de 2cm da borda interna da abertura frente e 2cm de costura da barra.</p>	 <p>Aplicação de cruz do tecido 3. 2 Cruzes 1 no centro frente e 1 no centro costas, com 1 pedra de zircônia rubi no centro de cada cruz.</p> <p>Acabamento das pontas com franjas passamanaria dourado aproximadamente e 5cm, com 15cm de comprimento.</p>		
<p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. <ul style="list-style-type: none"> ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 			
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
OBSERVAÇÃO:			

Figura 109 – Ficha técnica pluvial 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: PLUVIAL		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.it.plu	TAMANHOS: M	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA		
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Preparação dos materiais				
Separar os tecidos				
1 - Principal: Lamê dourado : Lamê misto Cruz: Lamê prata				
2 - Separar entretela, franjas, pedras de zircônia e etiquetas.				
Aplicação da entretela				
3 - Aplicar entretela nas extremidades da abertura (atenção à posição correta).				
Aplicação das cruzes				
4 - Aplicar 2 cruzes (1 no centro da frente e 1 no centro das costas) com tecido 3 (lamê prata).				
5 - Aplicar 1 pedra de zircônia rubi no centro de cada cruz (10mm na frente, 15mm nas costas).				
6 - Montar a abertura centro frente (<i>15cm de largura</i>) conforme molde.				
7 - Fechar pelo lado externo com costura.				
Montagem da estrutura				
8 - Juntar frente e costas com costura reta padrão (1 cm).				
9 - Costurar o forro interno com overloque 4 fios (0,6 cm) ou interloque (0,7 cm).				
Acabamento do decote				
10 - Fazer bainha de 2 cm no tecido principal, costura interna (frente e costas).				
Acabamento da barra				
11 - Fazer bainha de 3 cm de largura pronta em toda a barra.				
Aplicação das franjas				
12 - Costurar franjas douradas passamanaria com 5 cm de altura e 15 cm de comprimento nas pontas.				
Acabamentos e detalhes finais				
13 - Costura interna com acabamento de 2 cm na borda da abertura e da barra.				
14 - Aplicar etiqueta de composição na lateral esquerda (de quem veste), 30 cm acima da barra.				
15 - Arrematar todas as sobras de linha (sem fiapos).				
16 - Verificar que todas as costuras seguem o padrão de 5 pontos/cm.				
<i>Atenção à temperatura para não danificar o lamê ou as aplicações.</i>				

Figura 110 – Ficha técnica mitra 1

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: MITRA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.mit	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p>		<p>FECHAMENTO INTERNO: Reta Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>	
<p>CONDIÇÕES DE FUSÃO ENTRETELA (Prensa Elétrica): Temperatura: 121°C / 127°C Tempo: 12/15 Segundos Pressão: 60 LBS/pol²</p>			
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Lamê misto dourado ✍️ Tecido 2: Lamê dourado ✍️ Entretela 6059 		<p>Linha de Costura: Cor DOURADO OURO Fio 120 Cartela Xik Setta /</p>	
		<p>PEÇA COM LAVANDERIA?</p> <p><input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO</p>	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Cordonê dourado 140m ✍️ Soutache dourado 6m. 		<p><input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO</p> <p><input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ</p> <p><input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA</p> <p><input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA</p> <p><input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO</p>	

Figura 111 – Ficha técnica mitra 2

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: MITRA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.mit	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
<p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 			
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
<p>OBSERVAÇÃO: FECHAMENTO E COSTURA TODA INTERNA, SEM COSTURA APARENTE</p>			

Figura 112 – Ficha técnica mitra 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: MITRA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.mit	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	

SEQUÊNCIA OPERACIONAL

Preparação dos materiais

Separar os tecidos
 1 - Principal: Lamê dourado, lamê dourado misto
 2 - Separar o cordonê, soutache dourado e etiquetas.

Montagem da estrutura
 3 - Aplicar faixas frente e costas da mitra com maquina reta, e nas bordas da faixa soutache.
 4 - Juntar o tecido duplo frente e costas com costura reta padrão (1 cm).
 5 - Aplicar o forro com acabamento embutido, com pesponto de 1cm da borda
 6 - Aplicar faixa das costas embutida ao forro com pesponto de 1cm da borda
 7 - Aplicar cordonê nas pontas das faixas costas com costura de 2cm de largura da borda

Acabamento da barra
 8 - Fazer bainha de 2 cm de largura.

Acabamentos e detalhes finais
 9 - Costura com acabamento de 1cm na borda barra.
 10 - Aplicar etiqueta de composição internamente na lateral esquerda (de quem veste), 15cm acima da barra.
 11 - Arrematar todas as sobras de linha (sem fiapos).
 12 - Verificar que todas as costuras seguem o padrão de 5 pontos/cm.

Figura 113 – Ficha técnica quiroteca 1

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: QUIROTECA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.qui	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
DESENHO TÉCNICO			
FRENTE			COSTAS
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p> <p>Fechamento interno: Reta Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>			
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA	
✂️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✂️ Tecido Principal: Lamê misto dourado 50cm ✂️ Tecido 2: Lamê dourado 50cm ✂️ Tecido 3: Lamê prata 10cm		Linha de Costura: Cor DOURADO OURO Fio 120 Cartela Xik Setta	
		PEÇA COM LAVANDERIA?	
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO	
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)	
✂️ Pedra zircônia a rubi 2unid.		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO	

Figura 114 – Ficha técnica quiroteca 2

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO			
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: QUIROTECA	ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.qui	TAMANHOS:
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M
FRENTE	DESCRIÇÃO	COSTAS	
<p>Acabamento duplo dos punhos no tecido 2 de lamê dourado.</p> <p>Aplicação de cruz do tecido 3 lamê prata. 2 Cruzes 1 em cada mão na parte de cima da mão, com 1 pedra de zircônia rubi no centro de cada cruz.</p> <p>ATENÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✍ Seguir tabela de medidas. ✍ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✍ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✍ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✍ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✍ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✍ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido. 			
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		PASSADORIA	
<p>✍ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>Normal com vapor. Atenção à temperatura!</p>	
<p>OBSERVAÇÃO: FECHAMENTO E COSTURA TODA INTERNA, SEM COSTURA APARENTE</p>			

Figura 115 – Ficha tecnica quiroteca 3

FICHA TÉCNICA DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG	PRODUTO: QUIROTECA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE	SEQUÊNCIA: vest.lit.qui	TAMANHOS:	
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
<u>SEQUÊNCIA OPERACIONAL</u>				
Preparação dos materiais				
Separar os tecidos				
1 - Principal: Lamê dourado, lamê dourado 2, lamê prata 3				
2 - Separar Etiquetas.				
3 - Separar 2 pedras zircônia rubi				
Montagem da estrutura				
3 - Juntar o tecido duplo frente e costas com costura na overloque internamente (1 cm).				
4 - Aplicar a cruz na frente de cada palma com 1 aplicação de pedra zircônia no centro de cada cruz				
Acabamento da barra				
5 - Fazer bainha de 2cm de largura pronta.				
Acabamento da barra				
6 - Fazer bainha de 2cm de largura pronta em toda a barra.				
Acabamentos e detalhes finais				
7 - Costura com acabamento de 1cm na borda barra.				
8 - Arrematar todas as sobras de linha (sem fiapos).				
9 - Verificar que todas as costuras seguem o padrão de 5 pontos/cm.				

Figura 116 – Ficha de criação casula 1

FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: CASULA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.CAS	TAMANHOS:	M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESENHO TÉCNICO		COSTAS	
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p> <p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>				
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Lamê dourado ✍️ Tecido 2: Lamê dourado misto ✍️ Tecido 3: Lamê prata 		Linha de Costura: Cor OFF WHITE TEX 40 Cartela DUAL DUTY / Fio de Overloque: Cor OFF WHITE Cartela TEXTILIA		
		PEÇA COM LAVANDERIA?		
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO		
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Fio overloque Poliéster OFF WHITE 120m ✍️ Linha 100% Poliéster TEX 40 150m ✍️ Pedra de Zircônia rubi 1 unidade 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO		

Figura 117 – Ficha de criação casula 2

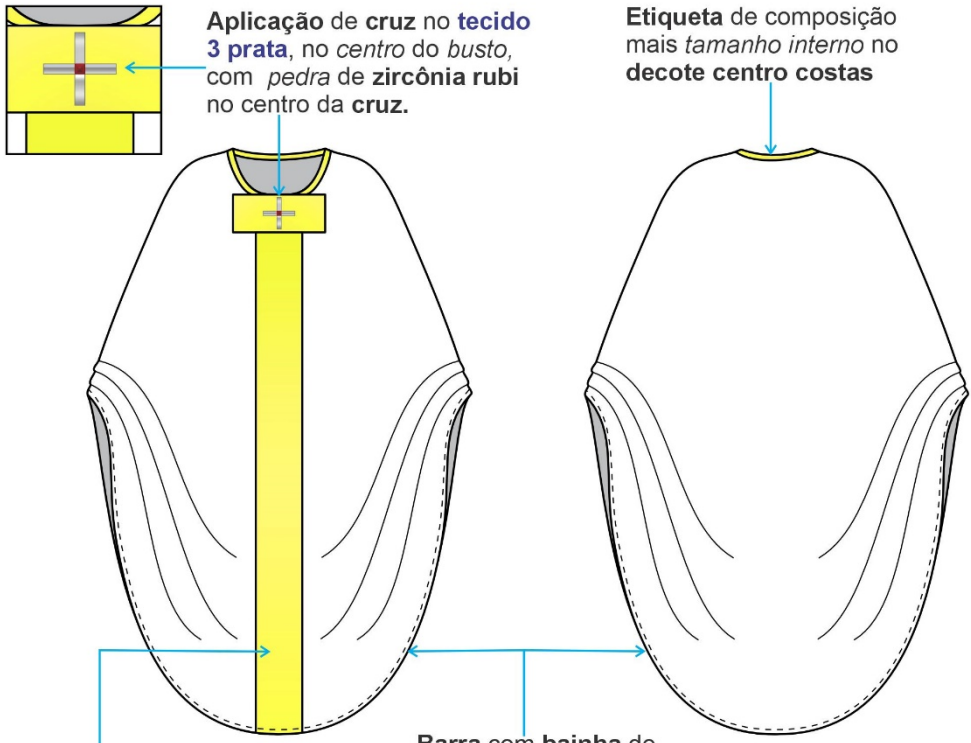
FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: CASULA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.CAS	TAMANHOS:	M M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESCRIÇÃO			COSTAS
 <p>Aplicação de cruz no tecido 3 prata, no centro do busto, com <i>pedra</i> de zircônia rubi no centro da cruz.</p> <p>Etiqueta de composição mais <i>tamanho interno</i> no decote centro costas</p> <p>Barra com bainha de 2cm de largura</p> <p>Aplicação do tecido 2, centro frente</p>				
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		ATENÇÃO		
<p>✂ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>✂ Seguir tabela de medidas.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente.</p> <p>✂ Padrão de costura - 5 pontos/cm.</p> <p>✂ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm).</p> <p>✂ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm).</p> <p>✂ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido.</p>		
PASSADORIA: Normal com vapor. Atenção à temperatura!				

Figura 118 – Ficha de criação dalmática 1

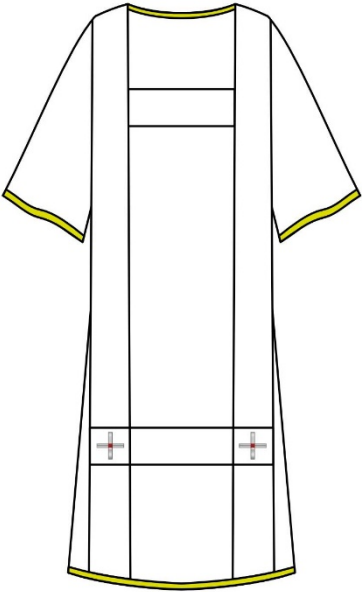
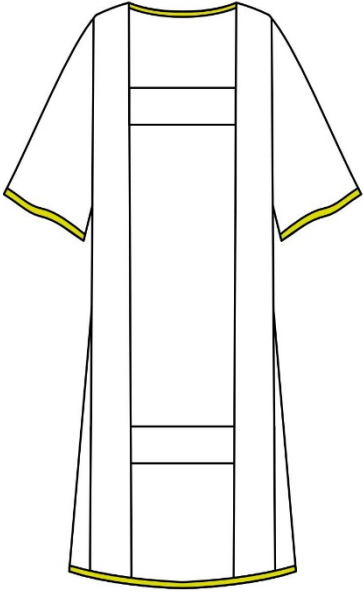
FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: DALMÁTICA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.DALM	TAMANHOS:	M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESENHO TÉCNICO			COSTAS
				
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p>		<p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>		
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Lamê dourado ✍️ Tecido 2: Lamê dourado misto ✍️ Tecido 3: Lamê prata 		<p>Linha de Costura: Cor OFF WHITE TEX 40 Cartela DUAL DUTY / Fio de Overloque: Cor OFF WHITE Cartela TEXTILIA</p>		
		PEÇA COM LAVANDERIA?		
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO		
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Fio overloque Poliéster OFF WHITE 120m ✍️ Linha 100% Poliéster TEX 40 150m ✍️ Pedra de Zircônia rubi 1 unidade 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO		

Figura 119 – Ficha de criação dalmática 2

FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: DALMÁTICA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.DALM	TAMANHOS:	M M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESCRIÇÃO			COSTAS
<p>Faixa horizontal frente e costas presa nas faixas verticais</p> <p>Faixas verticais no ombro frente e costas</p> <p>Aplicação de cruz no lamê prata com pedra zircônia rubi no centro. <i>Somente na frente.</i></p> <p>Barra com bainha de 2cm de largura</p> <p>Faixa horizontal frente e costas presa nas faixas verticais</p>				
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		ATENÇÃO		
<p>✂ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>✂ Seguir tabela de medidas.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente.</p> <p>✂ Padrão de costura - 5 pontos/cm.</p> <p>✂ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm).</p> <p>✂ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm).</p> <p>✂ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido.</p>		
PASSADORIA: Normal com vapor. Atenção à temperatura!				

Figura 120 – Ficha de criação estola diaconal 1

FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: ESTOLA DIAGONAL		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.EST.DIA	TAMANHOS:	M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESENHO TÉCNICO			COSTAS
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p>			<p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>	
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Lamê dourado 3m ✍️ Tecido 2: Lamê prata 30cm 		<p>Linha de Costura: Cor OFF WHITE TEX 40 Cartela DUAL DUTY / Fio de Overloque: Cor OFF WHITE Cartela TEXTILIA</p>		
		PEÇA COM LAVANDERIA?		
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO		
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Fio overloque Poliéster OFF WHITE 120m ✍️ Linha 100% Poliéster TEX 40 150m. ✍️ Franjas passamanaria 15cm. ✍️ Pedra Zircônia rubi lapidado 10mm 2unid. 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO		

Figura 121 – Ficha de criação estola diaconal 2

FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: ESTOLA DIACONAL		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.EST.DIA	TAMANHOS:	M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESCRIÇÃO			COSTAS
<p>Pespointo no centro da Estola, na lateral direita de quem veste, para prender frente e costas</p> <p>Barra com viés aplicado de 2cm de largura no tecido principal, com pespointo</p> <p>Franjas Passamanaria dourado com 15cm de comprimento</p> <p>Aplicação de Cruz em lamê prata, com pedra zircônia rubi lapidada 10mm aplicada no centro de cada cruz</p>				
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		ATENÇÃO		
<p>✂ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>✂ Seguir tabela de medidas.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente.</p> <p>✂ Padrão de costura - 5 pontos/cm.</p> <p>✂ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos.</p> <p>✂ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm).</p> <p>✂ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm).</p> <p>✂ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido.</p>		
PASSADORIA: Normal com vapor. Atenção à temperatura!				

Figura 122 – Ficha de criação tunicela 1

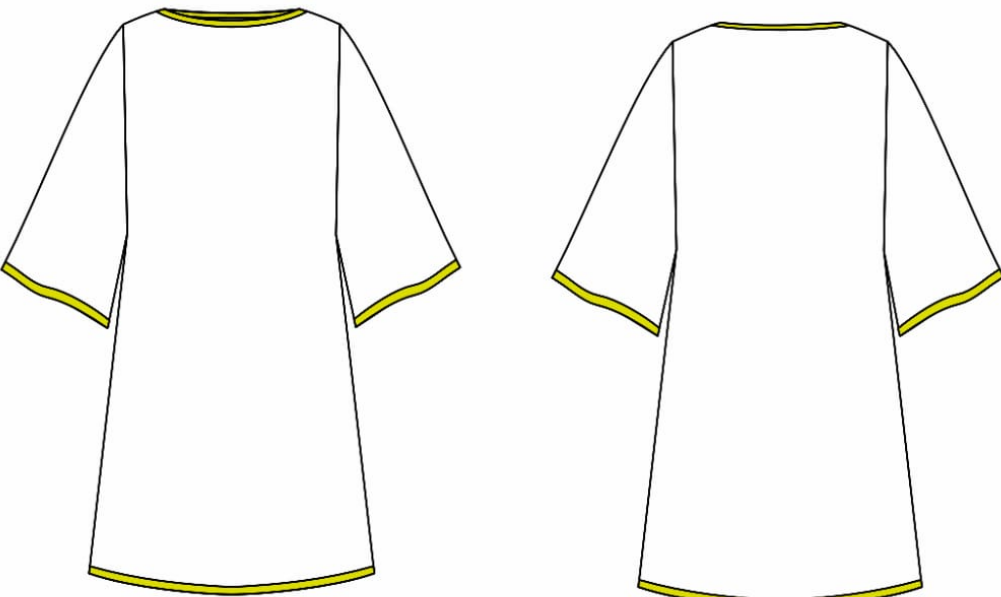
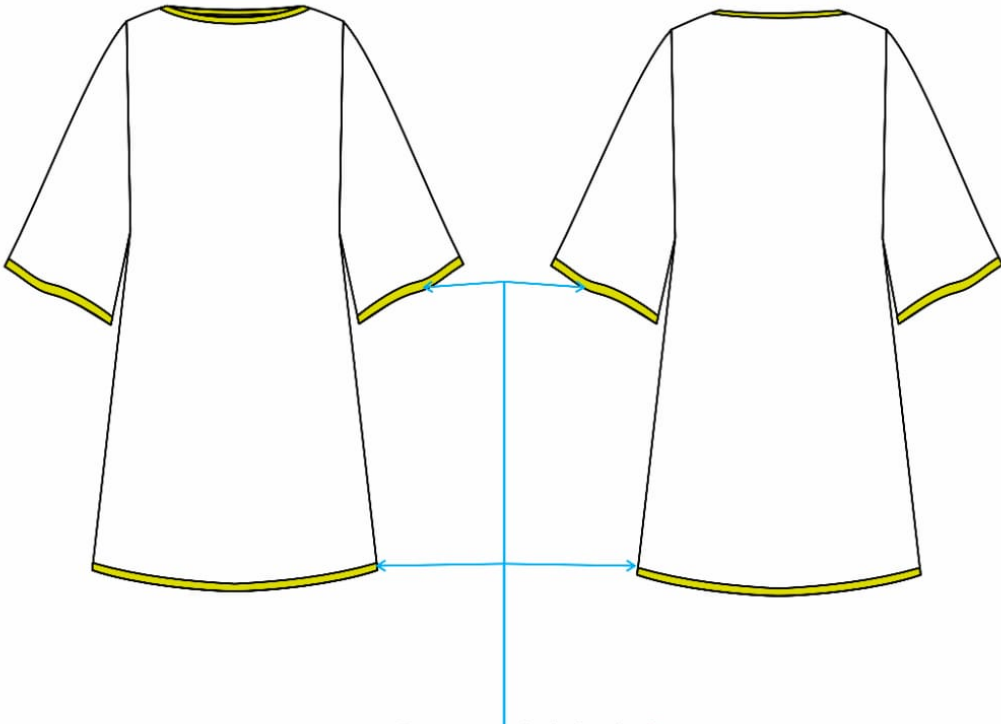
FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: TUNICELA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.TUNIC	TAMANHOS:	M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESENHO TÉCNICO			COSTAS
				
<p>Atenção à toda montagem da peça, piques e medidas.</p> <p>Fechamento interno: Reta + Overloque / Interloque. Seguir rigorosamente a bitola de 1cm.</p>				
MATÉRIA PRIMA		COR DE LINHA		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Etiqueta da marca + Etiqueta de composição ✍️ Tecido Principal: Lamê dourado ✍️ Tecido 2: Lamê dourado misto 		Linha de Costura: Cor OFF WHITE TEX 40 Cartela DUAL DUTY / Fio de Overloque: Cor OFF WHITE Cartela TEXTILIA		
		PEÇA COM LAVANDERIA?		
		<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO		
AVIAMENTOS		ESTAMPA (ATENÇÃO CAD E CORTE)		
<ul style="list-style-type: none"> ✍️ Fio overloque Poliéster OFF WHITE 120m ✍️ Linha 100% Poliéster TEX 40 150m 		<input type="checkbox"/> ALEATÓRIO <input type="checkbox"/> LOCALIZADO <input type="checkbox"/> ALEATÓRIO COM PÉ <input type="checkbox"/> DEGRADÊ <input type="checkbox"/> CASAR ESTAMPA <input type="checkbox"/> ENGENHARIA <input type="checkbox"/> BARRADO SIMPLES <input checked="" type="checkbox"/> SEM ESTAMPA <input type="checkbox"/> BARRADO DUPLO		

Figura 123 – Ficha de criação tunicela 2

FICHA DE CRIAÇÃO DE PRODUTO				
REFERÊNCIA: VEST.LITURG.	PRODUTO: TUNICELA		ESTILISTA: MIGUEL HERBURGO	
COLEÇÃO: 2025	MODELISTA: SOLANGE SANTOS	SEQUÊNCIA: VEST.LITUR.TUNIC	TAMANHOS:	M M.H
DATA: 21/05/2025	TAMANHO PILOTO APROVADA: M	TÉCNICA/O: ELTON ROSA	M	
FRENTE	DESCRIÇÃO		COSTAS	
 <p style="text-align: center;">Barra com bainha de 2cm de largura no tecido 2</p>				
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES		ATENÇÃO		
<p>✂ ATENÇÃO: Seguir tabela de medidas. / Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. / Padrão de costura - 5 pontos/cm. / Padrão de largura de costura inglesa - 0,5cm pronta. / Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. / Tecidos leves com ESTAMPA DIGITAL, obrigatório utilização de agulha nº8 ponta bola para todas as costuras.</p>		<p>✂ Seguir tabela de medidas. ✂ Padrão de largura de costura (1cm), quando houver piques no molde, seguir rigorosamente. ✂ Padrão de costura - 5 pontos/cm. ✂ Sobras de linhas, arrematá-las de modo a não restarem fiapos. ✂ Padrão de largura de costura INTERLOQUE (0,7cm). ✂ Padrão de largura de costura OVERLOQUE 4 FIOS (0,6cm). ✂ Usar guiador na máquina de overloque para não refilar o tecido.</p>		
PASSADORIA: Normal com vapor. Atenção à temperatura!				

6 CONCLUSÃO

Em toda a concepção deste projeto, ou seja, ao me surgir a ideia de abordar os paramentos litúrgicos da Igreja Católica Apostólica Romana, tomei o ornamento como imprescindível – ou seja, reproduzir o que na houve na indumentária litúrgica de mais áulico e faustoso. De fato, requer-se grande solenidade para a Santa Missa, que segundo o que foi introduzido ao leitor, é o ápice da fé e uma verdadeira repetição do sumo sacrifício de Cristo no calvário.

Tudo o que foi elaborado pelos fiéis desde a antiguidade têm como fim manifestar visivelmente o esplendor divino, guardando para o melhor para sua Majestade. Neste viés, o próprio sacerdote, que em virtude de sua consagração, faz as vezes de Cristo, que é sacerdote e vítima no altar, requer notável distinção ao conferir os sacramentos. Pois nestes momentos, é o próprio Cristo que age através de seus ministro, e ao se paramentar, reveste-se do homem-novo, do próprio Cristo.

No que tange ao vestuário litúrgico, foram expostas suas origens na Antiguidade e desenvolvimento na Idade Média, onde tomaram uma forma similar àquela que vemos na atualidade. Em geral, variando apenas em sua ornamentação, que na chamada Idade Moderna¹³⁹ atingiu o seu auge, através de trajes elaborados e muito preciosos – o que é louvável, pois é digno de glórias aquele que vem em nome do Senhor – entretanto, tive a intensão de considerar não apenas ao que é ostentoso, mas também a simplicidade. Tomei como base a simplicidade de Cristo na solenidade da Celebração Eucarística, e os resultados obtidos me parecem agradáveis.

Propus a riqueza em sua matéria, a tradicionalidade em sua forma e simplicidade em sua essência, pois quando revestido de Cristo, a atenção deve estar em sua Boa-Nova, não apenas ao seu aparato: pois os ornamentos da liturgia são necessários para apartar-nos deste mundo, e fazer com que prestemos atenção ao mundo que virá, no qual o ouro e a prata não enferrujam, e as traças não correm, que é o Reino dos Céus.¹⁴⁰ Assim, é interessante reparar que esses ornamentos¹⁴¹ são capazes de impressionar todos que os contemplam, pois são um meio de nos lembrar

¹³⁹ Diz respeito ao período entre os séculos XV e XVIII.

¹⁴⁰ Mateus 6. neste trecho em específico, 19 – 20.

¹⁴¹ Não apenas a indumentária, mas também a Arte Sacra como um todo.

do Evangelho de Cristo, que é imutável e atravessa o coração de todas as gerações que o ouvem.¹⁴²

Pode-se afirmar que a roupa é, primordialmente, uma cobertura – seja ela para se adornar ou para proteger-se – o sacerdote é, sem sombra de dúvidas, um homem-paradoxo, pois ele mesmo é sacrifício, pois morrendo para este mundo, ele vive eternamente para o próximo¹⁴³ – e suas vestes parecem também ser um paradoxo, pois ao invés de os cobrirem, elas revelam: explicitam seu caráter indelével e seu sacrifício; e em cada uma das peças, desvelam uma virtude própria dos que servem a Cristo.

Enfim, após todo este projeto, tornar-se-ão viáveis alguns caminhos diversos. Entre eles, destaca-se a carreira acadêmica: pois pelo viés pouco explorado pelos estudiosos até então, seria um interessante tema para esta produção. Outrossim, o mercado de vestes litúrgicas, que é bastante segmentado, e altamente rentável, o que possibilita o investimento na produção de moda, que também parece-me interessante.

Em suma, este projeto abrange diversas ramificações e garante muitos caminhos a serem seguidos – notoriamente há muito trabalho; é certo, no entanto, que sua Majestade guardou para mim a melhor parte.¹⁴⁴ Despeço-me do amigo leitor, e agradeço por acompanhar-me neste empreendimento.¹⁴⁵

¹⁴² Mateus 24, 35.

¹⁴³ Mateus 10, 39; João 15, 13.

¹⁴⁴ Lucas 10, 38 – 42.

¹⁴⁵ Este trabalho foi finalizado no dia 24 de junho, Solenidade de São João Batista.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-6023**: Informação e documentação: Referência: Elaboração. São Paulo, 2018.

_____. **NBR-6024**: informação e documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito: Apresentação. São Paulo, 2012.

_____. **NBR-6027**: Informação e documentação: Sumário: Apresentação. São Paulo, 2012.

_____. **NBR-6028**: Informação e documentação: Resumo: Apresentação. São Paulo, 2021.

_____. **NBR-6034**: Informação e documentação: Índice: Apresentação. São Paulo, 2004.

_____. **NBR-10520**: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação. São Paulo, 2002.

_____. **NBR-14724**: Informação e documentação: Trabalhos Acadêmicos: Apresentação. São Paulo, 2011.

ALTARWORTHY. Portfolio – imagens de vestimentas litúrgicas. Disponível em: <http://www.altarworthy.com/portfolio.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

ANEL bispo prata F10PN. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/objetos-liturgicos/anel-episcopal/anel-bispo-prata-f10pn>. Acesso em: 22 maio 2025.

ANEL bispo prata natural F7. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/objetos-liturgicos/anel-episcopal/anel-bispo-prata-natural-f7>. Acesso em: 22 maio 2025.

ARCEBISPOS da CNBB Nordeste 2 recebem o pálio arqui episcopal. CNBB NE2, [s.d.]. Disponível em: <https://cnbbne2.org.br/arcebispos-da-cnbb-nordeste-2-recebem-o-palio-arqui episcopal-neste-sabado-29/>. Acesso em: 22 maio 2025.

ATELIER LAVS. Shop – imagens de vestimentas litúrgicas. Disponível em: <https://atelierlavs.com/shop/>. Acesso em: 20 maio 2025.

BARRETE chamalote italiano. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/barrete/barrete-chamalote-italiano>. Acesso em: 22 maio 2025.

BATINA episcopal lã fria italiana BT601. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/batina/batina-episcopal-la-fria-italiana-bt601>. Acesso em: 22 maio 2025.

BATINA mozeta episcopal lã fria preta MZ602. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/batina/mozeta-episcopal-la-fria-preta-mz602>. Acesso em: 22 maio 2025.

BENEDICTUS XVI fanon 2013. Wikimedia Commons, [s.d.]. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Benedictus_XVI_fanon_2013.jpg#mw-jump-to-license. Acesso em: 22 maio 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais; tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos monges. 178. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2009.

CALANCA, Daniela. História social da moda. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

CAPA de asperges Leão Magno CP500. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/capa-de-asperges/capa-de-asperges-leao-magno-cp500>. Acesso em: 22 maio 2025.

CAPA de asperges pontifical CP514. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/capa-de-asperges/capa-de-asperges-pontifical-cp514>. Acesso em: 22 maio 2025.

CARDEAL Tempesta: construindo unidade há 15 anos. Arquidiocese do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://arqrio.org.br/cardeal-tempesta-construindo-unidade-ha-15-anos-ut-omnes-unum-sint/>. Acesso em: 22 maio 2025.

CASULA romana São Pio V CS903. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/casula/casula-romana-sao-pio-v-cs903>. Acesso em: 22 maio 2025.

CASULA tridentina CS057. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/casula/casula-tridentina-cs057>. Acesso em: 22 maio 2025.

CÍNGULO medalha Batipannini 3 italiano com dourado. Clero Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.clerobrasil.com.br/paramentos-liturgicos/cingulos/cingulo-medalha-batipannini-3-italiano-com-dourado>. Acesso em: 22 maio 2025.

CÍNGULO. Diocese de Anápolis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.diocesedeanapolis.org.br/cingulo/>. Acesso em: 22 maio 2025.

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A LITURGIA. As vestes litúrgicas. 1. ed. Brasília: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Catecismo da Igreja Católica. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Introdução geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. 7. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Ritual da iniciação cristã de adultos. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

CONJUNTO coroinha CC202. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/veste-coroinha-e-cerimoniaro/conjunto-coroinha-cc202>. Acesso em: 22 maio 2025.

CRUZ peitoral. Museu de Arte Sacra, Disponível em: <https://museuartesacra.org.br/arte-sacra-na-ourivesaria/>. Acesso em: 22 maio 2025.

DALMÁTICA Caritas DA138. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/dalmatica/dalmatica-caritas-da138>. Acesso em: 22 maio 2025.

DALMÁTICA Natividade DA142. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/dalmatica/dalmatica-natividade-da142>. Acesso em: 22 maio 2025.

DEBOM, Paulo. A moda e o vestuário como objetos de estudo na História. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 013–026, 2019. DOI: 10.5965/25944630332019013. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/15897>. Acesso em: 3 dez. 2024.

DOIS ósculos no anel do pescador. Direto da Sacristia, Disponível em: <http://diretodasacristia.com/home/bento-xvi/dois-oscuros-no-anel-do-pescador/>. Acesso em: 22 maio 2025.

ESTOLA diaconal capa de asperges paroquial ED913. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/estola-diaconal/estola-diaconal-capa-de-asperges-paroquial-ed913>. Acesso em: 22 maio 2025.

GALERO, galerus, pontifical hat. The Philippi Collection, 8 abr. 2011. Disponível em: <https://philippi-collection.blogspot.com/2011/04/galero-galerus-pontifical-hat-and.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

HOMO FABER. LAVS: vestment making in Italy. Disponível em: <https://www.homofaber.com/en/discover/lavs-vestment-making-italy>. Acesso em: 20 maio 2025.

IGREJA celebra neste domingo a vocação dos ministros ordenados. Canção Nova, [s.d.]. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/igreja-celebra-neste-domingo-vocacao-dos-ministros-ordenados/>. Acesso em: 22 maio 2025.

JOÃO XXIII. Humanae salutis: constituição apostólica sobre o início do Concílio Ecumênico Vaticano II. 25 dez. 1961. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

JOÃO PAULO II. *Dominicae cenae: carta sobre a Eucaristia e a Igreja*. 24 fev. 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800224_dominicae-cenae.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia: encíclica sobre a Eucaristia na vida da Igreja*. 17 abr. 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

MANÍPULO. Cordis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/casula/casula-romana-sao-pio-v-cs903>. Acesso em: 22 maio 2025.

MEDIEVAL vestments 1.0: albs, amices and apparels. *Medieval Art Research*, 30 out. 2018. Disponível em: <https://medievalart.co.uk/2018/10/30/medieval-vestments-1-0-albs-amices-and-apparels/>. Acesso em: 22 maio 2025.

MINISTROS ordenados: mensageiros da esperança. Arquidiocese de Passo Fundo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/formacao/artigos/ministros-ordenados-mensageiros-da-esperanca>. Acesso em: 22 maio 2025.

MITRA mariana de Paulo VI. *Liturgical Arts Journal*, 2022. Disponível em: <https://www.liturgicalartsjournal.com/2022/03/the-marian-miter-of-paul-vi-gift-from.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

MOZETA e mantelete. *Pílulas Litúrgicas*, 2020. Disponível em: <http://pilulasliturgicas.blogspot.com/2020/08/a-mozeta-e-o-mantelete.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

NORRIS, Herbert. *Church vestments: their origin and development*. New York: E. P. Dutton & Co. Inc., 1950.

PACI, Sara Piccolo. *História das vestes litúrgicas: forma, imagem e função*. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

PAULO VI. *Epilogo do Concílio Vaticano II*. 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

PIO XI. *Quas primas: encíclica sobre a realeza de Cristo*. 11 dez. 1925. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Introdução ao espírito da liturgia*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

RACIONAL. Liturgical Arts Journal, 2020. Disponível em: <https://www.liturgicalartsjournal.com/2020/02/the-rationale.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

QUIROTECAS. Liturgical Arts Journal, 2018. Disponível em: <https://www.liturgicalartsjournal.com/2018/07/pontifical-gloves-brief-history-and.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

ROQUETE renda litúrgica PX 60cm RO001. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/sobrepeliz/roquete-renda-liturgica-px-60-cm-ro001>. Acesso em: 22 maio 2025.

SAGRADO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. A liturgia e sua beleza. 2 fev. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2004/documents/ns_lit_doc_20040202_liturgia-bellezza_it.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

SAGRADO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Dei Verbum: constituição dogmática sobre a revelação divina. 18 nov. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

SAGRADO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a liturgia sacra. 4 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 3 dez. 2024.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Cerimonial dos Bispos: cerimonial da Igreja. São Paulo: Paulus, 2001.

SANDÁLIAS pontificais: história. Liturgical Arts Journal, 2018. Disponível em: <https://www.liturgicalartsjournal.com/2018/07/pontifical-sandals-brief-history-and.html>. Acesso em: 22 maio 2025.

SEGALEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

SOLIDEU episcopal SL003. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/solideu/solideu-episcopal-sl003>. Acesso em: 22 maio 2025.

SOBREPeliz renda entremeio Ad Laudem SO042. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/sobrepeliz/sobrepeliz-renda-entremeio-ad-laudem-so042>. Acesso em: 22 maio 2025.

TÚNICA alva tradicional com prega TU008. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/tunica/tunica-alva-tradicional-com-prega-tu008>. Acesso em: 22 maio 2025.

TÚNICA alva renda forrada tridentina TU014. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/tunica/tunica-alva-renda-forrada-tridentina-tu014>. Acesso em: 22 maio 2025.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA; FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA. Thesaurus: vocabulário de objectos do culto católico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança, 2004.

VATICAN NEWS. Concílio Vaticano II: aggiornamento e Sacrosanctum Concilium. 28 ago. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

VÉU de ombros paroquial VO262. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/veu-umeral/veu-de-ombros-paroquial-vo262>. Acesso em: 22 maio 2025.

VIMPA cor bege VP501. Cordis, Disponível em: <https://www.cordis.com.br/paramentos-liturgicos/mitra/vimpa-cor-bege-vp501>. Acesso em: 22 maio 2025.

APÊNDICE

DISCURSO COMPLEMENTAR

Professo-vos nesta ocasião, o que havia na minha mente e coração ao aceitar este empreendimento: Se é que havia outro motivo para graduar-me em moda, não me recordo, digo-vos apenas que almejava ser feito alfaiate. Que admiração tenho, desde que me entendo por mim, por esse ofício! Nada mais queria além de aprender a profissão.

É conhecida por ser uma das ocupações mais antigas que existem, e ousou dizer que houve alfaiates em todas as eras. Afinal, a roupa não surgiu, como muito se pensa, apenas para que o homem se proteja das intempéries deste mundo, mas para que seu corpo fosse adornado: O indumento, quando tem um corpo como suporte, é um símbolo de distinção. Pergunto-me, não há acima do rei uma coroa? E não é ele revestido por um manto? De fato, continuaria ele a ser rei mesmo sem seus trajes áulicos, mas o difere de sua corte, o destaca e imprime caráter. Do mesmo modo, não é o hábito que faz um monge, mas é através de seu hábito que o monge se distingue do mundo. Pois o diferencia e o protege.

Enfim, eu desejava revestir os homens através de sua peculiaridade, num labor antigo e tradicional, e esta é a profissão que me foi confiada, é uma tradição que me alegra ao tomar parte. Portanto, não há culpas neste projeto, pois dediquei-me e ocupei meu tempo em falar daqueles que tem caráter imprimido no próprio espírito; pois diferente dos homens deste mundo, que terão seus trajes comidos pelas traças, preferiram ser revestidos por vestes alvíssimas e incorruptíveis, que são recompensa no Reino dos Céus.

Brilham-me os olhos ao pensar, que poderia eu vestir os homens que vêm em nome do Senhor, isto é, os sacerdotes! Reis ungidos na glória de Cristo, homens de autoridade tão sublime, que nem aos anjos foi confiada, posto que são capazes de perdoar as nossas faltas e ofensas contra Deus! Pontes para a salvação são eles, que deram sua própria vida por amor aos amigos! Louvado seja o Senhor por tantas santas vocações que desperta no coração dos homens.

Confesso que fui questionado, por conta da escolha não muito usual de tema - "Quer fazer roupa de padre?" Muitas vezes já ouvi, acompanhado de olhares enviesados. Mas que grande luz despertou o Senhor no meu coração, para que eu

não dissertasse sobre os poderosos deste mundo, mas aos que escolheram servir a todos.

Aliás, acredito que seja um questionamento, o que tem as vestes com o Cristo? Isto procurei sanar e explicitar ao iniciar este trabalho, em seu título mesmo: no auge da Celebração Eucarística, isto é, a Santa Missa, as espécies de pão e vinho são transubstanciados e se tornam verdadeiramente o preciosíssimo Corpo e o Sangue de Nosso Senhor - "Tomai todos e comei, isto é o meu Corpo, que será entregue por vós."¹⁴⁶ – a veste é o que há de mais próximo ao corpo, e há referência das propriedades contidas nas vestes de Cristo, em virtude do seu melífero Corpo, como no episódio no qual uma mulher que sofria de hemorragia há 12 anos, foi curada de seu corrimento por tocar as vestes do Senhor,¹⁴⁷ além dos doentes que eram levados a Sua Majestade, para que pudessem ao menos tocar a barra de seu manto.¹⁴⁸ Além da Transfiguração do Senhor no monte Tabor, onde suas vestes se tornaram brancas como a neve, tal qual nenhuma lavadeira poderia fazê-lo.¹⁴⁹

Mas o que poderia ser dito da dolorosíssima Paixão? Na qual após ser julgado por Herodes, revestiram-no com uma veste reluzente, para que fosse maior desatino, e mandaram-no novamente a Pôncio Pilatos, chamando-o Rei dos Judeus em zombaria. Também narra o Evangelho a sua coroação com uma guirlanda de espinhos, onde o Senhor foi revestido por uma púrpura, um manto usado pela nobreza e realeza, para que fosse maior humilhação à sua Majestade. Até, desnudarem-no por completo, e repartir as suas vestes como prêmio.¹⁵⁰ Em suma, afirmo com embasamento que não nos faltam referências as vestes na Santa Escritura.

Por fim, afirmo que se neste empreendimento tive alguma pretensão, esta não escapou de revestir o Senhor, para que não sinta frio nas noites que passou ao relento,¹⁵¹ e para adorá-lo como rei quando despido em sua Paixão.¹⁵² Peço perdão se, em qualquer momento, por minha terrível ignorância, me desvie da fé de sempre

¹⁴⁶ Mateus 26, 26.

¹⁴⁷ Mateus 9, 20 – 22.

¹⁴⁸ Marcos 6, 55 – 56.

¹⁴⁹ Lucas 9, 28 – 36.

¹⁵⁰ Lucas 23; Mateus 27; Marcos 15; João 19.

¹⁵¹ Lucas 9, 58.

¹⁵² João 19, 23 – 24.

e declaro absolutamente a minha cega lealdade a Igreja que é Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana

ROTEIRO USADO NAS ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Função:

Tempo de Serviço:

Paróquia:

- Na sua opinião, qual é a importância das vestes para a liturgia?
- Onde e como as vestes costumam ser adquiridas?
- As vestes são compartilhadas, ou cada ministro tem sua própria veste?
- Ao adquiri-las, o que te chama atenção ao optar por aquela veste?
- Há algo que poderia ser aprimorado em relação às vestes litúrgicas?